DIÁLOGO

EDIÇÃO 2023

A ABORDAGEM DA CHINA À GOVERNANÇA GLOBAL

MEIO AMBIENTE E ECONOMIA MUNDIAL EM PERIGO

ENQUANTO A OBOR ENFRENTA OBSTÁCULOS, XI PROCURA SE REINVENTAR

4 **Carta de boas-vindas**
Welcome letter

6 **“Juntos somos mais fortes - Democracia em equipe”**
‘Stronger Together – Team Democracy’

14 **América Latina e Caribe podem confiar na China como parceiro de negócios?**
Can Latin America and the Caribbean Trust China as a Business Partner?

20 **Ordem mundial de transição: implicações para a América Latina e o Caribe**
The Transitional World Order: Implications for Latin America and the Caribbean

28 **Eles disseram**
In Their Words

32 **Uma rota, grandes dívidas**
One Road, Big Debts

38 **Enquanto OBOR enfrenta mais obstáculos, Xi pode estar visando à renovação da marca**
As OBOR Faces more Hurdles, Xi May Be Eyeing Another Rebranding

42 **Prioridades estratégicas cambiantes da China na América Latina: do poder brando à forte concorrência de poder**
China’s Changing Strategic Priorities in Latin America: From Soft Power to Sharp Power Competition

48 **Avanço digital da China na América Latina**
China’s Digital Advance in Latin America

56 **Pesca ilegal desenfreada da China coloca em risco o meio-ambiente e a economia globais**
China’s Rampant Illegal Fishing Is Endangering the Environment and the Global Economy

60 **Rede portuária chinesa avança na América Latina**
China’s Network of Ports Grows in Latin America

64 **China: uma ameaça para o meio ambiente e direitos humanos na América Latina**
China: A Threat to the Environment and Human Rights in Latin America

68 **Promessa contínua de ser um parceiro de confiança para os povos da América Latina e do Caribe**
Continuing Promise to be a Trusted Partner to the Latin American and Caribbean People

U.S. MARINE CORPS CORPORAL JONATHAN GONZALEZ

72 **SOUTHCOM comemora o 25º aniversário de sua Iniciativa de Direitos Humanos**
SOUTHCOM Commemorates 25th Anniversary of Its Human Rights Initiative

76 **Brasil sedia a 63ª edição da Operação UNITAS**
Brazil Hosts 63rd Edition of Exercise UNITAS

80 **PISAJ 17 reforça atuação conjunta e interoperabilidade**
PISAJ 17, Strengthening Jointness and Interoperability

84 **Exercício Guardião Cibernético fortalece parcerias em defesa cibernética**
Cyber Guardian Exercise Strengthens Cyber Defense Partnerships

88 **Submarinos do Peru, aliados estratégicos dos EUA**
Peru's Submarines, Strategic US Allies

ENQUETE

Queremos ouvir a sua opinião!

Digitalize o código QR para participar de uma breve pesquisa.

Diálogo-Américas

DIÁLOGO

Fórum das Américas
Forum of the Americas

Diálogo: Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada pelo Comando Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina e no Caribe. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários da *Diálogo*, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa americano determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa dos EUA.

Diálogo: The Forum of the Americas is a professional military magazine published by U.S Southern Command as an international forum for military personnel and security forces in Latin America and the Caribbean. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other U.S. government agency. All articles are written by *Diálogo's* staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that the publication of this magazine is necessary to conduct public business as required of the Department of Defense by law.

Contate-nos/Contact Us
dialogo@dialogo-americas.com

DIÁLOGO
9301 NW 33rd Street
Doral, FL 33172
USA
www.dialogo-americas.com

CAPA: Colagem criada por Kimberly Lanham, Multimedia Support Detachment, D Co, 3rd POB (A) (D) 8th POG (A) Multimedia Complex Ft. Bragg, NC

ON THE COVER: Collage created by Kimberly Lanham, Multimedia Support Detachment, D Co, 3rd POB (A) (D) 8th POG (A) Multimedia Complex Ft. Bragg, NC

Copydesk: Erica Norimar Denz, Danny Gomes, Nathalie Gouillou, Raúl Sánchez-Azuara.

Para mim, é um privilégio apresentar esta edição exclusiva da revista *Diálogo* e agradecer a todos os nossos parceiros no hemisfério ocidental pelo extraordinário trabalho que realizam diariamente para manter a paz e a segurança em nossa vizinhança comum.

Nos últimos meses, a equipe do Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM) se comprometeu com as nações parceiras, incentivando uma cooperação eficaz para combater as ameaças à segurança regional, promover o respeito aos direitos humanos e fomentar a inclusão dos ideais das mulheres, da paz e da segurança nas forças militares e de segurança. Os Estados Unidos estão trabalhando com os parceiros da América Latina e do Caribe para enfrentar desafios mútuos e construir um sistema de defesa regional forte e integrado, baseado em valores compartilhados e em uma governança democrática, eficaz e responsável.

O objetivo do SOUTHCOM é ser um parceiro confiável e pronto para as missões, trabalhando em colaboração para garantir que o hemisfério ocidental seja seguro, livre e próspero. Atingir este objetivo não é uma tarefa fácil, mas estamos empenhados em construir nossa equipe, determinados a fortalecer as parcerias e confiantes de que juntos podemos enfrentar nossas ameaças comuns.

Nas páginas seguintes, você encontrará artigos, entrevistas e citações que enfatizam a importância de escolher parceiros confiáveis. A edição deste ano da revista *Diálogo* oferece informações perspicazes sobre a visão do Partido Comunista Chinês (PCC) para uma nova ordem mundial; o reposicionamento da iniciativa Um Cinturão e Uma Rota, para encobrir suas dívidas consideráveis; a mudança das prioridades estratégicas da China de soft power para uma forte concorrência de poder; as preocupações com a privacidade digital e o impacto devastador no crescimento econômico, na segurança alimentar e nos ecossistemas provocados pelo investimento digital chinês na região; e o crescimento da rede portuária da China e suas ameaças ao meio ambiente e aos direitos humanos na América Latina.

Além disso, encontrará exemplos dos esforços combinados de nossas equipes em toda a região para apoiar as necessidades críticas das nações parceiras, com respostas como a missão Promessa Contínua do USNS Comfort e a Iniciativa de Direitos Humanos do SOUTHCOM. Por último, você encontrará exemplos de como as nações parceiras estão se reunindo para compartilhar seus conhecimentos e aprender umas com as outras, durante exercícios multinacionais e intercâmbios de especialistas no assunto.

A Colômbia e os Estados Unidos reforçaram suas relações militares ao melhorar as capacidades nas áreas de atuação conjunta e interoperabilidade, durante o Exercício Relâmpago. Sob o Plano de Ação EUA-Colômbia, a Colômbia forneceu treinamento e assistência de prontidão aos países da América Central, América do Sul e Caribe. Também contribuiu para promover as iniciativas de desenvolvimento profissional dos graduados e das mulheres, da paz e da segurança, muitas vezes dando um exemplo. De fato, em setembro de 2022, a Subtenente Consuelo Díaz Álvarez foi nomeada a primeira mulher a ocupar o cargo de Subtenente Adjunta de Comando do Estado-Maior Conjunto das Forças Militares da Colômbia.

Em 2022, o Brasil sediou a 63ª iteração do Exercício UNITAS, o exercício de segurança marítima multinacional mais antigo do mundo. O Brasil também reuniu cerca de 450 representantes regionais de 110 instituições militares, organizações civis e empresas, para participar do Exercício Guardião Cibernético. O Peru também participou do altamente valorizado Exercício Combinado de Submarinos Diesel, adquirindo experiência relevante e promovendo a interoperabilidade entre as forças navais da América Latina e do Caribe.

Como parceiros, devemos manter uma presença colaborativa consistente e uma atenção focada em toda a nossa região. Ao fortalecer nossos laços no hemisfério, podemos construir uma equipe multinacional capaz de resolver problemas endêmicos, com a capacidade de mitigar os emergentes. Precisamos de sua criatividade, energia e idealismo, e valorizamos profundamente suas idéias sobre como tornar nossa região mais segura e próspera, ao mesmo tempo em que tornamos a democracia eficaz e resiliente para nossos cidadãos. Juntos, podemos construir um hemisfério mais forte para todos nós.

Obrigada por tudo que vocês fazem em busca de nossos interesses comuns no hemisfério ocidental.

Sinceramente,

General de Exército Laura J. Richardson
Exército dos Estados Unidos
Comandante do Comando Sul dos EUA

It is my privilege to present this exclusive edition of *Diálogo* Magazine and to say thank you to all of our partners throughout the Western Hemisphere for the extraordinary work you accomplish every day to maintain peace and security in our shared neighborhood.

Over the last few months, the U.S. Southern Command (SOUTHCOM) team has engaged with partner nations, enabling effective cooperation to counter regional security threats; promote respect for human rights; and foster the inclusion of Women, Peace, and Security ideals into military and security forces. The United States is working with our partners in Latin America and the Caribbean to address mutual challenges and to build a strong, integrated regional defense system based on shared values and effective, accountable, democratic governance.

SOUTHCOM's objective is to be a mission-ready and trusted partner, working collaboratively to ensure the Western Hemisphere is secure, free, and prosperous. Achieving this objective is not an easy task, but we are committed to building our team, determined to strengthening partnerships, and confident that together we can counter our common threats.

In the following pages, you will find articles, interviews, and quotes emphasizing the importance of choosing reliable partners. This year's edition of *Diálogo* Magazine provides insightful information on the Chinese Communist Party's (CCP) vision for a new world order; the rebranding of the One Belt, One Road initiative to cover up its sizable debts; the shift of China's strategic priorities from soft power to sharp power competition; the digital privacy concerns and devastating impact to economic growth, food security, and the ecosystems brought on by Chinese digital investment in the region; and the growth of China's network of ports and their threat to the environment and human rights in Latin America.

Additionally, you will find examples of the combined efforts of our teams across the region to support critical partner nation needs with responses such as the USNS Comfort's Continuing Promise mission and SOUTHCOM's Human Rights Initiative. Lastly, you will find examples of how partner nations come together to share their expertise and learn from one another during multinational exercises and subject matter expert exchanges.

Colombia and the United States have bolstered their military relationship by enhancing capabilities in the areas of jointness and interoperability during Exercise Relampago. Under the U.S.-Colombia Action Plan, Colombia has provided training and readiness assistance to countries in Central America, South America, and the Caribbean. It has also contributed to promoting noncommissioned officer professional development and Women, Peace, and Security initiatives, often setting an example. In fact, in September 2022, Joint Command Sergeant Major Consuelo Díaz Álvarez was appointed as Colombia's first female Senior Enlisted Advisor to the Chairman of the Joint Chief of Staff.

In 2022, Brazil hosted the 63rd iteration of Exercise UNITAS, the world's longest-running, multinational maritime security exercise. Brazil also brought together some 450 regional representatives from 110 military institutions, civil organizations, and companies to participate in the Cyber Guardian Exercise. Peru also participated in the highly valued combined Diesel Submarine Exercise, gaining relevant experience and fostering interoperability across Latin American and Caribbean naval forces.

As partners, we must maintain a consistent collaborative presence and focused attention across our region. By strengthening our ties in the hemisphere, we can build a multinational team capable of solving endemic problems, with the capacity to mitigate emerging ones. We need your creativity, energy, and idealism, and we deeply value your ideas on how to make our region more secure and prosperous while rendering democracy effective and resilient for our citizens. Together we can build a stronger hemisphere for all of us.

Thank you for all you do in pursuit of our shared interests in the Western Hemisphere.

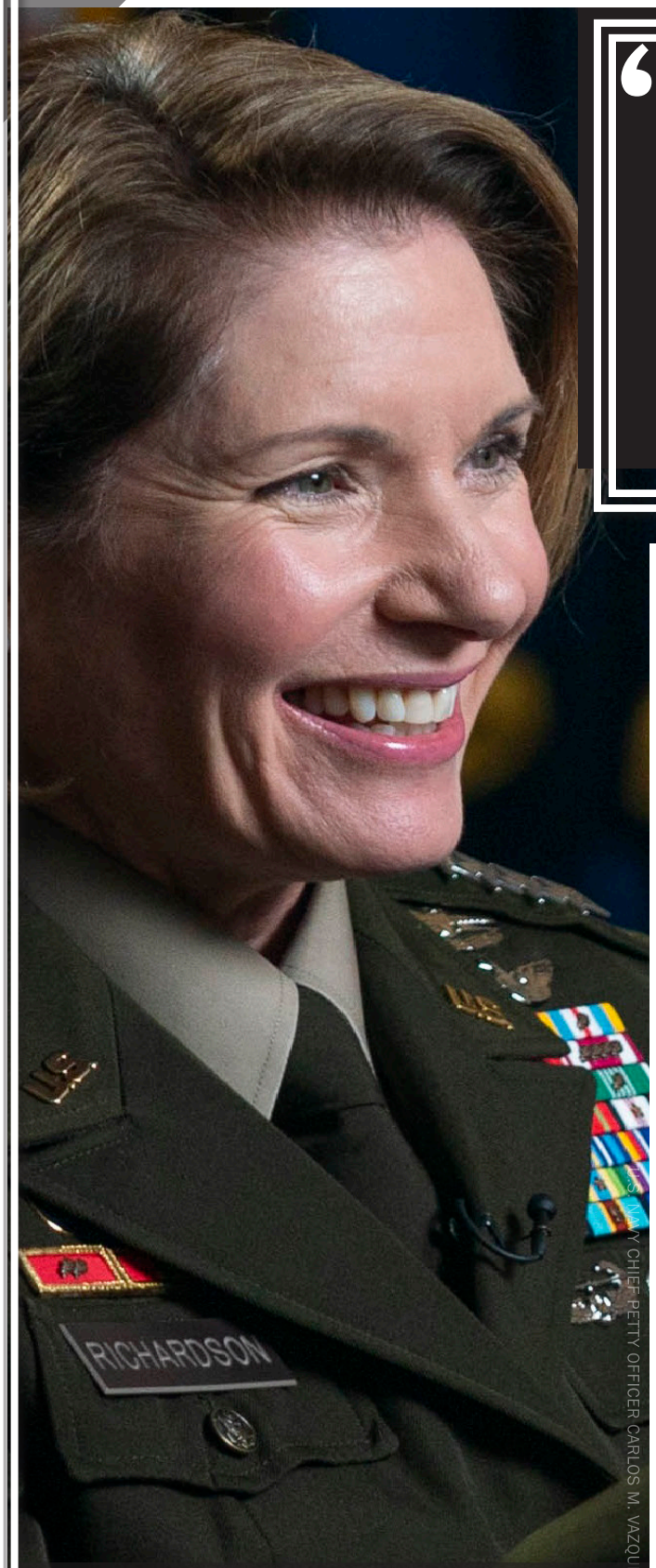
Sincerely,

Laura J. Richardson
General, U.S. Army
Commander, U.S. Southern Command

"MAIS FORTES JUNTOS"

DEMOCRACIA EM EQUIPE

Geraldine Cook/*Diálogo*



U.S. NAVY CHIEF PETTY OFFICER CARLOS M. VAZQUEZ II

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, fala durante a mesa-redonda "Além das Primícias: Capacitando a Força do Futuro", em 6 de março de 2023, em comemoração ao Mês da História da Mulher.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, speaks during the "Beyond Firsts: Powering the Future Force" panel discussion, in celebration of Women's History Month, March 6, 2023.

Desde que assumiu o comando do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), em 29 de outubro de 2021, a General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, tem se concentrado no fortalecimento das relações militares com a América Latina e o Caribe.

A Gen Ex Richardson, a primeira mulher a liderar o SOUTHCOM e a terceira a liderar um dos 11 comandos unificados de combate das Forças Armadas dos EUA, falou com *Diálogo* sobre a forte relação entre os Estados Unidos e as nações parceiras e as ameaças estratégicas decorrentes de atores estatais externos (ESAs), entre outras, na região.

Diálogo: Em 29 de outubro de 2021, você assumiu a liderança do Comando Sul dos EUA, tornando-se a primeira mulher a ocupar esse cargo. Que impacto acha que terá seu mandato como comandante do SOUTHCOM sobre as mulheres das forças armadas de patentes juniores e as mulheres militares do SOUTHCOM em particular?

General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM: As mulheres têm feito contribuições importantes para nossas forças militares dos EUA por muitas décadas. Embora tenha levado tempo para que as portas se abrissem, as mulheres de hoje estão servindo com distinção em todas as nossas forças, abrindo o caminho para que outras as sigam. Acho que o progresso que estamos fazendo está indo além das primícias, em direção a forças armadas que recrutam, retêm, treinam e promovem membros talentosos de todo o espectro do capital humano da nação.

Louvo as mulheres que atualmente servem em nossas forças armadas dos EUA, assim como as que servem nas forças militares e de segurança pública de nossos parceiros democráticos. Vocês escolheram uma profissão honrosa e exemplificam conquistas inovadoras para as mulheres das gerações futuras.

Cada mulher é a pessoa que terá o maior impacto em sua carreira, portanto, as mulheres devem se esforçar para alcançar a excelência em cada função e responsabilidade que assumam. A

excelência no desempenho de suas funções é o melhor caminho para o sucesso e a melhor maneira de provar que você está pronta para o próximo desafio.

Nunca deixe que o preconceito ou a negatividade dite o quão alto você estabelece suas aspirações e objetivos. Você deve saber o que quer realizar e trabalhar para alcançar essas metas. Você deve acreditar em si mesma, confiar e valorizar-se, se quiser que seus colegas e superiores façam o mesmo.

Diálogo: Desde que assumiu o comando, a senhora teve a oportunidade de viajar para a maioria dos países da área de responsabilidade (AOR) do SOUTHCOM. Qual é sua avaliação da região até agora? Como os parceiros regionais dos EUA se beneficiaram com o treinamento militar, a assistência humanitária e a parceria com os Estados Unidos?

Gen Ex Richardson: Depois de viajar por toda a região e reunir-me com muitos de nossos parceiros, posso dizer que o hemisfério ocidental é uma região de pessoas incríveis, culturas vibrantes, rica história e paisagens espetaculares. É uma região viva com a promessa da democracia, embora também enfrente desafios do século 21, como o crime organizado transnacional, a violência das gangues, as ameaças cibernéticas, a migração irregular, as mudanças climáticas e os efeitos debilitantes da pandemia da COVID-19.

Durante décadas, o SOUTHCOM tem trabalhado estreitamente com parceiros democráticos da região, conduzindo atividades de treinamento militar, assistência humanitária, resposta a desastres, intercâmbios de especialistas no assunto e muitas outras atividades de cooperação em matéria de segurança. Todos os anos, muitas nações participam de exercícios patrocinados pelo SOUTHCOM, tais como UNITAS e TRADEWINDS, permitindo que nossas unidades militares aprimorem suas habilidades e desenvolvam a interoperabilidade através do treinamento conjunto.

Para ajudar nossas nações parceiras na preparação para desastres, o SOUTHCOM financiou e doou 66 Centros de Operações de Emergência para 18 países em toda a região. Também doamos equipamentos e treinamento para a defesa civil

'STRONGER TOGETHER, TEAM DEMOCRACY'

Geraldine Cook/*Diálogo*

Since assuming command of U.S. Southern Command (SOUTHCOM) in October 29, 2021, U.S. Army General Laura J. Richardson has focused on strengthening military relationships with Latin America and the Caribbean.

Gen. Richardson, the first woman to lead SOUTHCOM and only the third to lead one of the U.S. military's 11 unified combatant commands, spoke with *Diálogo* about the strong relationship between the United States and partner nations and strategic threats arising from external state actors (ESAs), among others, in the region.

Diálogo: On October 29, 2021, you assumed command of U.S. Southern Command, becoming the first woman ever to hold that position. What impact do you think your tenure as SOUTHCOM commander will have on junior-ranking military women and military women at SOUTHCOM in particular?

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander: **Women have been making important contributions to our U.S. military forces for many decades. Although it took time for doors to open, today's women are serving with distinction across our forces, paving the way for others to follow. I think the progress we're making is moving beyond firsts, toward an armed forces that recruits, retains, trains, and advances talented members from the entire spectrum of the nation's human capital.**

I commend the women currently serving in our U.S. armed forces, as well as those serving in the militaries and public security forces of our democratic partners. You have chosen an honorable profession and exemplify groundbreaking achievement to women of future generations.

Each woman is the person who will have the greatest impact on her career, so women should strive for excellence in every role and responsibility they assume. Excellence in the performance of your duties is the best pathway to success and the best way to prove you are ready for the next challenge.

Never let bias or negativity dictate how high you set your

U.S. NAVY MASS COMMUNICATION SPECIALIST THIRD CLASS ERICA BECHARD

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, e o Almirante de Esquadra Renato Rodrigues de Aguiar Freire, presidente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas do Brasil, saúdam enquanto caminham até a entrada do quartel-general do SOUTHCOM, em 13 de março de 2023.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, and Navy Admiral Renato Rodrigues de Aguiar Freire, chairman of the Joint Chiefs of Staff of the Brazilian Armed Forces, salute as they walk to the entrance of SOUTHCOM's headquarters on March 13, 2023.

U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, posa com os pilotos do Exército da Colômbia, durante a primeira viagem da comandante à Colômbia, de 16 a 18 de novembro de 2021.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, poses with Colombian Army pilots, during the commander's first trip to Colombia, November 16-18, 2021.

e pessoal de resposta a emergências, mais recentemente no Chile, onde um súbito surto de incêndios florestais causou tragicamente a morte de dezenas de vítimas, afetou mais de 7.000 cidadãos e destruiu ou danificou milhares de casas.

Fornecemos assistência similar em matéria de segurança, para ajudar nossos parceiros a interromper o tráfico ilícito e a gama de atividades criminosas mortíferas financiadas por organizações criminosas transnacionais. Com nosso apoio, eles estão contribuindo de forma cada vez maior para as operações internacionais contra cartéis criminosos e suas redes de facilitadores. De fato, nossos parceiros internacionais participaram de 76 por cento das interdições facilitadas pela Força de Tarefa Interagencial Conjunta Sul, retirando 475.000 quilos de cocaína das zonas de trânsito.

Para mim está claro que somos mais fortes juntos! Isto é o que eu gosto de chamar de Democracia de Equipe e há muitos países e pessoas nesta equipe. Devemos continuar trabalhando junto com nossas nações parceiras, para enfrentar os numerosos desafios que enfrenta o hemisfério ocidental e garantir que a região cumpra sua promessa de liberdade e prosperidade para seus cidadãos.

Diálogo: O que torna o relacionamento entre os Estados Unidos e seus parceiros regionais tão forte?

Gen Ex Richardson: Nossas nações nasceram sob circunstâncias similares: um desejo de autogoverno, um forte senso de soberania e um anseio por democracia. Nossos povos estão ligados pelo DNA. A população atual dos Estados Unidos inclui mais de 18 milhões de pessoas nascidas na América Latina e no Caribe; e mais de 62 milhões de pessoas em nosso país, ou seja, 18 por cento de nossa população se identificam como hispânicos ou latinos. Em todo o nosso hemisfério, as nações estão inextricavelmente unidas pela proximidade e pelos laços econômicos, sociais e culturais de longa data. Os Estados Unidos e nossas nações parceiras têm alimentado esses importantes laços ao longo de muitas décadas, trabalhando juntos em benefício de todos os nossos cidadãos.

Hoje, nosso hemisfério enfrenta numerosos perigos transversais, de multi-domínio e ambientais, que são tão complexos que excedem as capacidades de qualquer nação para enfrentá-los

aspirations and goals. You should know what you want to accomplish and work toward those goals. You must believe in, trust, and value yourself if you want your peers and superiors to do the same.

Diálogo: Since assuming command, you've had the opportunity to travel to most of the countries in SOUTHCOM's area of responsibility (AOR). What is your assessment of the region so far? How have U.S. regional partners benefited from U.S. military training, humanitarian assistance, and partnership?

Gen. Richardson: After traveling across the region and meeting with many of our partners, I can say that the Western Hemisphere is a region of amazing people, vibrant cultures, rich history, and spectacular scenery. It is a region alive with the promise of democracy, while also beset with 21st century challenges such as transnational organized crime, gang violence, cyber threats, irregular migration, climate change, and the debilitating effects of the COVID-19 pandemic.

For decades, SOUTHCOM has worked closely with democratic partners in the region, conducting military training, humanitarian assistance, disaster response, subject matter expert exchanges, and many other security cooperation activities. Each year, many nations participate in SOUTHCOM-sponsored exercises such as UNITAS and TRADEWINDS, enabling our military units to hone their skills and develop interoperability through joint training.

To assist our partner nations with preparing for disasters, SOUTHCOM has funded and donated 66 Emergency Operations Centers to 18 countries throughout the region. We've also donated equipment and training for civil defense and emergency response personnel, most recently in Chile, where a sudden surge in wildfires has tragically killed dozens of victims, affected more than 7,000 citizens, and destroyed or damaged thousands of homes.

We've provided similar security assistance to help our partners disrupt illicit trafficking and the range of deadly criminal activities financed by transnational criminal organizations. With our support, they are contributing in ever-increasing ways to international operations against criminal

sozinha. A interoperabilidade e a cooperação multinacionais são mais cruciais do que nunca para enfrentar estes desafios, salvaguardar a democracia e melhorar a segurança na região. Por todas estas razões, os Estados Unidos e nossos parceiros democráticos regionais continuamos a fortalecer nossos laços e trabalhar juntos para promover um hemisfério ocidental estável e seguro. Reconhecemos que devemos nos manter unidos coletivamente contra as ameaças à nossa vizinhança compartilhada.

Diálogo: Em várias ocasiões, a senhora se referiu às ações predatórias e à influência maligna dos ESAs, como a China, a Rússia e o Irã na América Latina. Como estes ESAs estão explorando a região e quais são algumas das ameaças mais imediatas?

Gen Ex Richardson: Nossos adversários utilizam uma abordagem multidisciplinar e multidomínio para minar a democracia e explorar a região. Hoje, o Partido Comunista Chinês (PCC) tem a capacidade e a intenção de promover o autoritarismo e acumular poder e influência às custas das democracias existentes e emergentes de nosso hemisfério. As organizações ligadas ao PCC fazem uso de políticas econômicas predatórias e práticas exploratórias para exercer influência política a fim de obter acesso e influência em toda a região.

O que mais me preocupa são os investimentos do PCC em projetos cruciais de infraestrutura, como portos, telecomunicações e instalações de infraestrutura espacial, que têm um potencial de dupla utilização para atividades comerciais e militares malignas. Por exemplo, os projetos de infraestrutura espacial também podem ser usados para rastrear, monitorar e interromper os sistemas de satélites. As empresas estatais do PCC (SOEs) também estão desenvolvendo portos de águas profundas em 17 países, particularmente em torno de pontos estratégicos de estrangulamento marítimo na região. E os prestadores de serviços de tecnologia da informação e comunicação baseados no PCC continuam responsáveis perante o PCC, que sujeita as empresas nacionais a amplas leis de inteligência e segurança nacional, que fornecem uma porta traseira para informações sensíveis sobre cidadãos estrangeiros, operações governamentais e empresas.

O esforço do PCC para extrair os recursos naturais da América do Sul para sustentar sua própria população de 1,4 bilhões de pessoas é feito às custas de nossos parceiros e seu povo. Essas ações têm o potencial de desestabilizar a região e corroer as condições fundamentais necessárias para investimentos de qualidade do setor privado. O PCC também subsidia e se beneficia da pesca ilegal, não declarada e não regulamentada, do corte ilegal de madeira e da mineração ilegal, que causam danos ao meio ambiente a longo prazo, alimentam crimes contra a humanidade e minam empresas e indústrias legítimas.

Outros atores maliciosos, como a Rússia e o Irã, corroem a segurança regional. A Rússia, por exemplo, continua suas extensas campanhas de desinformação para reforçar os regimes autoritários de Cuba, Nicarágua e Venezuela. Apesar da propaganda antidemocrática da Rússia, os regimes que favorecem o autoritarismo são uma minoria neste hemisfério de nações

cartels and their network of enablers. In fact, our international partners have participated in 76 percent of disruptions facilitated by Joint Interagency Task Force South, removing 475,000 kilograms of cocaine from transit zones.

It is clear to me that we are stronger together! This is what I like to call Team Democracy — and there are a lot of countries and people on this team. Along with our partner nations, we must continue to work together to meet the many challenges that confront the Western Hemisphere and ensure the region fulfills its promise of freedom and prosperity for its citizens.

Diálogo: What makes the relationship between the U.S. and regional partners so strong?

Gen. Richardson: Our nations were born out of similar circumstances: a desire for self-governance, a strong sense of sovereignty, and a yearning for democracy. Our people are linked by DNA. The current population of the United States includes more than 18 million people born in Latin America and the Caribbean; and more than 62 million people in our country, or 18 percent of our population, identify as Hispanic or Latino. Across our hemisphere, nations are inextricably linked by proximity and long-standing economic, social, and cultural ties. The U.S. and our partner nations have nurtured those important ties over many decades by working together for the benefit of all our citizens.

Today, our hemisphere is confronted by many cross-cutting, multidomain, and environmental hazards that are so complex they exceed the capabilities of any one nation to address. Interoperability and multinational cooperation are more critical than ever to confront these challenges, safeguard democracy, and improve security in the region. For all these reasons, the U.S. and our regional democratic partners continue to strengthen our ties and work together to promote a stable and secure Western Hemisphere. We recognize that we must stand together collectively against threats to our shared neighborhood.

Diálogo: On several occasions, you've referred to the predatory actions and malign influence of ESAs such as China, Russia, and Iran in Latin America. How are these ESAs exploiting the region and what are some of the most immediate threats?

Gen. Richardson: Our adversaries use a multidisciplinary and multidomain approach to undermine democracy and exploit the region. Today, the Chinese Communist Party (CCP) has the capability and intent to advance authoritarianism and amass power and influence at the expense of existing and emerging democracies in our hemisphere. Organizations linked to the CCP make use of predatory economic policies and exploitative practices to exert political leverage to gain access and influence across the region.

What concerns me the most are the CCP investments in critical infrastructure projects such as ports, telecommunications, and space infrastructure facilities, which have a potential dual-use for malign commercial and military activity. For example, space-enabling infrastructure

U.S. ARMY SPECIALIST JOSHUA TAECKENS

A General de Exército dos EUA Laura J. Richardson, comandante do SOUTHCOM, dirige-se aos participantes do PANAMAX 2022, na Base Conjunta San Antonio-Fort Sam Houston, em 10 de agosto de 2022.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, addresses participants of PANAMAX 2022, in Joint Base San Antonio-Fort Sam Houston, August 10, 2022.

democráticas e com os mesmos ideais, onde os cidadãos preferem categoricamente e defendem com firmeza os valores e princípios democráticos.

O Irã, o maior Estado patrocinador do terrorismo do mundo, está usando cada vez mais a Venezuela para expandir sua presença. Dado o padrão de violência do regime iraniano contra seus cidadãos e ao redor do mundo, bem como sua história de malfeitoria, sua presença neste hemisfério merece um escrutínio internacional, e nós monitoramos de muito perto sua presença e atividades na região.

As pessoas amantes da paz e da liberdade em nosso hemisfério denunciam firmemente todas as formas e atos de terrorismo. A chave para dissuadir o terrorismo é fortalecer nossa capacidade coletiva de defesa e segurança, e é por isso que a capacitação é um dos principais objetivos de nossa cooperação em matéria de segurança com parceiros de defesa e segurança.

Diálogo: Quais são as outras ameaças e desafios de segurança na AOR do SOUTHCOM que a preocupam, e como está enfrentando essas ameaças e desafios?

Gen Ex Richardson: Além das ameaças à democracia na região representadas pela República Popular da China e Rússia, também vemos a corrupção, os ciberataques e as organizações criminosas transnacionais (TCOs) como ameaças críticas. O SOUTHCOM estima que existam 200 TCOs e quatro grupos terroristas operando em toda a região, ameaçando a segurança dos cidadãos, minando a confiança pública, degradando o Estado de Direito e espalhando a corrupção, o tráfico ilícito e as atividades criminosas no hemisfério ocidental.

Nos últimos anos, as nações ao redor do mundo têm experimentado um aumento dos ataques cibernéticos por atores estrangeiros visando suas infraestruturas, indústrias e serviços

projects can also be used to track, monitor, and disrupt satellite systems. CCP state owned enterprises (SOEs) are also developing deep-water ports in 17 countries, particularly around strategic maritime chokepoints in the region. And CCP-based information and communications-technology service providers remain accountable to the CCP, which subjects domestic companies to broad intelligence and national security laws, which provide a back door to sensitive information about foreign citizens, government operations, and companies.

The CCP's effort to extract South America's natural resources to support their own population of 1.4 billion people is done at the expense of our partners and their people. These actions have the potential to destabilize the region and erode the fundamental conditions needed for quality private sector investment. The CCP also subsidizes and benefits from illegal, unreported, and unregulated fishing (IUUF); illegal logging; and illegal mining, which cause long-term harm to the environment, fuel crimes against humanity, and undermine legitimate businesses and industries.

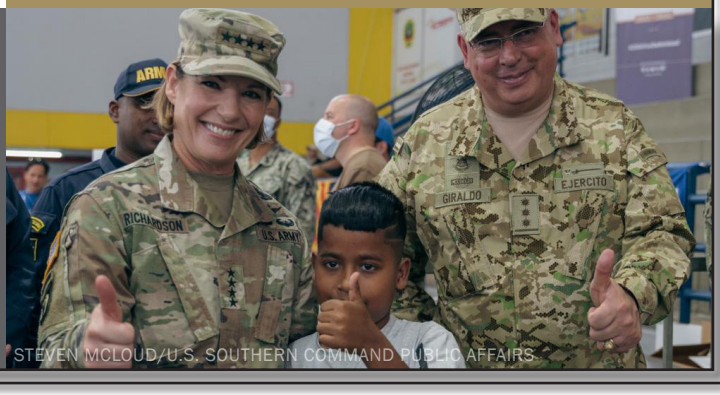
Other malicious actors, such as Russia and Iran, erode regional security. Russia, for example, continues its extensive disinformation campaigns to bolster authoritarian regimes in Cuba, Nicaragua, and Venezuela. Despite Russia's anti-democratic propaganda, regimes that favor authoritarianism are a minority in this hemisphere of like-minded, democratic nations, where citizens categorically prefer and steadfastly defend democratic values and principles.

Iran, the world's largest state sponsor of terrorism, is increasingly using Venezuela to expand its presence. Given the Iranian regime's pattern of violence against its citizens and around the world, as well as its history of malfeasance, their presence in this hemisphere deserves international scrutiny, and we monitor their presence and activities in the region very closely.

The peace and freedom-loving people in our hemisphere

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, e o General de Brigada Helder Fernán Giraldo Bonilla, do Exército da Colômbia, comandante das Forças Militares da Colômbia, cumprimentam os habitantes locais que participaram da visita ao navio hospital USNS Comfort, da Marinha dos EUA, em apoio à missão humanitária Promessa Contínua 2022, em Cartagena, em 14 de novembro de 2022.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, and Colombian Army Major General Helder Fernán Giraldo Bonilla, commander of the Colombian Military Forces, greet local visitors of U.S. Navy hospital ship USNS Comfort, as part of the Continuing Promise 2022 humanitarian mission in Cartagena, November 14, 2022.



STEVEN MCLOUD/U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

SENIOR MASTER SARGENT STEPHEN CARUSO/U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

A General de Exército dos EUA Laura J. Richardson, comandante do SOUTHCOM, dirige-se aos participantes durante a cerimônia de abertura da Conferência Sul-Americana de Defesa 2022 (SOUTHDEC 22). A Gen Ex Richardson juntou-se aos líderes da defesa de 10 nações para discutir os desafios de segurança e a cooperação regional, de 14 a 15 de setembro de 2022, no Equador.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, addresses attendees during the opening ceremony of the South American Defense Conference 2022 (SOUTHDEC 22). Gen. Richardson joined defense leaders from 10 nations to discuss security challenges and regional cooperation, in Ecuador, September 14-15, 2022.

cruciais. O domínio cibernético, como outros domínios, está intrinsecamente ligado aos assuntos diários vitais das nações e pessoas em todo o mundo, e devemos estar preparados para combater as ameaças que o exploram ou que procuram nos negar acesso a ele.

Para combater essas ameaças, o SOUTHCOM utiliza o que chamamos de "dissuasão integrada", um programa multifacetado de exercícios de treinamento entre militares, intercâmbios de especialistas no assunto, conferências de segurança, compromissos com líderes-chave, vendas militares estrangeiras, treinamento e educação militar internacional, Equipe de Assistência Cibernética do Comando de Combate Conjunto, assistência humanitária, programa de Parceria Estatal da Guarda Nacional e atividades de engajamento contínuo destinadas a construir confiança, capacidade e interoperabilidade com nossas nações parceiras. Os programas que constroem a capacidade das nações parceiras ajudam a desenvolver a capacidade militar para enfrentar um amplo espectro de ameaças e desafios. Juntamente com nossas nações parceiras, nosso objetivo é defender os valores democráticos para assegurar que os elementos criminosos, a influência maligna e os regimes autocráticos não criem raízes em nosso hemisfério.

Diálogo: Durante o Dia Internacional da Mulher, o presidente Joe Biden destacou como a senhora tem usado sua voz para tornar mais fácil e seguro para que as mulheres ingressem, permaneçam e prosperem nas Forças Armadas dos EUA. Como está usando sua voz para as mulheres da América Latina e do Caribe nas forças militares e de segurança?

firmly denounce all forms and acts of terrorism. The key to deterring terrorism is to strengthen our collective defense and security capabilities, which is why capacity building is one of the main objectives of our security cooperation with defense and security partners.

Diálogo: What are other security threats and challenges in SOUTHCOM's AOR that concern you, and how are you getting after those threats and challenges?

Gen. Richardson: In addition to the threats to democracy in the region posed by the People's Republic of China and Russia, we also see corruption, cyberattacks, and transnational criminal organizations (TCOs) as critical threats. SOUTHCOM estimates that there are 200 TCOs and four terrorist groups operating throughout the region, threatening citizen security, undermining public confidence, degrading the rule of law, and spreading corruption, illicit trafficking, and criminal activities in the Western Hemisphere.

In recent years, nations around the globe have experienced a rise in cyberattacks by foreign actors targeting critical infrastructure, industries, and services. The cyber domain, like other domains, is intrinsically tied to the vital daily affairs of nations and people across the globe, and we must be ready to counter threats that exploit it or seek to deny us access to it.

To counter these threats, SOUTHCOM uses what we call "integrated deterrence," a multifaceted program of military-to-military training exercises, subject matter expert exchanges, security conferences, key leader engagements, Foreign Military Sales, International Military Training and Education, the Joint Combatant Command Cyber Assistance

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, e o General de Divisão Juan Martín Paleo, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas da Argentina, chegam ao Ministério da Defesa argentino, como parte da visita da Gen Ex Richardson à Argentina, de 25 a 27 de abril de 2022, para discutir a cooperação bilateral.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, and Lieutenant General Juan Martín Paleo, chairman of the Argentine Armed Forces' Joint Chiefs of Staff, arrive at the Argentine Ministry of Defense, as part of Gen. Richardson's April 25-27, 2022 visit to Argentina to discuss bilateral cooperation.

U.S. EMBASSY IN ARGENTINA

U.S. AIR FORCE TECHNICAL SERGEANT AMBER CARTER

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, cumprimenta pacientes em um Exercício de Treinamento de Prontidão Médica, em 30 de junho de 2022, em Comayagua, Honduras.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, greets patients at a Medical Readiness Training Exercise, June 30, 2022, in Comayagua, Honduras.

Gen Ex Richardson: Ao viajar pela região, encontro com mulheres militares e civis em muitas nações parceiras, para aplaudir seus esforços e promover os conceitos de diversidade e inclusão, particularmente dentro das forças militares e de segurança. Todos nós compartilhamos e promovemos a mensagem de que juntos somos mais fortes, e que nosso "juntos" deve incluir as mulheres.

Através da iniciativa Mulheres, Paz e Segurança (WPS) do SOUTHCOM, estamos construindo uma vizinhança onde cada mulher, não importa sua origem, sua raça ou sua educação, pode subir tão alto quanto lhe permita seu talento, ideias, realizações e esforço. Exemplos de nosso alcance incluem os seminários sobre WPS que o SOUTHCOM realiza em muitas de nossas nações parceiras, bem como os eventos sobre WPS realizados em conjunto com as escalas do USNS Comfort na América Central e do Sul e no Caribe no ano passado. Recentemente, o componente do SOUTHCOM, Exército Sul dos EUA, patrocinou um simpósio de WPS em San Antonio, Texas, que contou com a presença de 16 representantes de nações parceiras que conheceram mulheres pioneiras do Peru, República Dominicana, Colômbia e outras nações da região. A mensagem obtida foi a de que todos nós temos a responsabilidade de reconhecer os importantes papéis que as mulheres desempenham nas forças militares e de segurança de hoje, e de trabalhar em conjunto para uma maior inclusão.

Diálogo: Nos últimos anos, a desinformação tem aumentado não apenas aqui no hemisfério ocidental, mas globalmente. O que o SOUTHCOM está fazendo para destacar os perigos da desinformação na região e para apoiar os países parceiros no combate a estas ameaças?

Team, humanitarian assistance, the National Guard's State Partnership program, and continuous engagement activities designed to build trust, capacity, and interoperability with our partner nations. Programs that build partner nation capacity help develop military capabilities to counter a broad spectrum of threats and challenges. Together with our partner nations, we aim to uphold democratic values to ensure that criminal elements, malign influence, and autocratic regimes do not take root in our hemisphere.

Diálogo: During International Women's Day, President Joe Biden highlighted how you have been using your voice to make it easier and safer for women to join, stay in, and thrive in the U.S. military. How are you using your voice for Latin American and Caribbean women in the military and security forces?

Gen. Richardson: As I travel through the region, I meet with military and civilian women in many partner nations to applaud their efforts and promote the concepts of diversity and inclusivity, particularly within the military and security forces. We all share and promote the message that together we are stronger, and that our "together" must include women.

Through SOUTHCOM's Women, Peace, and Security (WPS) initiative, we're building a neighborhood where every woman, no matter her background, her race, or her education, can climb as high as her talent, ideas, accomplishments, and hard work can take her. Examples of our outreach include WPS seminars that SOUTHCOM hosts in many of our partner nations, as well as the WPS events held in conjunction with last year's USNS Comfort port calls in Central and South America and the Caribbean. Recently, SOUTHCOM's component, U.S. Army South, sponsored a WPS symposium in San Antonio, Texas, that was attended by 16 partner nation representatives who learned about female trailblazers from Peru, the Dominican Republic, Colombia, and other nations in the region. The take-away message is that we all have a responsibility to recognize the important roles that women play in today's military and security forces, and to work together toward greater inclusion.

Diálogo: Over the last few years, disinformation has increased not only here in the Western Hemisphere but globally. What is SOUTHCOM doing to highlight the dangers of disinformation in the region and to support partner countries in combating these threats?

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, posa para uma foto com membros da Força Pública da Costa Rica, durante um evento de Mulheres, Paz e Segurança, em 6 de fevereiro de 2023, como parte da Conferência de Segurança da América Central (CENTSEC) 2023.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, poses for a photo with members of the Costa Rican Public Force during a Women, Peace, and Security event on February 6, 2023, as part of the Central American Security Conference 2023.

U.S. EMBASSY IN COSTA RICA

SENIOR MASTER SERGEANT STEPHEN CARUSO/U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, e o chefe do Estado-Maior da Força de Defesa de Barbados, Comodoro Errington Shurland, assinam uma estrutura de engajamento e cooperação para melhorar os compromissos bilaterais de defesa e cooperação em segurança, em 5 de abril de 2022.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, and Barbados Defence Force Chief of Staff Commodore Errington Shurland sign an Engagement and Cooperation Framework to enhance bilateral defense engagements and security cooperation, April 5, 2022.

Gen Ex Richardson: Os regimes autocráticos têm explorado plataformas da mídia social para propagar a desinformação em todo o mundo e minar a democracia.

RT e *Sputnik*, por exemplo, não são fontes tradicionais de notícias que praticam o jornalismo de verificação. Elas são provedoras de desinformação e propaganda antagônica patrocinadas pelo Estado russo. O público de mídia social *RT em espanhol* cresceu nos últimos anos para mais de 20 milhões de seguidores. A Rússia tem alavancado esse alcance para inflamar as tensões políticas.

Usando *RT* e *Sputnik*, o regime de Putin explora a liberdade de expressão e de imprensa nas sociedades democráticas estrangeiras, sem reciprocar essas liberdades em solo russo. A Rússia tenta equiparar *RT* e *Sputnik* a veículos de notícias independentes e baseados em fatos, enquanto a desinformação e a propaganda que difundem visam minar as sociedades democráticas, baseadas em regras.

A ameaça da desinformação é real, irrestrita por fronteiras geográficas, e crescente. Para apoiar nossos parceiros no combate a esta ameaça, o SOUTHCOM promove o intercâmbio de informações com e entre nossas nações parceiras. Através da coordenação e aplicação de capacidades relacionadas à informação, o SOUTHCOM tem como objetivo apoiar os esforços dos seus parceiros para expor e combater atividades malignas na região. Além disso, nossa assistência no ciberespaço inclui intercâmbios de especialistas no assunto e Equipes de Assistência Cibernética do Comando Conjunto de Combate, para ajudar as nações parceiras a aprimorar suas capacidades cibernéticas defensivas e desenvolver sua resiliência cibernética.

Estamos focados em fortalecer as relações com nossos aliados e parceiros através de engajamentos e investimentos sustentados, ajudando nossos parceiros a construir suas capacidades. É do interesse de todos desenvolver a compreensão das ameaças de informação e isolar as informações falsas antes que esta atividade maligna corroa permanentemente a confiança de nosso hemisfério na democracia. Com propósito compartilhado e confiança mútua, continuamos a agir coletivamente com nossos parceiros, para garantir que a região continue sendo um reduto para a liberdade e a democracia.

Gen. Richardson: **Autocratic regimes have exploited social media platforms to propagate disinformation around the globe and undermine democracy.**

***RT* and *Sputnik*, for example, are not traditional news sources practicing verification journalism. They are Russian state-sponsored purveyors of antagonistic disinformation and propaganda. *RT*'s Spanish-language social media audience has grown in recent years to more than 20 million followers. Russia has leveraged that reach to inflame political tensions.**

Using *RT* and *Sputnik*, the Putin regime exploits free speech and press freedoms in foreign democratic societies without reciprocating those freedoms on Russian soil. Russia attempts to equate *RT* and *Sputnik* with independent and fact-based news outlets, while the disinformation and propaganda they spread are aimed at undermining democratic, rules-based societies.

The threat of disinformation is real, unrestricted by geographic boundaries, and growing. To support our partners in combatting this threat, SOUTHCOM promotes information sharing with and among our partner nations. Through coordination and application of information-related capabilities, SOUTHCOM aims to bolster partner efforts to expose and counter malign activities in the region. Additionally, our cyberspace assistance includes subject matter expert exchanges and Joint Combatant Command Cyber Assistance Teams to help partner nations advance their defensive cyber capabilities and develop cyber resiliency.

We are focused on strengthening relationships with our allies and partners through sustained engagement and investment, helping our partners build capability. It is in everyone's best interest to develop understanding of information threats and to insulate against false information before this malign activity permanently erodes our hemisphere's confidence in democracy. With shared purpose and mutual trust, we continue to act collectively with our partners to ensure the region remains a stronghold for freedom and democracy.

América Latina e Caribe podem confiar na China como parceiro de negócios?

Leland Lazarus e Evan Ellis*

A falta da devida diligência, a corrupção e o desrespeito aos direitos indígenas e ao meio ambiente têm caracterizado muitos projetos de infraestrutura chineses na região.

Em 7 de dezembro de 2021, poucos dias depois do terceiro Fórum China-Comunidade dos Estados da América Latina e do Caribe (CELAC), o Ministério das Relações Exteriores chinês lançou o Plano de Ação Conjunta China-CELAC para 2022-2024. Ele expôs os planos de Pequim para expandir a cooperação em diversas áreas, incluindo defesa, finanças, comércio, saúde pública e intercâmbios culturais.

Nesse mesmo dia, o site regional de notícias latino-americanas *Infobae* informou que o governo equatoriano estava processando a empresa chinesa Sinohydro por um trabalho de má qualidade na barragem Coca Codo Sinclair, que prejudicou seriamente o meio ambiente e a economia do Equador. Construída em 2016, a barragem tem mais de 7.000 fendas, está causando erosão ao longo do rio Coca, e está funcionando bem abaixo da sua capacidade prometida. A erosão também forçou o fechamento de dois dos gasodutos mais importantes do Equador, ameaçando potencialmente a capacidade do Equador de cumprir seus contratos de exportação. O Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA está agora trabalhando com o governo equatoriano para mitigar os efeitos da erosão.

A justaposição desses dois eventos destaca o dilema que enfrentam os governos da América Latina e do Caribe: suas aspirações de alavancar os recursos chineses para financiar o desenvolvimento nacional e outros objetivos, versus os riscos muito reais que o envolvimento com entidades chinesas pode trazer.

A barragem Coca Codo Sinclair do Equador é apenas um exemplo de uma série de projetos chineses de infraestrutura fracassados, problemáticos ou paralisados em toda a região. Há algo nos projetos financiados ou administrados pela República Popular da China (RPC) que leva a um número desproporcional de problemas? Há três elementos que contribuem para um risco elevado de problemas que podem ser destacados por um exame profundo do caso Coca Codo Sinclair: a falta de diligência adequada por parte do parceiro que contrata o projeto chinês, a corrupção e o desrespeito aos direitos indígenas e à proteção do meio ambiente.

Can Latin America and the Caribbean Trust China as a Business Partner?

Leland Lazarus and Evan Ellis*

A lack of due diligence, corruption, and a disregard for indigenous rights and the environment have characterized many Chinese infrastructure projects in the region.

On December 7, 2021 a few days after the third China-Community of Latin American and Caribbean States (CELAC) Forum, the Chinese Foreign Ministry released the China-CELAC Joint Action Plan for 2022-2024. It laid out Beijing's plans to expand cooperation over a range of areas, including defense, finance, trade, public health, and cultural exchanges.

On that same day, the regional Latin American news website *Infobae* reported that the Ecuadorian government was suing Chinese company Sinohydro for shoddy work on the Coca Codo Sinclair dam, which has seriously harmed the Ecuadorian environment and economy. Constructed in 2016, the dam has over 7,000 cracks, is causing erosion along the Coca River, and is running well below its promised capacity. The erosion has also forced two of Ecuador's most important gas pipelines to shut down, potentially threatening Ecuador's ability to fulfill its export contracts. The U.S. Army Corps of Engineers is now working with the Ecuadorian government to mitigate the effects of the erosion.

The juxtaposition of these two events highlights the conundrum facing Latin American and Caribbean governments: Their aspirations of leveraging Chinese resources to finance national development and other objectives versus the very real risks that engaging with Chinese entities can bring.

Ecuador's Coca Codo Sinclair dam is just one example of a string of failed, problematic, or stalled Chinese infrastructure projects throughout the region. Is there something about the People's Republic of China- (PRC) funded or managed projects that leads to a disproportionate number of problems? There are three elements which contribute to an elevated risk of problems

ELECTRIC CORPORATION OF ECUADOR

A represa Coca Codo Sinclair do Equador é apenas um exemplo de uma série de projetos de infraestrutura chineses fracassados, problemáticos ou paralisados em toda a região.

Ecuador's Coca Codo Sinclair dam is just one example of a string of failed, problematic, or stalled Chinese infrastructure projects throughout the region.

ELECTRIC CORPORATION OF ECUADOR

Construída em 2016, a represa Coca Codo Sinclair do Equador tem mais de 7.000 fendas, está causando erosão ao longo do rio Coca e está funcionando bem abaixo da sua capacidade prometida.

Built in 2016, Ecuador's Coca Codo Sinclair dam has over 7,000 cracks, is causing erosion along the Coca River, and is running well below its promised capacity.

FALTA DE DILIGÊNCIA ADEQUADA

Em 1992, o governo equatoriano encomendou dois estudos de viabilidade sobre a barragem Coca Codo Sinclair. Um desses estudos apontou que o projeto poderia afetar negativamente o abastecimento de água do rio Coca, o que, por sua vez, poderia causar uma "erosão regressiva", corroendo o leito do rio e enfraquecendo as terras situadas rio acima. Quando a empresa chinesa Sinohydro começou a construir a barragem em 2010, ou não fez a devida diligência para conduzir um estudo de vulnerabilidade ou de riscos, ou simplesmente ignorou os riscos identificados no estudo anterior.

Em 2015, a Controladora do Equador encontrou mais de 7.000 fissuras nos distribuidores da barragem, indicando que o trabalho ou os materiais utilizados pela Sinohydro eram provavelmente de má qualidade. Da mesma forma, devido à falha da Sinohydro em abordar os riscos hidrológicos do projeto identificados pela análise anterior, o fluxo do rio Coca foi severamente impactado em 2020, causando a secura da icônica cachoeira de San Rafael e a ruptura tanto do Sistema Trans-Equatoriano de Oleodutos quanto do Oleoduto de Petróleo Bruto Pesado. Todos estes problemas resultaram em danos ambientais e afetaram temporariamente o abastecimento de petróleo no Equador. Como consequência, como observado anteriormente, o Equador decidiu, em 2021, processar a Sinohydro e levar o caso à arbitragem internacional.

Em outros lugares do Equador, numerosos outros projetos hidrelétricos enfrentaram problemas. Estes resultaram na multa do governo equatoriano à China Water and Electric por não cumprimento de compromissos contratuais na barragem de Toachi-Pilaton; na remoção da China National Electric Equipment Corporation do projeto hidrelétrico de Quijos, pela não conclusão das obras prometidas; no cancelamento de um projeto em Chone pela empresa chinesa Tesijiu; e na morte de três trabalhadores em um acidente por inundação no projeto Delsitsanisagua, entre outros.

Na Bolívia, ao longo dos anos, o governo rescindiu os contratos de numerosas empresas chinesas por falta de desempenho em projetos de infraestrutura, incluindo a expulsão de Beijing Urban do aeroporto Viru Viru de Santa Cruz, bem como a rescisão dos contratos da China Railway Road e da CAMC Engineering, para a construção de uma linha ferroviária

that can be highlighted by an in-depth examination of the Coca Codo Sinclair case: a lack of due diligence by the partner contracting the Chinese project, corruption, and disregard for indigenous rights and environmental protection.

LACK OF DUE DILIGENCE

In 1992, the Ecuadorian government commissioned two feasibility studies on the Coca Codo Sinclair dam. One of those studies pointed out that the project could adversely affect the Coca River water supply, which could in turn cause "regressive erosion," eating away at the riverbed and weakening land upstream. When the Chinese company Sinohydro began constructing the dam in 2010, it either did not follow through on due diligence to conduct a vulnerability or risk study, or it simply ignored the risks identified in the previous study.

In 2015, Ecuador's comptroller found more than 7,000 cracks in the dam's distributors, indicating that the work or materials used by Sinohydro were likely of poor quality. Similarly, due to Sinohydro's failure to address the hydrological risks from the project identified by the earlier analysis, in 2020, the flow of the Coca River was severely impacted, causing the iconic San Rafael waterfall to dry up and both the Trans-Ecuadorian Oil Pipeline System and the Heavy Crude Oil Pipeline to rupture. These issues all resulted in environmental damage and temporarily affected Ecuador's oil supply. As a consequence, as noted previously, in 2021, Ecuador decided to sue Sinohydro and bring the case to international arbitration.

Elsewhere in Ecuador, numerous other hydroelectric projects have faced problems. These have resulted in the Ecuadorian government fining China Water and Electric for non-compliance with contract commitments on the Toachi-Pilaton dam, the removal of China National Electric Equipment Corporation from the Quijos hydroelectric project for failure to complete the promised work, the cancellation of a project in Chone by the Chinese firm Tesijiu, and the deaths of three workers in a flooding accident in the Delsitsanisagua project, among others.

In Bolivia, the government has over the years rescinded the contracts of numerous Chinese companies for non-performance on infrastructure projects, including kicking Beijing Urban off Santa cruz's Viru Viru airport, and rescinding China Railway Road and CAMC Engineering's contracts to build a railroad line from Montero to Bulo Bulo, among other incidents.

de Montero a Bulo Bulo, entre outros incidentes.

No Caribe, o súbito término do projeto de US$ 71,7 milhões de Trinidad e Tobago entre a China Gezhouba Group International Engineering Company e a Housing Development Corporation, em 2019, destacou a falta de transparência na adjudicação do contrato e "concessões excessivamente generosas à empresa chinesa", de acordo com a *Rede de Jornalismo de Investigação do Caribe*. Na Guiana, o ministro de Obras Públicas negou um pedido da China Harbor Engineering Company para estender o prazo de conclusão de um aprimoramento do Aeroporto Internacional Cheddi Jagan. Este projeto de US$ 150 milhões permaneceu incompleto por mais de uma década após seu início, devido a vários problemas com a mão de obra e outras questões técnicas (foi concluído no final de junho de 2022).

Estes exemplos mostram um padrão das empresas chinesas que não realizam adequadamente a devida diligência antes do início de um projeto, ou não seguem o cronograma quando o projeto começa.

CORRUPÇÃO E INFLUÊNCIA INADEQUADA DA CHINA

Em 2018, *The New York Times* detalhou o fato de que quase todos os funcionários do governo equatoriano envolvidos no projeto da barragem Coca Codo Sinclair estão agora na prisão ou sendo investigados por suborno. Embora essas acusações de suborno tenham em grande parte a ver com o recebimento de fundos da construtora brasileira Odebrecht, havia também uma fita gravada secretamente, que foi tornada pública, sugerindo que o ex-vice-presidente equatoriano Jorge Glas tinha recebido subornos dos chineses.

Na Venezuela, houve inúmeros projetos questionáveis, não transparentes, quanto aos quais não está claro para onde foi o dinheiro, mas os projetos ficaram inacabados. Um dos exemplos mais gritantes foi uma instalação de produção de arroz contratada com a empresa CAMC Engineering da China. Em setembro de 2018, um tribunal de Andorra descobriu que os chineses haviam pago pelo menos US$ 100 milhões em subornos a funcionários venezuelanos para garantir o projeto, que finalmente nunca foi concluído nem produziu nenhum arroz.

Talvez o caso mais importante seja o do "Canal Nicarágua", um projeto de US$ 100 bilhões, que envolve relações altamente questionáveis e não transparentes entre a família Ortega, que governa a Nicarágua, incluindo Laureano, filho do presidente, e o bilionário chinês de telecomunicações Wang Jing. Em 2014, alavancando o controle do Congresso da Nicarágua pelo partido sandinista governante dos Ortegas, a empresa de Wang Jing, HKND, obteve ampla autorização para construir um canal de US$ 100 bilhões em todo o país. O projeto acabou desaparecendo em

Half Moon Cay, Bahamas, em 15 de março de 2013. O construtor bahamiano Sarkis Izmirlian entrou com uma ação judicial de US$ 2,25 bilhões contra a empresa China Construction America, por levar o empreendimento Baha Mar à falência em 2015 e fazer com que Izmirlian perdesse o projeto.

Half Moon Cay, Bahamas, March 15, 2013. Bahamian developer Sarkis Izmirlian filed a $2.25 billion lawsuit against China Construction America for driving the Baha Mar development to bankruptcy in 2015 and leading Izmirlian to lose the project.

Over in the Caribbean, the sudden termination of Trinidad and Tobago's $71.7 million project between China Gezhouba Group International Engineering Company and the Housing Development Corporation in 2019 highlighted a lack of transparency in the award of the contract and "overly generous concessions to the Chinese company," according to the Caribbean Investigative Journalism Network. In Guyana, the minister of public works denied a request by China Harbor Engineering Company to extend the time of completion of an upgrade of the Cheddi Jagan International Airport. This $150 million project remained incomplete after over a decade after it began due to various concerns over workmanship and other technical issues (it was completed in late June 2022).

These examples show a pattern of Chinese companies either not adequately conducting due diligence before a project commences or failing to follow through once the project begins.

CORRUPTION AND IMPROPER CHINESE INFLUENCE

In 2018, *The New York Times* detailed the fact that almost all of the Ecuadorian government officials involved in the Coca Codo Sinclair dam project are now in jail or being investigated for bribery. While those bribery charges largely have to do with receiving funds from Brazilian construction company Odebrecht, there was also a secretly recorded tape that was made public that suggested former Ecuadorian Vice President Jorge Glas had received bribes from the Chinese.

In Venezuela, there have been countless questionable, non-transparent projects in which it is not clear where the money went, but the projects were left uncompleted. One of the most glaring examples was a rice production facility contracted to China's CAMC Engineering. In September 2018, an Andorran court found that the Chinese had paid at least $100 million in bribes to Venezuelan officials to secure the project, which ultimately never was completed or produced any rice.

Perhaps the most high-profile case is the "Nicaragua Canal," a $100 billion project involving highly questionable non-transparent relationships between Nicaragua's ruling Ortega family, including the president's son Laureano, and Chinese telecommunication billionaire Wang Jing. In 2014, leveraging control of the Nicaraguan Congress by the Ortegas' ruling Sandinista party, Wang Jing's company HKND obtained broad authorization to construct a $100 billion canal across the country. The project ultimately vanished in 2016 after failing to attract outside investors, although in November 2021, just before Nicaragua's decision to establish diplomatic relations with the PRC, Wang Jing curiously re-appeared in public to advocate the continuation of the project.

While these are the most overt examples of how Chinese companies use bribes and other improper influence to secure

2016, depois de não ter conseguido atrair investidores externos, embora em novembro de 2021, pouco antes da decisão da Nicarágua de estabelecer relações diplomáticas com a RPC, Wang Jing curiosamente reapareceu em público, para defender a continuação do projeto.

Embora estes sejam os exemplos mais evidentes de como as empresas chinesas utilizam subornos e outras influências impróprias para garantir projetos em termos vantajosos, existem outras formas sutis. Depois que o Panamá estabeleceu relações diplomáticas com a RPC em 2017, a administração do então presidente Juan Carlos Varela negociou acordos com a China diretamente, através do gabinete do presidente, incitando acusações de corrupção.

Nas Bahamas, o construtor local Sarkis Izmirlian tem um processo judicial pendente por UD$ 2,25 bilhões contra a China Construction America, por levar esse projeto à falência, fazendo com que ele perdesse o controle do projeto. O processo inclui acusações de que a empresa apresentou centenas de milhões de dólares em faturas falsas, não contratou suficiente pessoal intencionalmente e utilizou o projeto para treinar trabalhadores inexperientes para outros projetos de construção na região. Tal atividade corrupta não está acontecendo apenas no hemisfério ocidental; em todo o mundo, 35 por cento dos projetos de Cinturão e Rota da China encontraram problemas de implementação, incluindo escândalos de corrupção, violações trabalhistas, riscos ambientais e protestos públicos.

DESRESPEITO À COMUNIDADE, AOS POVOS INDÍGENAS E AO MEIO AMBIENTE

Os projetos chineses em toda a região têm provocado repetidamente protestos de grupos indígenas, ambientalistas e comunidades afetadas por suas operações, por sua forma de proceder no que diz respeito às preocupações com o meio ambiente, os direitos à terra e à água e outras questões associadas.

Em 2018, a Federação Internacional de Direitos Humanos divulgou um relatório que constatou que a empresa chinesa BGP Bolívia quebrou sua promessa ao povo Tacana da Bolívia, destruindo uma floresta de castanheiros, crucial para a economia local, e forçando os animais a migrarem. O colapso de um muro de contenção mal construído em uma exploração mineira boliviana pela empresa chinesa Jungie levou à lesão de 18 trabalhadores e à contaminação da comunidade local, com resíduos metálicos. Em 2019, a Comunidade Amazônica da Cordilheira do Cóndor Mirador, no Equador, se manifestou contra um projeto de mineração de cobre da empresa chinesa Tongguan, acusando a empresa de violar as leis nacionais de mineração, sem consultá-los adequadamente sobre o projeto e, posteriormente, expulsando-os à força de suas terras.

No Peru, protestos locais sobre o impacto da mina de Río Blanco, desenvolvida pela empresa chinesa Zijin, perto de Piura, acabaram paralisando o projeto. Também no Peru, na mina Las Bambas, protestos repetidos da comunidade de Chumbivilcas na entrada do local finalmente obrigaram a operadora chinesa Minmetals a cessar a produção. Na Argentina, as operações da

projects on terms to their advantage, there are other subtle ways. After Panama established diplomatic relations with the PRC in 2017, the administration of then-President Juan Carlos Varela negotiated agreements with China directly through the president's office, prompting accusations of corruption.

In the Bahamas, local developer Sarkis Izmirlian has a pending $2.25 billion lawsuit against China Construction America for running that project into bankruptcy, leading him to ultimately lose control of the project. The lawsuit includes accusations that the firm submitted hundreds of millions of dollars in sham bills, intentionally understaffing the project and using it to train inexperienced workers for other construction projects in the region. Such corrupt activity isn't just happening in the Western Hemisphere; around the world, 35 percent of China's Belt and Road projects have encountered implementation problems, including corruption scandals, labor violations, environmental hazards, and public protests.

DISREGARD FOR THE COMMUNITY, INDIGENOUS PEOPLES, AND THE ENVIRONMENT

Chinese projects across the region have repeatedly sparked protests by indigenous groups, environmentalists, and communities affected by their operations, for their manner of proceeding with respect to concerns over the environment, land and water rights, and associated issues.

In 2018, the International Federation of Human Rights released a report finding that Chinese company BGP Bolivia broke its promise to the Tacana people of Bolivia, destroying a forest of chestnut trees, crucial to the local economy, and forcing animals to migrate. The collapse of a poorly constructed retaining wall in a Bolivian mining operation by the Chinese firm Jungie led to the injury of 18 workers and the contamination of the local community with metal tailings. In 2019, the Amazonian Community of the Cóndor Mirador Mountain Range in Ecuador demonstrated against a copper mining project by the Chinese company Tongguan, accusing the firm of violating national mining laws by not adequately consulting them about the project, and later forcibly evicting them from their land.

In Peru, local protests over the impact of the Rio Blanco mine, developed by the Chinese company Zijin near Piura, ultimately brought the project to a standstill. Also in Peru, in the Las Bambas mine, repeated protests by the Chumbivilcas community at the entrance to the site finally obliged the Chinese operator Minmetals to cease production. In Argentina, operations by China Metallurgical Corporation in the Campana Mahuida mine have been frozen since 2009 due to resistance over the impact of the operation on the local community and environment. In Brazil, Chinese companies' soy cultivation – an extremely important commodity for China's own food security – in biodiverse areas is threatening the ecosystem and contributing to deforestation.

CAN THE REGION TRUST CHINA?

Admittedly, the Chinese government and Chinese companies are learning from past failures in the region and adapting their business practices, even if not fundamentally altering their behaviors. For instance, Margaret Myers of the Inter-American

China Metallurgical Corporation na mina Campana Mahuida estão congeladas desde 2009, devido à resistência quanto ao impacto da exploração na comunidade local e no meio ambiente. No Brasil, o cultivo da soja pelas empresas chinesas, uma commodity extremamente importante para a segurança alimentar da própria China, está ameaçando o ecossistema e contribuindo para o desmatamento em áreas de biodiversidade.

PODE A REGIÃO CONFIAR NA CHINA?

É bem verdade que o governo chinês e as empresas chinesas estão aprendendo com as falhas do passado na região e adaptando suas práticas comerciais, embora não alterem fundamentalmente seus comportamentos. Por exemplo, Margaret Myers, do Diálogo Interamericano, escreveu extensamente sobre como as empresas chinesas estão "tornando-se locais", construindo *hermanamientos* – relacionamentos de cidades irmãs – com os governos provinciais e municipais, alavancando as comunidades locais existentes da diáspora chinesa e confiando menos em empréstimos bancários e mais em parcerias público-privadas, para financiar projetos na região.

Mas os problemas persistentes dos projetos financiados ou administrados pelos chineses suscitam a pergunta: Como os países da América Latina e do Caribe podem confiar na China como um parceiro comercial? Como podem fazer negócios com empresas que, muitas vezes, se não forem supervisionadas de perto, não fazem a devida diligência, envolvem-se em corrupção e não respeitam os direitos indígenas nem o meio ambiente? Como os governos regionais podem confiar em empresas ligadas de uma forma ou de outra a um regime autoritário que, em um único mês, foi acusado de hackear e espionar 29 países, 17 dos quais da região: Argentina, Barbados, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Jamaica, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Trinidad e Tobago e Venezuela? Com o histórico problemático das empresas chinesas, como os governos regionais podem confiar nelas à medida que expandem sua presença em áreas essenciais para a segurança nacional, como as redes elétricas e as telecomunicações?

É claro que não é viável para os países da América Latina e do Caribe cortar completamente os laços comerciais com empresas chinesas, dada a importância da RPC como compradora de suas commodities e como uma fonte cada vez mais importante de investimento e crédito para seus países. No entanto, existem novas maneiras para que os governos examinem melhor os possíveis projetos chineses e aproveitem as alternativas oferecidas pelos parceiros democráticos.

ALTERNATIVAS VIÁVEIS

Em primeiro lugar, os governos locais podem fazer mais para alavancar os recursos disponíveis dos EUA para fortalecer sua capacidade de envolvimento com os chineses de forma eficaz e transparente. Isto permitirá aos governos regionais alavancar melhor o potencial dos investimentos e projetos chineses, ao mesmo tempo em que mitigará os riscos associados. Por exemplo, como mencionado no início deste artigo, o Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA (USACE) está atualmente trabalhando com o governo equatoriano para avaliar o impacto ambiental da barragem

Dialogue has written extensively about how Chinese companies are "Going Local," building *hermanamiento* — sister city relationships — with provincial and municipal governments, leveraging existing local Chinese diaspora communities, and relying less on policy bank loans and more on public-private partnerships to finance projects in the region.

But the persistent problems in Chinese funded or managed projects begs the question: How can Latin American and Caribbean countries trust China as a business partner? How does one do business with companies that all too often, if not closely supervised, don't do adequate due diligence, engage in corruption, and don't respect indigenous rights or the environment? How can regional governments trust companies that are connected in one way or another to an authoritarian regime that, in a single month, was accused of hacking and spying on 29 countries, 17 of them in the region: Argentina, Barbados, Brazil, Chile, Colombia, Dominican Republic, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Jamaica, Mexico, Panama, Peru, Trinidad and Tobago, the United States, and Venezuela? With Chinese companies' problematic track record, how can regional governments trust them as they expand their footprint in areas essential to national security, such as the electrical grid and telecommunications?

Of course, it isn't feasible for Latin American and Caribbean countries to cut business ties with Chinese companies altogether, given the importance of the PRC as a purchaser of their commodities, and an increasingly important source of investment and credit for their countries. However, there are new ways for governments to further scrutinize possible Chinese projects, and to take advantage of alternatives provided by democratic partners.

VIABLE ALTERNATIVES

First, local governments can do more to leverage the resources available from the U.S. to strengthen their ability to engage with the Chinese in an effective, transparent way. This will allow regional governments to better leverage the potential of Chinese investments and projects, while mitigating the associated risks. For example, as mentioned in the beginning of this article, the U.S. Army Corps of Engineers (USACE) is currently working with the Ecuadorian government to assess the environmental impact of the Coca Codo Sinclair dam and help draw up a plan to mitigate those impacts.

USACE is providing technical support to Brazil on water management; with the Panama Canal Authority on consulting and technical advisory services for the Water Projects Program for a key waterway; with the Dominican Republic to expand and further develop the Manzanillo Port; and with Honduras to discuss the design of a Flood Risk Management Plan for the Sula Valley. Any country's ministry of public works can request assistance from USACE to conduct an adequate feasibility, vulnerability, and risk assessment before large infrastructure projects get underway.

Second, regional governments increasingly have alternatives to PRC-funded projects, involving greater transparency, safeguards by corporate and government practices against corruption, and strong corporate social responsibility track records in dealing with local communities, laws, and the environment. Representatives of the Biden administration recently visited Colombia, Ecuador, and

Coca Codo Sinclair e ajudar na elaboração de um plano para mitigar esses impactos. O USACE está fornecendo ao Brasil apoio técnico na gestão da água; à Autoridade do Canal do Panamá, com serviços de consultoria e assessoria técnica para o Programa de Projetos Hídricos para uma hidrovia chave; à República Dominicana, para expandir e desenvolver o porto de Manzanillo; e a Honduras, para discutir o projeto de um Plano de Gestão de Riscos de Inundações para o Vale de Sula. Os ministérios de obras públicas de qualquer país podem solicitar assistência do USACE para conduzir uma avaliação adequada de viabilidade, vulnerabilidade e risco antes projetos de infraestrutura.

Em segundo lugar, os governos regio mais alternativas aos projetos financiados maior transparência, salvaguardas pelas práticas corporativas e governamentais contra a corrupção e fortes antecedentes de responsabilidade social corporativa no trato com as comunidades locais, leis e o meio ambiente. Representantes da administração Biden visitaram recentemente Colômbia, Equador e Panamá, para explorar oportunidades de investimento privado, como parte da iniciativa Reconstruir um Mundo Melhor (B3W). Esta iniciativa, apoiada pela Corporação Financeira de Desenvolvimento dos EUA, concentra-se no fortalecimento das infraestruturas nas áreas de clima, saúde e segurança sanitária, conectividade digital e igualdade e equidade de gênero. A União Europeia também anunciou a Porta de Comunicação Global, que mobiliza 300 bilhões de euros para investimentos sustentáveis nas áreas digital, climática e de energia, transporte, saúde, educação e pesquisa. Tanto a B3W quanto a Porta de Comunicação Global aspiram apoiar projetos que mantenham os mais altos padrões de transparência e anticorrupção, sustentabilidade financeira, proteção trabalhista e preservação do meio ambiente.

Essas ferramentas e alternativas, oferecidas por parceiros democráticos de longa data, permitirão aos governos regionais autorizar projetos que apoiem o crescimento econômico de seus países, sem comprometer seus padrões morais ou ambientais. E, se os governos regionais ainda decidirem trabalhar com potenciais licitantes chineses, eles podem exigir que essas empresas cumpram as normas de forma estrita. É o que as pessoas da região necessitam e merecem.

**Leland Lazarus é o diretor associado de pesquisa no Instituto Jack D. Gordon de Políticas Públicas da Universidade Internacional da Flórida. De 2021 a 2022, Lazarus desempenhou a função de assistente especial e redator de discursos para o comandante do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), assessorando o comandante sobre um amplo espectro de assuntos, questões e considerações políticas relacionadas à China na América Latina e no Caribe.*

Evan Ellis é professor pesquisador de Estudos Latino-Americanos no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA. Suas pesquisas se concentram nas relações da América Latina com a China e outros atores não pertencentes ao hemisfério ocidental.

FANZI/IMAGINECHINA VIA AFP

Vista da sede da China Metallurgical Corporation, em Pequim, China, em 10 de setembro de 2009. As operações da empresa chinesa na mina argentina Campana Mahuida estão congeladas desde 2009, devido à resistência quanto ao impacto da operação na comunidade local e no meio ambiente.

View of the headquarters of China Metallurgical Corporation, in Beijing, China, September 10, 2009. Operations by the Chinese company in Argentina's Campana Mahuida mine have been frozen since 2009 due to resistance over the impact of the operation on the local community and environment.

Panama to explore private investment opportunities as part of the Build Back Better World (B3W). This initiative, supported by the U.S. Development Finance Corporation, focuses on strengthening infrastructure in the areas of climate, health and health security, digital connectivity, and gender equity and equality. The European Union also announced Global Gateway, which mobilizes 300 billion euros for sustainable investments in digital, climate and energy, transport, health, education and research. Both B3W and Global Gateway aspire to support projects that uphold the highest standards of transparency and anticorruption, financial sustainability, labor protections, and environmental preservation.

These tools and alternatives, offered by long standing democratic partners, will enable regional governments to allow projects that support economic growth in their countries without compromising their moral or environmental standards. And if regional governments still decide to work with potential Chinese bidders, they can hold those companies to high standards. It's what the people of the region need and deserve.

**Leland Lazarus serves as associate director of research at Florida International University's Jack D. Gordon Institute of Public Policy. From 2021 to 2022, Lazarus served as the special assistant and speechwriter to the commander of U.S. Southern Command (SOUTHCOM), advising the commander on a broad spectrum of subjects, issues, and policy considerations related to China in Latin America and the Caribbean.*

Evan Ellis is a research professor of Latin American Studies at the U.S. Army War College Strategic Studies Institute. His research focuses on Latin America's relationships with China and other non-Western Hemisphere actors.

ORDEM MUNDIAL DE TRANSIÇÃO:

Implicações para a América Latina e o Caribe

R. Evan Ellis*

Vista aérea de um cartaz gigantesco que representa o presidente russo Vladimir Putin como um polvo, levado por manifestantes durante um protesto contra a invasão russa da Ucrânia, em 1º de abril de 2022, na cidade de Binnish, província de Idlib, no noroeste da Síria. A invasão russa da Ucrânia expôs e acelerou a fratura da ordem mundial herdada, argumenta Ellis.

Aerial view of a giant sign depicting Russia's President Vladimir Putin as an octopus during a demonstration in the city of Binnish, in Syria's northwestern rebel-held Idlib province, against Russia's invasion of Ukraine, April 1, 2022.

A invasão da Ucrânia pela Rússia, indiretamente apoiada pela República Popular da China (RPC), e com a resposta ocidental dificultada pela ameaça de guerra nuclear, destaca que o mundo está em transição para longe da ordem institucional, econômica e ideológica que prevalece desde o final da Segunda Guerra Mundial, com implicações significativas e graves. É provável que a dinâmica seja desigual e que os Estados Unidos e os Estados democráticos e orientados ao mercado sejam alguns dos mais adversamente afetados.

"Ordem mundial", se "ordem" for um rótulo artificial e impreciso, mas útil para entender um bloco no tempo na complexa interação entre Estados e outros atores, à medida que seu poder relativo muda, e no contexto de ideias concorrentes sobre formas de organização política, econômica e outras formas de organização, que passam a dominar em diferentes partes do globo em diferentes momentos. Embora a ordem mundial esteja em constante transição, é possível identificar quando um grupo dominante de Estados, ideias e instituições está sendo fundamentalmente desafiado por uma alternativa. A transição atualmente em curso da ordem mundial liberal, que prevaleceu substancialmente desde a Segunda Guerra Mundial, é um produto não apenas da ascensão da China, mas do empoderamento, em grande parte inadvertido, de um grupo díspar de outros desafiadores com interesses em ver o enfraquecimento do sistema internacional herdado. Essa mudança tem implicações de longo alcance que podem ser navegadas, mas não facilmente interrompidas.

A ORDEM MUNDIAL TRANSITÓRIA

A interdependência econômica e informacional que floresceu após o fim do período da Guerra Fria também ajudou a estimular a resistência à ordem vigente. Alguns exemplos incluem movimentos populistas de esquerda que se alimentaram da incapacidade da ordem dominante de resolver problemas de corrupção e desigualdades endêmicas, bem como o extremismo islâmico e outras respostas radicais à crescente visibilidade dos valores cosmopolitas e seculares em um mundo cada vez mais hiperconectado.

Ao mesmo tempo, para populações frustradas e grupos excluídos de todos os tipos, essa conectividade proporcionou veículos para compartilhar suas desilusões e coordenar respostas, tanto através da política como da violência. No entanto, neste conjunto díspar de respostas a uma ordem liberal imperfeita, foi a RPC que se tornou a agente de mudança do jogo.

Em contraste com a União Soviética durante a Guerra Fria, mesmo quando o poder econômico e militar e institucional associado à RPC se expandiu, ela não promoveu deliberadamente um sistema alternativo de organização e valores econômicos e políticos para desafiar a ordem liberal, ou seu principal rival geopolítico, os Estados Unidos. Pelo contrário, o notável crescimento da China, a modernização de sua economia, de sua base tecnológica e militar,

GREG BAKER/AFP

Policiais patrulham na região ocidental de Xinjiang, na China, em 4 de junho de 2019. A China foi acusada de abusos contra os uigures, uma minoria étnica principalmente muçulmana, que habita aquela região da China.

Police officers patrol in China's western Xinjiang region, June 4, 2019. China has been accused of abuses against Uighurs, a mainly Muslim ethnic minority that inhabits that region of China.

THE TRANSITIONAL WORLD ORDER:

Implications for Latin America and the Caribbean

R. Evan Ellis*

Russia's invasion of Ukraine, indirectly underwritten by the People's Republic of China (PRC), and with the Western response hampered by the threat of nuclear war, highlights that the world is in transition away from the institutional, economic, and ideological order that has prevailed since the end of the Second World War, with significant and grave implications. The dynamics are likely to be uneven, with the U.S. and democratic, market-oriented states likely to be some of the most adversely affected.

"World order," if "order" is an artificial and imprecise yet useful label to understand a block in time in the complex interaction between states and other actors as their relative power shifts, and in the context of competing ideas about political, economic, and other forms of organization that come to dominate in different parts of the globe at different moments. Although the world order is thus constantly in transition, it is possible to identify when a dominant cluster of states, ideas, and institutions are being fundamentally challenged by an alternative. The transition currently underway from the liberal world order, which has substantially prevailed since World War II, is a product not only of the rise of China, but the latter's largely inadvertent empowerment of a disparate group of other challengers with interests in seeing the weakening of the legacy international system. That shift has far-reaching implications that can arguably be navigated, but not easily be stopped.

The currently ebbing liberal order arguably had two defining moments: First, the Allied victory in the Second World War facilitated the establishment of the current array of global economic and political institutions, such as the United Nations, the International Monetary Fund, and the World Bank that created the framework for the contemporary world's economic and informational interdependence. Second, the 1989-1991 U.S. "victory" in the Cold War replaced the competing political-economic constructs for ordering that world with a temporary, if imperfect, consensus, accelerating the process of globalization that flowered as a product of the information technology revolution that occurred at approximately the same time.

THE TRANSITIONAL WORLD ORDER

The economic and informational Interdependence that flowered following the end of the Cold War period also helped to stimulate resistance to the prevailing order. Examples include leftist populist movements that fed on the inability of the prevailing order to solve problems of endemic corruption and inequality, as well as Islamic extremism and other radical responses to the increased visibility of cosmopolitan and secular values in the increasingly hyperconnected world.

At the same time, for frustrated populations and excluded groups of all types, that connectivity provided vehicles for sharing their disillusionment and coordinating responses, through both politics and violence. In this disparate array of responses to an imperfect liberal order, however, it was the PRC that became the game changer.

By contrast to the Soviet Union during the Cold War, even as PRC economic and associated military and institutional power expanded, it did not deliberately promote an alternative system of economic and political organization and values to challenge the liberal order, or its chief geopolitical rival, the United States. Rather, China's remarkable growth, the modernization of its economy, technology base, and military, led it to engage with and economically underwrite a range of illiberal actors, even as it continued to engage with the more traditional states of the liberal order. It was thus China's resources, provided in pursuit of its own benefit, without consideration for the rules of the prevailing liberal order, that helped to create the conditions in which mid-level powers such as Russia, also helped by the possession of nuclear weapons, could act in aggressive ways that fundamentally undermined the territorial integrity and rule of law upon which the liberal world order is based.

THE CHALLENGE TO THE LEGACY LIBERAL ORDER

While Russia's invasion of Ukraine exposed and accelerated the fracturing of the legacy world order, it is actually only one particularly grave manifestation of a broader destructive dynamic, which has been going on for some time. At the core is a reinforcing, mutually beneficial interaction between an increasingly wealthy and powerful PRC, working to restructure global economic and political relations to its own benefit, and a disparate grouping of other actors indirectly empowered in part by Chinese resources. Those actors each have very different interests and objectives, but all benefit to some degree from the weakening of the legacy order, its associated institutions, cooperation, transparency, and rule of law, all of which constrain their actions.

The PRC and the diverse group of actors with which it shares a symbiotic relationship, empowered by and benefitting the PRC, may be termed the illiberal counter-order.

The challenge presented by the illiberal counter-order is very different from that posed during the Cold War by the Soviet Union. The latter attempted to impose a single alternative world system based on the singular political-economic organizing principle of Communism. Although the PRC generally welcomes others embracing its statist authoritarian development example, its strategic objectives are principally oriented toward the continuity, security, and wealth of the Communist-Party-led Chinese state. To that end, the PRC demands its partners silence, and ideally their support, with respect to PRC actions toward its own population and China's near abroad. Such demands similarly include

a levaram a engajar-se e comprometer-se economicamente com uma série de atores antiliberais, mesmo quando continuou a se envolver com os Estados mais tradicionais da ordem liberal. Foram, portanto, os recursos da China, fornecidos em busca do seu próprio benefício, sem considerar as regras da ordem liberal dominante, os que ajudaram a criar as condições nas quais potências de nível médio, como a Rússia, também ajudada pela posse de armas nucleares, puderam agir de forma agressiva que minou fundamentalmente a integridade territorial e o Estado de direito em que se baseia a ordem mundial liberal.

DESAFIO À ORDEM LIBERAL HERDADA

Embora a invasão russa à Ucrânia tenha exposto e acelerado a fratura da ordem mundial herdada, na realidade, é apenas uma manifestação particularmente grave de uma dinâmica destrutiva mais ampla, que já vem ocorrendo há algum tempo. No centro, está uma interação reforçada e mutuamente benéfica entre uma RPC cada vez mais rica e poderosa, que trabalha para reestruturar as relações econômicas e políticas globais em seu próprio benefício, e um grupo díspar de outros atores indiretamente capacitados em parte pelos recursos chineses. Cada um desses atores tem interesses e objetivos muito diferentes, mas todos se beneficiam até certo ponto do enfraquecimento da ordem herdada, de suas instituições associadas, da cooperação, da transparência e do Estado de direito, que limitam suas ações.

A RPC e o grupo diversificado de atores com os quais compartilha uma relação simbiótica, empoderados pela RPC e beneficiando-a, podem ser chamados de contraordem antiliberal.

O desafio apresentado pela contraordem antiliberal é muito diferente daquele apresentado durante a Guerra Fria pela União Soviética. Esta última tentou impor um único sistema mundial alternativo baseado no singular princípio de organização político-econômica do comunismo. Embora a RPC geralmente acolha outros que adotam seu exemplo de desenvolvimento autoritário estatista, seus objetivos estratégicos são principalmente orientados para a continuidade, segurança e riqueza do Estado chinês liderado pelo Partido Comunista. Para esse fim, a RPC exige de seus parceiros silêncio e, idealmente, seu apoio, quanto às ações da RPC em relação à sua própria população e ao exterior próximo da China. Tais demandas também incluem o silêncio ou o apoio às ações da RPC em relação ao controle político e informativo de sua própria população, à supressão da democracia e violação de seus compromissos internacionais referentes a Hong Kong, ao internamento da RPC de mais de 2 milhões de muçulmanos uigures em Xinjiang, às reivindicações da RPC sobre Taiwan, e sua afirmação de reivindicações marítimas nos mares do sul e do leste da China. No âmbito econômico, a RPC espera um tratamento favorável de suas empresas e nacionais, bem como o cumprimento dos termos dos acordos com seu governo e suas empresas, mesmo quando esses acordos tenham sido assegurados através de negociações assimétricas em termos altamente desvantajosos para a nação parceira, e independentemente de tais acordos terem proporcionado ou não os benefícios esperados para a nação parceira.

Na barganha faustiana da RPC com aqueles que fazem negócios com ela, a China é geralmente indiferente em relação ao sistema político de sua contraparte, se seu parceiro maltrata seu próprio povo e se viola suas próprias leis, constituição e compromisso com os demais, sempre e quando o parceiro não critique ou trabalhe contra a RPC nas áreas anteriormente mencionadas dos interesses centrais da China, e sempre e quando seu parceiro respeite os interesses e seus compromissos com as empresas chinesas. Essa disposição da RPC de disponibilizar seus recursos consideráveis para atores que violam os compromissos com seu próprio povo e com outros dentro da ordem liberal, sempre e quando os parceiros sejam leais e cumpram seus compromissos com a RPC, é a dinâmica central que fortalece a contraordem antiliberal.

Na América Latina, o dinheiro chinês tem desempenhado um papel fundamental no apoio à viabilidade econômica de regimes populistas como o da Venezuela, sob Hugo Chávez, do Equador, sob Rafael Correa, da Bolívia, sob Evo Morales, e da Argentina, sob os peronistas, pois cada um deles procurou consolidar o poder, mudar as constituições e estruturas legais em seu benefício, diminuir a cooperação com governos e instituições ocidentais, e ir contra a imprensa livre e o setor privado. Por sua vez, à medida que estes regimes populistas consolidavam o poder, eles proporcionavam benefícios à China, através do acesso aos seus recursos, muitas vezes através de acordos não transparentes entre Estados em termos altamente favoráveis à RPC, com acordos laterais lucrativos para as elites ligadas aos regimes populistas.

Assim, a RPC contribuiu para a sobrevivência dos regimes populistas antiliberais ao consolidar seu poder, fornecendo-lhes recursos para suas economias, bem como a oportunidade de dinheiro de corrupção para pagar os apoiadores do regime através dos acordos. Além disso, a RPC também vendeu a esses regimes equipamentos de segurança utilizados para controlar suas próprias populações, como os veículos blindados utilizados pelo regime de Maduro para reprimir os manifestantes e excluir o Congresso democraticamente eleito do parlamento venezuelano em 2020. Também forneceu recursos digitais para ajudar esses regimes autoritários a controlar suas populações, como o sistema de Cartão de Identidade da Pátria, fornecido pela companhia chinesa de telecomunicações ZTE ao regime venezuelano.

O regime exige o uso do cartão não apenas para votar, mas também para receber as escassas rações alimentares e vacinas fornecidas pelo governo. Outros exemplos incluem a capacidade estatal de vigilância ao estilo chinês, como o ECU-911 no Equador, o BOL-110 na Bolívia, e o apoio fornecido ao governo venezuelano pela corporação estatal chinesa

Ativistas carregam letreiros durante um protesto em frente ao consulado chinês em Manila, em 10 de fevereiro de 2018, contra as reivindicações de Pequim no mar da China Meridional.
Activists carry signs during a protest in front of the Chinese consulate in Manila on February 10, 2018, against Beijing's claims in the South China Sea.

de eletrônica CEIEC, para espiar a oposição democrática. Em Cuba, o apoio digital chinês ao autoritarismo incluiu sistemas fornecidos pela Huawei à empresa cubana de telecomunicações ETECSA, usados para ajudar a cortar e isolar aqueles que protestavam contra o regime em julho de 2021.

Ao avaliar a sagacidade e a sustentabilidade do comportamento da RPC, alguns analistas ocidentais aplicam erroneamente as métricas convencionais para avaliar o risco, acreditando que a comprovada falta de confiabilidade e insustentabilidade econômica das ações dos regimes antiliberais tornam imprudentes os compromissos de recursos da RPC para com eles. Tais análises, no entanto, ignoram a capacidade da RPC de aproveitar uma combinação de mecanismos legais e a dependência dos regimes parceiros da RPC como apoiador de último recurso, para assegurar que as empresas chinesas sejam reembolsadas, mesmo quando outras não o são, e mesmo quando nem tudo funciona inteiramente como os chineses teriam desejado. De fato, dos mais de US$ 62 bilhões emprestados pela RPC à Venezuela, o regime de Maduro foi obrigado a reembolsar aos chineses tudo, menos US$ 19 bilhões, mesmo quando não cumpriu praticamente todas as outras obrigações.

Embora a RPC não procure promover a tomada do poder por movimentos subversivos, como fez a União Soviética durante a Guerra Fria, a proliferação de regimes antiliberais beneficia estrategicamente a China de múltiplas formas. Por um lado, tais regimes costumam proporcionar recursos e realizam transações com empresas baseadas na RPC em termos altamente benéficos para a China. Isto reflete a orientação política favorável destes regimes em relação à RPC, sua disposição de fazer negócios de Estado a Estado e sua falta de outras alternativas, já que suas políticas os levam a ser sancionados ou de outra forma os excluem do financiamento e investimento por parte das empresas e instituições da ordem liberal. Os termos favoráveis obtidos pela RPC com regimes antiliberais também refletem a diminuição da transparência desses regimes perante a supervisão nacional e internacional, bem como a agitação e a politização de suas instituições, à medida que os novos governos populistas consolidam o poder, impedindo sua capacidade de negociar efetivamente com a RPC e suas empresas. Como foi observado anteriormente, a RPC se beneficia ainda mais das maiores oportunidades para vender seus produtos a estes regimes, incluindo seus equipamentos militares e outros equipamentos de segurança, assim como arquiteturas de vigilância e controle. De fato, a natureza autoritária dos regimes parceiros frequentemente os torna dispostos a contratar arquiteturas que são muito mais invasivas à privacidade de seus cidadãos do que o que a China pode vender a governos democráticos mais sensíveis aos direitos de privacidade de seus cidadãos.

Um dos maiores benefícios estratégicos indiretos dos regimes antiliberais para a RPC é que a busca de seus interesses individuais antiliberais, sejam eles ideológicos, criminosos, religiosos ou de outro tipo, enfraquecem e distraem os principais rivais ocidentais da China, como os Estados Unidos e a União

silence about or support regarding PRC exertion of political and informational control over its own population, its suppression of democracy and violation of its international commitments regarding Hong Kong, PRC internment of more than 2 million Uighur Muslims in Xinjiang, PRC claim over Taiwan, and its assertion of maritime claims in the South and East China seas. In the economic sphere, the PRC expects favorable treatment of its companies and nationals, and compliance with the terms of agreements with its government and companies, even when those agreements have been secured through asymmetrical bargaining on terms highly disadvantageous to the partner nation, and whether or not such agreements provided the hoped-for benefits to the partner.

In the PRC's Faustian bargain with those doing business with it, China is generally indifferent regarding its counterpart's political system, whether its partner mistreats its own people, and whether it violates its own laws, constitution, and commitment to others, so long as the partner does not criticize or work against the PRC in the previously mentioned areas of China's core interests, and so long as its partner respects the interests of and its commitments to Chinese companies. That PRC willingness to make its considerable resources available to actors that violate commitments to their own people and others within the liberal order, so long as partners are loyal to, and comply with their commitments to the PRC, is the core dynamic empowering the illiberal counter-order.

In Latin America, Chinese money has played a key role in supporting the economic viability of populist regimes such as Venezuela under Hugo Chávez, Ecuador under Rafael Correa, Bolivia under Evo Morales, and Argentina under the Peronists, as each sought to consolidate power, change constitutions and legal structures to their benefit, decrease cooperation with Western governments and institutions, and move against the free press and private sector. In turn, as these populist regimes consolidated power, they provided benefits to China through providing access to their resources, often through non-transparent state-to-state deals on terms highly favorable to the PRC, with lucrative side deals for elites connected to the populist regimes.

The PRC has thus contributed to the survival of illiberal populist regimes as they consolidated power by providing them with resources for their economies, as well as the opportunity for corruption money to pay off regime supporters through the deals. In addition, the PRC also sold those regimes security equipment used to control their own populations, such as the armored vehicles used by the Maduro regime to repress protesters and exclude the democratically elected Congress from the Venezuelan parliament in 2020. It also supplied digital capabilities to help those authoritarian regimes control their populations, such as the Fatherland Identity Card system provided by ZTE to the Venezuelan regime.

The regime requires use of the card not only to vote, but also to receive scarce government supplied food rations and vaccines. Other examples include Chinese style surveillance state capabilities such as ECU-911 in Ecuador, BOL-110 in Bolivia, and support provided to the Venezuelan government by Chinese state-owned enterprise CEIEC for spying on the democratic opposition. In Cuba, Chinese digital support to authoritarianism included systems provided by Huawei to the Cuban telecommunications firm ETECSA, used to help cut off and isolate those protesting against the regime in July 2021.

Europeia, enquanto a China pode continuar a se beneficiar fazendo negócios com esses mesmos rivais, plausivelmente independentes das ações dos regimes antiliberais que financia e potencializa. Na América Latina, os regimes autoritários estão consolidando seu poder na Venezuela, na Nicarágua e em Cuba.

Na América Latina, como em outros lugares, as tensões econômicas e fiscais da pandemia da COVID-19 e, mais recentemente, os efeitos adversos da invasão russa à Ucrânia sobre a economia global, agravam as frustrações populares de longa data com a corrupção e o fraco desempenho do governo, proliferando as oportunidades para a eleição de governos mais populistas, abertos a alavancar os recursos chineses, para manter a viabilidade de seus regimes à medida que consolidam o poder. Através desse mecanismo, as tensões econômicas da COVID-19 e a invasão russa à Ucrânia, juntamente com o dinheiro chinês, ameaçam expandir ainda mais a contraordem antiliberal.

DINÂMICA DISFUNCIONAL E CONTAGIOSA

A dinâmica da contraordem antiliberal emergente é indiscutivelmente desestabilizadora e perigosa para todos os Estados, democráticos ou não, devido às interdependências econômicas, informacionais e de outro tipo no sistema internacional. Especificamente, a eliminação da transparência e da prestação de contas pelos regimes antiliberais perante suas próprias populações, a auto exclusão associada por esses regimes da cooperação com instituições ocidentais de supervisão, a aplicação da lei e técnicas, e a tendência dos governos antiliberais de substituir profissionais por políticos leais, impulsionam coletivamente os regimes antiliberais a políticas populistas economicamente autodestrutivas, corrupção e criminalidade, com severos efeitos adversos sobre seus vizinhos e parceiros comerciais. Na Venezuela, por exemplo, a consolidação do poder por parte dos chavistas correlacionou-se com o colapso gradual da indústria petrolífera venezuelana (mesmo antes da imposição de sanções significativas dos EUA, a partir de 2020), e com o crescimento de poderosas estruturas criminosas dentro do país. Entre elas, estão incluídas a organização narcotraficante venezuelana Cartel dos Sóis, filiada às Forças Armadas da Venezuela, o crescimento da mineração ilegal na bacia do rio Orinoco e a expansão generalizada das gangues prisionais (pranes), bem como outras organizações, como os sindicatos, que tornam as grandes zonas de Caracas uma das áreas mais inseguras da América Latina. Tais grupos criminosos e os espaços mal governados, por sua vez, criaram oportunidades e deram abrigo a grupos criminosos e terroristas na vizinha Colômbia, tais como os dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e do Exército de Libertação Nacional (ELN), entre outros.

Em resumo, enquanto o dinheiro chinês pode ajudar os regimes não liberais a consolidar seu poder e continuar seu domínio, inadvertidamente também gera disfunções econômicas e criminalidade nesses países, com os padrões criminosos associados às tensões sociais exportadas para os vizinhos do país "infectado" através do comércio, fluxos de refugiados e outras interações.

Devido à natureza da disputa entre o sistema liberal decadente e a contraordem antiliberal, é provável que aumentem os conflitos como o da Ucrânia, assim como outros eventos que estressam o sistema, como os refugiados e a criminalidade. É provável que tais desafios, que ajudam a espalhar a contraordem antiliberal, nos próximos anos sejam agravados por outras tensões, incluindo novas pandemias e os efeitos das mudanças climáticas que, embora não tenham sido causadas pela China e pela contraordem antiliberal, não serão favorecidas por sua propagação. Tais pressões socioeconômicas, por sua vez, aumentarão ainda mais as pressões sobre os sistemas democráticos de fraco desempenho para que polarizem e abracem soluções populistas.

A DIMENSÃO NUCLEAR E O USO DA FORÇA MILITAR

Apesar da proliferação de conflitos, é provável que a proliferação de armas nucleares e as preocupações com a guerra nuclear impeçam os Estados da ordem liberal residual de responder com força à agressão por regimes da contraordem antiliberal em todas as circunstâncias, exceto nas mais excepcionais. Como foi visto pela moderação ocidental diante da agressão russa à Ucrânia, agora e no futuro, as tentativas de reduzir o risco de escalada para um conflito nuclear impedirão a formação de coalizões para responder militarmente às ações dos Estados agressores.

Ao mesmo tempo, o sucesso das armas nucleares da Rússia em impedir a OTAN de responder à invasão da Ucrânia pela força, combinado com o papel da RPC como um parceiro alternativo para os regimes antiliberais sancionados, pode encorajar outros Estados antiliberais a empregar a ameaça ou o uso da força militar como uma ferramenta viável para perseguir seus objetivos estratégicos, na suposição de que acreditem que podem empregar suas forças armadas de forma mais eficaz do que a Rússia.

A contribuição demonstrada das armas nucleares russas nessa moderação ocidental provavelmente também encorajará os regimes antiliberais a obter ou conservar armas nucleares como

Um homem verifica uma caixa com alimentos vendidos como parte do Comitê Local de Abastecimento e Produção da Venezuela, mais conhecido como CLAP, no bairro de Santa Teresa, em Caracas, Venezuela, em 12 de abril de 2019. Os venezuelanos são obrigados a usar o Carnê da Pátria, criado pela empresa chinesa ZTE Corporation, para ter acesso às rações de alimentos.

A man checks a box with food sold as part of Venezuela's Local Committee for Supply and Production, better known as CLAP, at Santa Teresa neighborhood in Caracas, Venezuela, April 12, 2019.

YURI CORTEZ/AFP

In evaluating the wisdom and sustainability of PRC behavior, some Western analysts mistakenly apply conventional metrics for evaluating risk, believing that the demonstrated lack of reliability, and economic unsustainability of the actions of illiberal regimes make PRC commitments of resources to them imprudent. Such analyses, however, overlook the ability of the PRC to leverage a combination of legal mechanisms and the dependence of the partner regimes on the PRC as the supporter of last resort to ensure that the Chinese companies are repaid, even when others are not, and even when all does not work entirely as the Chinese would have liked it. Indeed, of the more than $62 billion lent by the PRC to Venezuela, the Maduro regime was obliged to repay all but $19 billion to the Chinese, even as it defaulted on virtually all of its other obligations.

While the PRC may not seek to promote the taking of power by subversive movements, as the Soviet Union did during the Cold War, the proliferation of illiberal regimes strategically benefits China in multiple ways. On one hand, such regimes generally provide resources to, and conduct transactions with PRC-based companies on terms highly beneficial to China. This reflects the favorable political orientation of these regimes toward the PRC, their willingness to do state-to-state deals, and their lack of other alternatives as their policies lead them to be sanctioned or otherwise exclude them from financing and investment by the companies and institutions of the liberal order. The favorable terms secured by the PRC with illiberal regimes also reflect the decreasing transparency of these regimes before domestic and international oversight, as well as the shakeup and politicization of their institutions as the new populist governments consolidate power, impeding their ability to negotiate effectively with the PRC and its companies. As noted previously, the PRC further benefits from expanded opportunities to sell its products to these regimes, including its military and other security equipment, as well as surveillance and control architectures. Indeed, the authoritarian nature of the partner regimes often makes them willing to contract for architectures that are far more invasive to the privacy of their citizens than what China can sell to democratic governments more sensitive to the privacy rights of their citizens.

One of the greatest indirect strategic benefits of illiberal regimes to the PRC is that their pursuit of their individual anti-liberal interests, whether ideological, criminal, religious, or otherwise motivated, weaken and distract China's principal Western rivals such as the United States and the European Union, while China is able to continue to benefit from doing business with those same rivals, plausibly independent of the actions of the illiberal regimes it funds and empowers. In Latin America, authoritarian regimes are consolidating their power in Venezuela, Nicaragua, and Cuba.

In Latin America, as elsewhere, the economic and fiscal stresses of the COVID-19 pandemic, and more recently, the adverse effects of Russia's Ukraine invasion on the global economy, compound longstanding popular frustrations with corruption and poor government performance, proliferating opportunities for the election of more populist governments open to leveraging Chinese resources to maintain the viability of their regimes as they consolidate power. Through that mechanism, the economic stresses of COVID-19 and Russia's invasion of Ukraine, coupled with Chinese money, threaten to further expand the illiberal counter-order.

DYSFUNCTIONAL DYNAMICS AND CONTAGION

The dynamics of the emerging illiberal counter-order are arguably destabilizing and dangerous for all states, democratic or otherwise, due to the economic, informational, and other interdependencies in the international system. Specifically, the elimination of transparency and accountability by illiberal regimes to their own populations, the associated self-exclusion by these regimes from cooperation with Western oversight, law enforcement and technical institutions, and the tendency in illiberal governments to replace professionals with political loyalists collectively propels illiberal regimes toward economically self-destructive populist policies, corruption, and criminality with severe adverse effects on their neighbors and business partners. In Venezuela, for example, the consolidation of power by Chavistas correlated with the gradual collapse of the Venezuelan petroleum industry (even before the imposition of significant U.S. sanctions beginning in 2020), and the growth of powerful criminal structures within the country. These included Venezuela's military-affiliated Cartel of the Suns narcotrafficking organization, the growth of illegal mining in the Orinoco river basin, and the generalized spread of prison gangs (*pranes*), and other organizations such as the sindicatos, making the greater Caracas area one of the most insecure areas in Latin America. Such criminal groups and poorly governed spaces, in turn, created opportunities for, and gave shelter to, criminal and terrorist groups in neighboring Colombia, such as criminally-focused dissidents from the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC) and the National Liberation Army (ELN), among others.

In short, while Chinese money may help illiberal regimes consolidate power and continue their rule, it inadvertently also breeds economic disfunction and criminality in those countries, with the associated criminal patterns social stresses exported to the "infected" country's neighbors through commerce, refugee flows, and other interactions.

Because of the nature of the contest between the decaying liberal system and the illiberal counter-order, conflicts such as that of the Ukraine are likely to grow, as well as other system-stressing events such as refugees and criminality. Such challenges helping to spread the illiberal counter-order in coming years are likely to be compounded by other stresses, including further pandemics and the effects of climate change which, although not caused by China and the illiberal counter-order, will not be helped by its spread. Such socioeconomic pressures, in turn, will further increase pressures on weakly performing democratic systems to polarize and embrace populist solutions.

THE NUCLEAR DIMENSION AND THE USE OF MILITARY FORCE

Despite the proliferation of conflict, the proliferation of nuclear weapons and concerns about nuclear war will likely prevent states of the residual liberal order from responding with force to aggression by regimes of the illiberal counter-order in all but the most exceptional circumstances. As seen by Western restraint against Russian aggression in Ukraine, now and in the future, attempts to reduce risk of escalation to a nuclear conflict will impede the formulation of coalitions to militarily respond to actions by aggressor states.

uma ferramenta que impeça as coalizões de Estados liberais de responder militarmente quando os regimes antiliberais predatórios utilizem a força para perseguir seus objetivos contra atores mais fracos.

Em resumo, o efeito de demonstração da invasão russa à Ucrânia, mesmo sem sucesso substancial, pode aumentar a propensão dos Estados antiliberais a empregar a força nuclear e adquirir armas nucleares, dando nova vida à importância das armas e alianças por parte de outros, como ferramentas necessárias para resistir aos avanços de seus vizinhos contra a comprovada incapacidade das instituições para fazê-lo.

DESACOPLAMENTO DA ORDEM MUNDIAL

É provável que um subproduto estratégico fundamental do aumento da contraordem antiliberal seja um desacoplamento acelerado entre os Estados associados à ordem liberal e à contraordem antiliberal. Grande parte desta dissociação é auto imposta, com regimes populistas que utilizam justificações ideológicas para se retirar da participação em instituições financeiras ocidentais supostamente opressivas, como o Fundo Monetário Internacional ou o Banco Mundial, ou para restringir a cooperação de aplicação da lei com instituições como a Agência de Combate às Drogas dos EUA, ou a cooperação e supervisão financeiras através de instituições como a Força-Tarefa de Ação Financeira Internacional e o Grupo Egmont de Unidades de Inteligência Financeira.

Em termos práticos, tal exclusão é frequentemente auto servida, protegendo regimes cada vez mais corruptos da supervisão ou do alcance de tais entidades. Ao mesmo tempo, porém, a dissociação também é impulsionada pelas ações dos governos da ordem liberal, pois aplicam sanções financeiras e de outro tipo contra os regimes antiliberais por suas violações de normas e compromissos, como ilustrado pelas sanções ocidentais contra o regime de Maduro na Venezuela, contra o Irã e, mais recentemente, contra a Rússia, para incluir a suspensão dos principais bancos russos do sistema de compensação cambial SWIFT. Tais ações, por sua vez, estimulam a construção de estruturas paralelas separadas fora da ordem liberal. A exclusão parcial da Rússia do SWIFT, por exemplo, não só a obrigou a trabalhar com a China e outros países, para estabelecer mecanismos alternativos de compensação interbancária, mas também levou a China e outros atores a reconhecer vulnerabilidades demonstradas e diversificar-se, distanciando-se dos mecanismos da ordem liberal, em antecipação ao dia em que eles também possam ser objeto de sanções.

A dissociação também é impulsionada por impulsos defensivos, tanto por parte dos governos liberais quanto dos regimes da contraordem antiliberal. No domínio das tecnologias digitais, à medida que os Estados ocidentais liberais veem cada vez mais a RPC e outros países como adversários, eles expandem a exclusão de fornecedores chineses como Huawei, Hikvision e outros de arquiteturas digitais em áreas como telecomunicações, centros de dados, cidades inteligentes e comércio eletrônico.

Ao mesmo tempo, os regimes antiliberais estão construindo barreiras e ferramentas similares para controlar suas próprias arquiteturas digitais, com o fim de controlar as comunicações dentro de sua população, que poderiam desafiar o regime, para incluir a filtragem de notícias externas e o conteúdo das redes sociais.

O resultado de tais ações, seja de auto exclusão, ou de medidas reacionárias, é a dissociação acelerada e multidimensional entre a ordem liberal residual e a emergente contraordem antiliberal. Embora a contraordem antiliberal continue sendo altamente heterogênea em termos ideológicos e de outro tipo, a dissociação criará a ilusão de dois blocos concorrentes semicoerentes.

No âmbito político, o mundo estará cada vez mais dividido em três agrupamentos sobrepostos, e não em dois: (1) Estados centrais da ordem liberal herdada, como os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão, juntamente com regimes que aderem por princípio a seus conceitos de democracia, livre mercado, transparência e Estado de direito; (2) Estados centrais da contraordem antiliberal, incluindo a China como o principal motor econômico, e uma gama diversificada de Estados de diferentes tamanhos, ideologias e modos de organização econômica ou criminosa empoderados por ela, da Rússia ao Irã, passando por Venezuela e Coréia do Norte; e (3) Estados da zona cinza, que continuam a participar em diferentes graus das instituições políticas, econômicas e jurídicas da ordem internacional liberal, ao mesmo tempo em que desejam obter benefícios do seu envolvimento com a China. Por esta razão, e por diferentes razões de princípio e cálculos de interesse, os Estados deste terceiro grupo podem se recusar a condenar e podem se envolver em vários graus com a RPC e outros Estados da contraordem antiliberal.

CONCLUSÕES

A guerra na Ucrânia põe em relevo a profunda mudança na dinâmica da segurança global que vem ocorrendo há algum tempo, como consequência dos efeitos de reforço de uma China cada vez mais poderosa, que persegue seus próprios interesses econômicos e outros interesses estratégicos, e de um grupo diversificado de atores antiliberais empoderados por ela. A nova dinâmica é muito diferente dos blocos ideológico-político-militares competitivos que caracterizaram a Guerra Fria e, provavelmente, não é produto de um projeto consciente da RPC ou de qualquer um dos atores empoderados por sua relação com ela. Os resultados desta dinâmica, no entanto, são transformadores. Eles provavelmente enfraquecem a funcionalidade das instituições políticas e econômicas que têm sustentado a ordem global desde o final da Segunda Guerra Mundial. Como visto neste ensaio, eles também são suscetíveis de levar ao aumento da violência e até mesmo a uma corrida renovada para adquirir armas convencionais e nucleares em um mundo menos próspero, menos seguro e mais dividido.

A boa notícia é que um futuro assim não é inevitável. No entanto, não existem soluções políticas pré-fabricadas para este desafio. Ao contrário, os líderes políticos e econômicos e outros planejadores estratégicos devem avaliar os riscos e planejar para a possível nova realidade.

*** O autor é professor de pesquisa da América Latina no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA. As opiniões expressas nesta obra são suas próprias e não refletem necessariamente a posição do governo dos EUA.**

At the same time, the success of Russia's nuclear weapons in preventing NATO from responding to its invasion of Ukraine with force, combined with the role of the PRC as an alternative partner for sanctioned illiberal regimes, may encourage other illiberal states to employ the threat or use of military force as a viable tool for pursuing their strategic objectives, resuming they believe they can employ their military more effectively than Russia did.

The demonstrated contribution of Russia's nuclear weapons in that Western restraint will likely also encourage illiberal regimes to obtain or retain nuclear weapons as a tool that prevents coalitions of liberal states from responding militarily as predatory illiberal regimes use force to pursue their objectives against weaker actors.

In short, the demonstration effect of Russia's invasion of Ukraine, even substantially unsuccessful, may increase the proclivity of illiberal states to employ nuclear force and acquire nuclear weapons, giving new life to the importance of arms and alliances by others as necessary tools to resist the advances of their neighbors against the demonstrated inability of institutions to do so.

DECOUPLING OF THE GLOBAL ORDER

A key strategic byproduct of the rise of the illiberal counter-order is likely to be an accelerated decoupling between states associated with the liberal order and illiberal counter-order. Much of this decoupling is self-imposed, with populist regimes using ideological justifications to withdraw from participation in supposedly oppressive Western financial institutions such the International Monetary Fund or World Bank, or to restrict law enforcement cooperation with institutions such as the U.S. Drug Enforcement Administration, or financial cooperation and oversight through institutions such as the Financial Action Task Force and Egmont Group of Financial Intelligence Units.

In practical terms, such exclusion is often self-serving, protecting increasingly corrupt regimes from the oversight or reach of such entities. At the same time, however, decoupling is also driven by the actions of governments of the liberal order, as they apply financial and other sanctions against illiberal regimes for their violations of rules and commitments, as illustrated by Western sanctions against the Maduro regime in Venezuela, against Iran, and most recently, against Russia, to include the suspension of key Russian banks from the SWIFT currency clearing system. Such actions, in turn, stimulate the construction of separate parallel structures outside the liberal order. Russia's partial exclusion from SWIFT, for example, not only has obligated it to work with the Chinese and others to establish alternative interbank clearing mechanisms, but also leads China and other actors to recognize demonstrated vulnerabilities and diversify away from the mechanisms of the liberal order, in anticipation of the day when they too could be subject to sanctions.

Decoupling is also driven by defensive impulses on the part of both liberal governments and regimes of the illiberal counter-order. In the domain of digital technologies, as liberal Western states increasingly see the PRC and others as adversaries, they expand exclusion of Chinese vendors such as Huawei, Hikvision, and others from digital architectures in areas such as telecommunications, data centers, smart cities, and ecommerce.

At the same time, illiberal regimes are similarly constructing barriers and tools to control their own digital architectures to control communications within their population that could challenge the regime, to include the filtering of external news and social media content.

The result of such actions, whether self-exclusion, or reactionary steps, is the accelerated, multidimensional decoupling between the residual liberal order and the emerging illiberal counter-order. Even while the illiberal counter-order will continue to be highly heterogeneous in ideological and other terms, decoupling will create the illusion of two semi-coherent competing blocks.

In the political domain, the world will increasingly become divided into three, not two, overlapping groupings: (1) core states of the legacy liberal order such as the United States, the European Union, and Japan, along with regimes who adhere on principle with its concepts of democracy, free markets, transparency, and rule of law; (2) core states of the illiberal counter-order, including China as the principal economic engine, and a diverse array of states of different sizes, ideologies, and modes of economic or criminal organization empowered by it, from Russia to Iran to Venezuela and North Korea; and (3) states of the grey zone, which continue to participate to varying degrees in the political, economic, and legal institutions of the liberal international order, while also wishing to secure benefits from engaging with China. For this reason, and for different reasons of principle and calculations of interest, states in this third group may refuse to condemn, and may engage to various degrees with the PRC and other states of the illiberal counter-order.

CONCLUSIONS

The war in Ukraine highlights the profound shift in global security dynamics that has been underway for some time, as a product of the reinforcing effects of an increasingly powerful China pursuing its own economic and other strategic interests, and a diverse group of illiberal actors empowered by it. The new dynamic is very different from the competing ideological-political-military blocks that characterized the Cold War and is arguably not the product of a conscious design by the PRC or any single one of the actors empowered by engaging with it. The results of this dynamic, nonetheless, are transformational. They are likely to weaken the functionality of the political and economic institutions that have underpinned the global order since the end of World War II. As seen in this work, they are also likely to lead to increased violence and even a renewed race to acquire conventional and nuclear arms in a world that is less prosperous, less secure, and more divided.

The good news is that such a future is not inevitable. Nonetheless, there are not ready-made policy remedies for this challenge. Rather, political and economic leaders and other strategic planners must assess the risks, and plan for the possible new reality. D

* Evan Ellis is Latin America research professor with the U.S. Army War College Strategic Studies Institute.

ENQUETE
Queremos ouvir a sua opinião!
Digitalize o código QR para participar de uma breve pesquisa.
Diálogo-Américas

oportunidade oficiais Defesa multidimensionais multi-domínio 2023 Segurança Pública eles conversar Disseram Defesa total Defesa ministros América Latina interoperabilidade colaboração

Durante 2022, *Diálogo* teve a oportunidade de conversar com oficiais generais, ministros da Defesa e da Segurança Pública, além de outros militares e líderes regionais de vários países da América Latina e do Caribe. Trechos destas entrevistas se encontram nas páginas seguintes. Os cargos, patentes, postos e títulos correspondem ao momento em que as entrevistas foram realizadas.

in their Words

During 2022, *Diálogo* had the opportunity to talk to general officers, ministers of Defense and Public Security, and other military personnel and regional leaders from many Latin American and Caribbean countries. A few examples of these interviews are displayed in the pages ahead. The roles, ranks, positions, and titles were current at the time the interviews were conducted.

"Demos passos muito importantes na formação, capacitação e especialização dos graduados, especialmente desde que assumi o comando. Implementamos processos de seleção para a admissão de aspirantes a graduados nas instituições de formação, que são equivalentes a institutos técnicos superiores."

TENENTE BRIGADEIRO DO AR ELADIO CASIMIRO GONZÁLEZ AGUILAR
comandante das Forças Militares do Paraguai

"We have made very important steps in NCO [noncommissioned officers] instruction, training, and specialization, especially since I assumed command. We have implemented selection processes for the admission of NCO candidates in training institutions, which are equivalent to higher education technical schools."

AIR FORCE GENERAL ELADIO CASIMIRO GONZÁLEZ AGUILAR
commander of the Paraguayan Military Forces

"A colaboração e a parceria oriundas de um exercício como esse [Vanguarda do Sul 22] são extremamente importantes para nós. Elas geram interoperabilidade. Também nos permitem compreender as capacidades uns dos outros. Mas, o mais importante é que fomenta o companheirismo a nível tático, bem como a prontidão para ambos os países e a parceria."

GENERAL DE BRIGADA WILLIAM L. THIGPEN
comandante geral do Exército Sul dos EUA

"The collaboration and partnership that comes with an exercise like this [Southern Vanguard 22] is extremely important to us. It builds interoperability. It also allows us to understand each other's capabilities. But most importantly, it builds camaraderie down to the tactical level, as well as readiness for both countries, and partnership."

MAJOR GENERAL WILLIAM L. THIGPEN
U.S. Army South commanding general

"As Forças Militares [da Colômbia] são protetoras de todas as formas de vida, razão pela qual uma de nossas prioridades é a defesa do meio ambiente e dos recursos naturais; nós protegemos os ecossistemas com atividades de prevenção a crimes ambientais. Também agimos contra ações que ameaçam a biodiversidade de áreas protegidas e contribuímos para mitigar o impacto de economias ilícitas que se alimentam de danos ambientais."

GENERAL DE BRIGADA HELDER FERNÁN GIRALDO BONILLA
do Exército da Colômbia, comandante das Forças Militares da Colômbia

"The [Colombian] Military Forces are protectors of all forms of life, which is why one of our priorities is the defense of the environment and natural resources. We protect ecosystems through activities to prevent environmental crimes. We also counter actions that threaten the biodiversity of protected areas and contribute to mitigating the impact of illicit economies that feed off environmental damage."

ARMY MAJOR GENERAL HELDER FERNÁN GIRALDO BONILLA
commander of the Colombian Military Forces

"Apenas 5,6 por cento do total dos membros das Forças Armadas [do Paraguai] são mulheres e queremos aumentar essa cifra. O Ministério da Defesa e as Forças Armadas estão sendo muito receptivos quanto a romper paradigmas estruturais estabelecidos, permitindo que as mulheres cumpram determinadas funções, porque consideramos que a democracia se engrandece quando existe a inclusão das mulheres no âmbito da defesa."

CORONEL (R) GLADYS PECCI
vice-ministra da Defesa Nacional do Paraguai

"Only 5.6 percent of the total [Paraguayan] Armed Forces' personnel are women, and we want to increase this number. The Ministry of Defense and the Armed Forces are being very receptive to breaking established structural paradigms, which allow women to fill certain roles, because we believe that democracy is enhanced when there is inclusion of women in the defense field."

COLONEL (RET.) GLADYS PECCI
Paraguayan Vice Minister of National Defense

"Uma de nossas áreas de missão é contribuir para a cooperação internacional e a política externa do nosso país e, nesse contexto, o Exército mantém uma ampla agenda de conhecimento e cooperação a nível regional e internacional com as nações parceiras. As Forças Armadas do Chile estão atualmente participando de várias missões de paz, especificamente em Bósnia e Herzegovina, Chipre, Colômbia e Oriente Médio e, nesta área, também participam de exercícios como o Vanguarda do Sul do Comando Sul dos EUA."

GENERAL DE EXÉRCITO JAVIER EDUARDO ITURRIAGA DEL CAMPO
comandante do Exército do Chile

"One of our mission areas is to contribute to international cooperation and our country's foreign policy, and within that framework the Army maintains a broad agenda of knowledge and cooperation at the regional and international level with partner nations. The Chilean Armed Forces are currently participating in several peacekeeping missions, specifically in Bosnia and Herzegovina, Cyprus, Colombia, and the Middle East, and in this area, they also participate in exercises such as U.S. Southern Command's Southern Vanguard."

GENERAL JAVIER EDUARDO ITURRIAGA DEL CAMPO
commander of the Chilean Army

"Hoje, as mulheres podem ocupar todos os postos de trabalho nas organizações das Forças Armadas [da Argentina], com a idoneidade como única condição. Nossas forças hoje têm mulheres em todas as armas, tropas técnicas, especialidades e serviços. Há paraquedistas, mergulhadoras, montanhistas. Um dos objetivos do Plano Integral de Políticas de Gênero é promover as carreiras das mulheres nos corpos de comando, que hoje representam 7 por cento do total."

GENERAL DE DIVISÃO JUAN MARTÍN PALEO
chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas da Argentina

"Today, women can occupy all the working spaces in the [Argentine] Armed Forces' organizations with suitability as the only condition. Our forces today have women in all arms, technical troops, specialties, and services. There are paratroopers, divers, mountaineers. One of the objectives of the Integral Gender Policy Plan is to promote the careers of women in the command corps, which today represent 7 percent of the total."

LIEUTENANT GENERAL JUAN MARTÍN PALEO
chairman of the Argentine Armed Forces' Joint Chiefs of Staff

"A cooperação sempre foi permanente com nossos homólogos dos EUA e temos vários acordos em diferentes áreas, especialmente em treinamento e capacitação na execução de exercícios com outros países. Da mesma forma, em termos de segurança, temos o apoio da aeronave Orion P-3 dos EUA, o que nos permite manter a vigilância nos setores da costa equatoriana e poder compartilhar informações para detectar atividades de narcotráfico e outros crimes relacionados."

GENERAL DE BRIGADA NELSON PROAÑO RODRÍGUEZ
chefe do Comando Conjunto das Forças Armadas do Equador

"Cooperation has always been constant with our U.S. counterparts, and we have several agreements in different areas, especially in training and in the execution of exercises with other countries. Similarly, in the area of security, we have the support of the U.S. Orion P-3 aircraft that allows us to maintain surveillance on the Ecuadorian coast and be able to share information to detect narcotrafficking activities and other related crimes."

ARMY MAJOR GENERAL NELSON PROAÑO RODRÍGUEZ
chairman of the Ecuadorian Armed Forces' Joint Command

"É necessária uma abordagem holística para combater o narcotráfico e o crime organizado transnacional. Em nível nacional, estamos compartilhando informações frequentemente com outras instituições de segurança locais, como a Diretoria de Segurança Nacional, a Guarda Costeira e a Força Policial... Em nível regional, temos acordos bilaterais com a Guiana Francesa e o Brasil."

CORONEL WERNER GUISEPPE KIOE A SEN
comandante das Forças Armadas do Suriname

"A holistic approach is required to counter narcotrafficking and transnational organized crime. At the national level, we are sharing intelligence on a frequent basis with other local security institutions such as the National Security Directorate, the Coast Guard, and the Police Force... At the regional level, we have bilateral agreements with French Guiana and Brazil."

COLONEL WERNER GUISEPPE KIOE A SEN
commander of the Suriname Armed Forces

"Os princípios da política externa do nosso país são a não intervenção nos assuntos internos de outras nações, o respeito pela autodeterminação dos povos e a resolução pacífica de disputas. Desta forma, o Uruguai está fortemente comprometido com a paz e a estabilidade no mundo e isso se reflete em nossa presença nas missões de paz da ONU. Somos o 18º país do mundo em termos de contribuição de tropas e o segundo com respeito à relação entre a população e as forças engajadas."

TENENTE BRIGADEIRO DO AR RODOLFO PEREYRA
chefe do Estado-Maior da Defesa do Uruguai

"The principles of our country's foreign policy are non-intervention in the internal affairs of other nations, respect for people's self-determination, and peaceful settlement of disputes. As such, Uruguay is strongly committed to peace and stability in the world, which is materialized through our presence in U.N. peacekeeping missions. We are the 18th country in the world to contribute troops and the second with respect to population/forces engaged ratio."

GENERAL RODOLFO PEREYRA
chief of the Uruguayan Defense Staff

"Esta é uma relação [com a Força-Tarefa Conjunta Bravo] que remonta aos anos 1980 e podemos falar o dia inteiro sobre a estreita cooperação que existe entre ambas as partes. Por exemplo, podemos lembrar de emergências como as dos furacões Mitch [1998], Eta e Iota [2020] e os tempos difíceis em que fomos atingidos por incêndios florestais, nos quais a FTC-Bravo sempre esteve em permanente apoio."

VICE-ALMIRANTE JOSÉ JORGE FORTÍN AGUILAR
chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas de Honduras

"This is a relationship [with Joint Task Force Bravo] that goes back to the 1980s, and we could talk all day long about the close cooperation that exists between both parties. For example, we can recall emergencies such as hurricanes Mitch [1998], Eta and Iota [2020], and the difficult times when we were hit by forest fires, for which JTF-Bravo always brings continued support."

VICE ADMIRAL JOSÉ JORGE FORTÍN AGUILAR
chairman of the Joint Chiefs of Staff of the Honduran Armed Forces

"A principal lição aprendida [com relação ao exercício multinacional PANAMAX 2022] é que o mais importante aqui é a sincronização na comunicação entre os diferentes países participantes, pois, ao sair desse evento, todos nós podemos nos comunicar uns com os outros em qualquer situação que possa surgir, não apenas com o Panamá, mas com qualquer um dos outros países."

COMISSÁRIO ADRIÁN GONZÁLEZ GROSSETT

chefe da Brigada Panamá do Leste, componente do Serviço Nacional de Fronteiras (SENAFRONT)

"The main lesson learned [related to multinational exercise PANAMAX 2022] is that the most important thing here is the synchronization of communication among the different participating countries, because coming out of this event we can all communicate with each other in any situation that may arise, not only with Panama, but with any of the other countries."

COMMISSIONER ADRIÁN GONZÁLEZ GROSSETT

head of the Panamanian National Border Service's (SENAFRONT) Panama East Brigade

"A profissionalização dos graduados deu um grande passo em frente através dos novos membros, os quais se baseiam na capacitação e, graças ao WHINSEC, as portas estão se abrindo para capacitar o pessoal; nós realmente temos uma equipe que é bastante avançada nessa área."

PRIMEIRO-SARGENTO LILIAN SOLEDAD AVALOS DIELMA

da Marinha Paraguaia, primeira suboficial do Paraguai a ser instrutora no Instituto de Cooperação para a Segurança do Hemisfério Ocidental (WHINSEC)

"The professionalization of NCOs [noncommissioned officers] has taken a big step forward through the newcomers, who base themselves on training, and thanks to WHINSEC, the doors are opening for us to train personnel; we really have a staff that's quite advanced in this area."

PARAGUAYAN NAVY CHIEF PETTY OFFICER LILIAN SOLEDAD AVALOS DIELMA

first Paraguayan noncommissioned officer to serve as an instructor at the Western Hemisphere Institute for Security Cooperation (WHINSEC)

"Em 2018, o Equador lançou em nível regional a proposta para o exercício multinacional chamado GALAPEX, que visa melhorar a interoperabilidade entre as marinhas da região para combater as atividades ilegais nas águas jurisdicionais e não jurisdicionais, como o crime organizado, o narcotráfico e seus crimes relacionados, a pesca ilegal não declarada e não regulamentada e a poluição marinha, além de prestar assistência humanitária aos países da região, a fim de contribuir para a governança regional e a proteção dos interesses marítimos comuns da região."

CONTRA-ALMIRANTE JOHN MERLO LEÓN

comandante da Marinha do Equador

"In 2018, Ecuador launched at the regional level a proposal for the multinational exercise called GALAPEX, which aims to improve interoperability between navies of the region to combat illegal activities in jurisdictional and non-jurisdictional waters, such as organized crime, narcotrafficking and related crimes, IUU fishing, and marine pollution, in addition to providing humanitarian assistance to the countries of the region, so as to contribute to regional governance and the protection of common maritime interests."

REAR ADMIRAL JOHN MERLO LEÓN

commander of the Ecuadorian Navy

"Os desafios que nosso hemisfério enfrenta podem ser caracterizados como problemas complexos, multidimensionais e transnacionais, que são multi-domínio. Como sabemos pela matemática, um problema complexo é aquele que requer mais de uma solução. Uma única solução não resolve um problema complexo. Portanto, nenhum país por si só vai resolver um problema complexo, multidimensional e transnacional."

GENERAL DE BRIGADA JAMES TAYLOR

da Guarda Nacional do Exército dos EUA, diretor do Colégio Interamericano de Defesa

"The challenges that face our hemisphere can be characterized as complex, multidimensional, transnational problems that are multi-domain. As we know from mathematics, a complex problem is one that requires more than one solution. A single solution does not solve a complex problem. So, no single country by itself is going to solve a complex, multidimensional, transnational problem."

U.S. ARMY NATIONAL GUARD MAJOR GENERAL JAMES TAYLOR

Inter-American Defense College director

PANDA 51/CREATIVE COMMONS

UMA ROTA, GRANDES DÍVIDAS

Vista aérea da ponte Sinamalé, que conecta a capital das Maldivas, Malé, com seu aeroporto, que foi construído com um empréstimo de US$ 200 milhões da China, em 15 de setembro de 2019.

Aerial view of the Sinamalé Bridge that connects the Maldivian capital of Male with its airport, which was built with a $200 million loan from China, September 15, 2019.

ONE ROAD, BIG DEBTS

EQUIPE DO *FÓRUM DE DEFESA DO INDO-PACÍFICO*

Construída com um empréstimo de US$ 200 milhões da República Popular da China (RPC), a ponte que liga a capital da Maldívia, Male, com seu aeroporto, foi chamada de "ponte para a prosperidade" e, mais oficialmente, Ponte da Amizade China-Maldivas, ou Ponte Sinamalé. No início, parecia uma proposta amigável. Após a abertura da ponte em 2018, não era mais necessária uma lancha rápida para transportar à capital os passageiros que chegavam ao aeroporto, e o boom do desenvolvimento que desencadeou na ilha vizinha de Hulhumale foi calorosamente recebido.

No entanto, como muitos dos empreendimentos da infraestrutura Cinturão e Rota (OBOR) da RPC, este acabou se juntando a uma galeria de projetos perigosos sobrecarregados de dívidas insustentáveis. Um estudo de quatro anos concluído em setembro de 2021 por pesquisadores da Faculdade William & Mary, de Williamsburg, Virgínia, mostra que 42 países de baixa e média renda têm dívidas em projetos OBOR que excedem 10 por cento de seu produto interno bruto (PIB), incluindo Brunei, Camboja, Laos,

INDO-PACIFIC DEFENSE FORUM STAFF

Built with a $200 million loan from the People's Republic of China (PRC), the bridge that connects the Maldivian capital of Male with its airport has been dubbed the "bridge to prosperity," and more officially, the China-Maldives Friendship Bridge or the Sinamalé Bridge. It looked like a friendly proposition at first. After the bridge's 2018 opening, a speedboat was no longer required to ferry airport arrivals to the capital, and the development boom it triggered on the nearby island of Hulhumale was warmly received.

Like many of the PRC's One Belt, One Road (OBOR) infrastructure endeavors, however, it eventually joined a rogues' gallery of projects saddled by unsustainable debt. A four-year study completed in September 2021 by researchers at the College of William & Mary in Williamsburg, Virginia, shows that 42 low- and middle-income countries have debt on OBOR projects that exceeds 10 percent of their gross domestic product (GDP), including Brunei, Cambodia, Laos, the Maldives, Myanmar, and Papua New Guinea.

AidData, an international development laboratory at the college's Global Research Institute, said in its report, *Banking on the*

AFP

Uma visão geral do oceano Índico e da Ponte da Amizade China Maldivas, em construção em Malé, capital das Maldivas, em 8 de fevereiro de 2018.

General view of the Indian ocean and the under construction China Maldives Friendship Bridge, in Maldives' capital Male, on February 8, 2018.

Maldivas, Mianmar e Papua Nova Guiné.

AidData, um laboratório de desenvolvimento internacional do Instituto de Pesquisa Global da faculdade, disse em seu relatório Operações Bancárias de Cinturão e Rota: *Perspectivas a partir de um novo conjunto de dados globais de 13.427 projetos de desenvolvimento chineses*, que a RPC apoia projetos no valor de US$ 843 bilhões em 165 países. Segundo o relatório, cerca de US$ 385 bilhões da dívida associada a esses projetos está em grande parte escondida do escrutínio público.

O secretário geral do Partido Comunista Chinês, Xi Jinping, lançou o plano OBOR em 2013, para promover o desenvolvimento da infraestrutura em toda a África, Europa e região do Indo-Pacífico, com financiamento chinês. Ele esperava que os projetos, que incluem autopistas, ferrovias, usinas elétricas e oleodutos, expandissem as exportações da RPC e o acesso a instalações de transporte terrestre e marítimo, impulsionassem sua indústria de fabricação e fortalecessem sua "influência econômica, política e militar no exterior", afirma o Conselho de Relações Exteriores, um think tank independente. "No entanto, se os novos investimentos não gerarem retornos suficientes, eles também podem aumentar os níveis da dívida de forma insustentável e criar fricções políticas com a China."

Nas Maldivas, que, de 2013 a 2018, fizeram uma avalanche de empréstimos durante o mandato do então presidente Abdulla Yameen, as autoridades estão agora encerrando alguns projetos da OBOR, devido à falta de viabilidade e preocupação com o aumento da dívida, de acordo com um relatório de janeiro de 2022 do *EconomyNext*, um serviço de notícias financeiras e políticas. Mohamed Nasheed, presidente do Parlamento da nação insular e líder do Partido Democrático das Maldivas, disse a *The Associated Press*, em 2019, que estimava que as dívidas do seu país com entidades chinesas chegariam a US$ 3 bilhões, embora as autoridades chinesas afirmem que o valor é muito

Belt and Road: Insights from a new global dataset of 13,427 Chinese development projects, that the PRC supports projects worth a staggering $843 billion across 165 countries. About $385 billion of the debt associated with those projects is largely hidden from public scrutiny, the report said.

Chinese Communist Party General Secretary Xi Jinping launched the OBOR scheme in 2013 to promote infrastructure development across Africa, Europe, and the Indo-Pacific with Chinese financing. He hoped the projects, which include highways, railroads, power plants, and pipelines, would expand the PRC's exports and access to land and maritime transport facilities, boost its manufacturing, and strengthen its "economic, political, and military influence abroad," according to the Council on Foreign Relations, an independent think tank. "Yet if the new investments fail to generate sufficient returns, they may also boost debt levels unsustainably and create political frictions with China."

MAST IRHAM/POOL/AFP

O presidente da China, Xi Jinping, fala durante a cerimônia de inauguração do Projeto Bulevar da Independência, em Port Moresby, Papua-Nova Guiné, em 16 de novembro de 2018.

China's President Xi Jinping speaks during the opening ceremony of the Independence Boulevard Project in Port Moresby, Papua New Guinea, on November 16, 2018.

In the Maldives, which went on a borrowing spree during then-President Abdulla Yameen's term from 2013-18, officials are now shutting down some OBOR projects due to a lack of viability and worry over mounting debt, according to a January 2022 report by *EconomyNext*, a financial and political news service. Mohamed Nasheed, speaker of the island nation's Parliament and leader of the Maldivian Democratic Party, told *The Associated Press* in 2019 that he estimated his country's debts to Chinese entities to be as high as $3 billion, although Chinese officials claim the figure is much lower. The Maldives' projected GDP for 2022 is about $5.3 billion, according to the World Bank.

Nasheed began raising alarms about the debt after his party defeated Yameen in 2018. Since Yameen's ouster, the Maldivian government has established closer ties with India, and Nasheed has led the charge by arguing that the former leader drove the Maldives into a debt trap. The government will be unable to repay Chinese loans unless a review reduces them to their real value, he told *EconomyNext*.

The Maldives already has stopped some projects at island resorts. "The construction of resorts and ownership of these islands are again in question," Nasheed told the website. "There are about six to seven

menor. O PIB projetado das Maldivas para 2022 foi de cerca de US$ 5,3 bilhões, segundo o Banco Mundial.

Nasheed começou a levantar alarmes sobre a dívida depois que seu partido derrotou Yameen em 2018. Desde a destituição de Yameen, o governo das Maldivas estabeleceu laços mais estreitos com a Índia, e Nasheed liderou a acusação argumentando que o antigo líder levou as Maldivas a uma armadilha de dívida. O governo não poderá pagar os empréstimos chineses a menos que uma revisão os reduza ao seu valor real, disse ao *EconomyNext*.

As Maldivas já pararam alguns projetos em complexos turísticos insulares. "A construção de complexos turísticos e a propriedade dessas ilhas estão novamente em questão", declarou Nasheed ao site. "Há cerca de seis ou sete ilhas em diferentes fases de construção por empresas chinesas. Mas os trabalhos de construção pararam há muito tempo e a propriedade contratual dessas ilhas ainda está para ser resolvida nos tribunais."

Dívidas ocultas, altos custos

Com compromissos internacionais de financiamento de desenvolvimento próximos a US$ 85 bilhões por ano, a RPC supera agora em gastos os Estados Unidos e outras grandes potências, por uma margem de 2-1, segundo AidData. Em vez de conceder subsídios ou empréstimos não-concessionais para impulsionar países em dificuldades, as entidades chinesas "utilizam a dívida em vez da ajuda, para estabelecer uma posição dominante no mercado internacional de financiamento de desenvolvimento", afirma o relatório do AidData. Desde a introdução da OBOR em 2013, a RPC tem mantido uma proporção de 31-1 entre empréstimos e concessões, de acordo com o relatório.

As condições dos empréstimos concedidos pelos credores estatais chineses são menos favoráveis do que as dos credores multilaterais, e o empréstimo médio vem com uma taxa de juros de 4,2 por cento. Entretanto, o maior problema para os contribuintes dos países devedores é que a natureza dos empréstimos está muitas vezes oculta da vista do público, tornando difícil avaliar a verdadeira exposição de um governo em dificuldades.

Isso se deve ao fato de que 70 por cento dos empréstimos da RPC no exterior são direcionados a empresas estatais, bancos estatais, veículos para fins especiais, empreendimentos conjuntos e instituições do setor privado, afirma o relatório do AidData. A nação devedora muitas vezes não está tomando diretamente o dinheiro emprestado, embora possa ser responsabilizada se ocorrer uma inadimplência.

islands at different stages of construction by Chinese companies. But the construction work has now stopped for a long time and contractual ownership of these islands remains to be sorted in the courts."

Hidden Debts, High Costs

With international development finance commitments nearing $85 billion a year, the PRC now outspends the United States and other major powers by a 2-1 margin, according to AidData. Rather than

Um trem de ida e volta China-Laos-Tailândia estreia na cidade de Kunming, província de Yunnan, no sudoeste da China, em 7 de fevereiro de 2023.

A China-Laos-Thailand round-trip rail train debuts in Kunming City, southwest China's Yunnan Province, February 7, 2023.

doling out grants or nonconcessional loans to boost struggling countries, Chinese entities have "used debt rather than aid to establish a dominant position in the international development finance market," the AidData report states. Since OBOR's 2013 introduction, the PRC has maintained a 31-1 ratio of loans to grants, according to the report.

The loan terms provided by Chinese state-owned lenders are less favorable than those of multilateral creditors, and the average loan comes with a 4.2 percent interest rate. The bigger problem for taxpayers in debtor nations, however, is that the nature of the lending is often obscured from public view, making it difficult to assess a struggling government's true exposure.

That's because 70 percent of the PRC's overseas lending is directed to state-owned companies, state-owned banks, special purpose vehicles, joint ventures, and private sector institutions, the AidData report states. The debtor nation often isn't borrowing the money directly, even though it might be liable if a default occurs.

"These debts, for the most part, do not appear on government balance sheets," the report states. Most of the lenders, however, "benefit from explicit or implicit forms of host government liability

"Essas dívidas, na maioria das vezes, não aparecem nos balanços dos governos", afirma o relatório. A maioria dos financiadores, no entanto, "se beneficia de formas explícitas ou implícitas da proteção de responsabilidade do governo anfitrião, o que vela a distinção entre dívida privada e pública e introduz grandes desafios na gestão financeira pública".

Esses desafios estão se tornando evidentes em Laos, que inaugurou, em dezembro de 2021, uma conexão ferroviária de US$ 6 bilhões com a China. A linha conecta a capital laociana de Vientiane com a cidade de Kunming, no sul da China. O presidente de Laos, Thongloun Sisoulith, anunciou uma "nova era de desenvolvimento de infraestruturas modernas" na inauguração da conexão ferroviária, acrescentando que "os sonhos do povo de Laos se tornaram realidade", de acordo com o jornal *The Manila Times*.

Embora o governo espere que a ferrovia tenha lucro até 2027, os especialistas temem que os empréstimos chineses que a financiam sejam insustentáveis. Jonathan Andrew Lane, analista do Instituto do Banco Asiático de Desenvolvimento, escreveu em um relatório de setembro de 2020 que existe "uma lógica comercial limitada para uma ferrovia cara", que conecta o país de 7 milhões de habitantes com Kunming. Ele sugeriu que os benefícios para Laos não compensam os riscos. "Esse serviço da dívida exercerá mais pressão sobre a limitada capacidade de arrecadação de impostos do governo", escreveu Lane.

Quase metade da dívida global do país, de US$ 13,3 bilhões, está nas mãos de Pequim, e a conexão ferroviária representa uma dívida ainda mais oculta, adverte o relatório do AidData. Três empresas estatais chinesas e uma empresa de Laos fizeram parceria no projeto e Pequim assumiu 70 por cento da dívida de US$ 3,54 bilhões para a conexão ferroviária. Há incerteza sobre qual país teria que resgatar o empreendimento conjunto em caso de inadimplência do empréstimo, disseram os pesquisadores do AidData. Se a ferrovia for "insuficientemente lucrativa, entre 0 e 100 por cento do total da dívida de US$ 3,54 bilhões, poderia se tornar uma obrigação de reembolso do governo de Laos", advertiu AidData.

O desespero no Sri Lanka

No Sri Lanka, 2022 trouxe escassez de produtos de primeira necessidade, como leite em pó e gás de cozinha, bem como uma crescente crise da dívida, que culminou em meados de maio, quando o país, enfrentando a falência, entrou oficialmente em inadimplência em relação à sua dívida externa. Somente em 2022, as obrigações da dívida externa do Sri Lanka totalizaram US$ 7 bilhões, segundo a revista de notícias online *The Diplomat*. Sua dívida externa total excede US$ 51 bilhões, dos quais US$ 25 bilhões vencem em 2026.

As longas filas para conseguir alimentos e combustível desencadearam semanas de protestos em todo o Sri Lanka, em abril de 2022, que levaram à renúncia em julho do presidente Gotabaya Rajapaksa, a quem eles culparam por afundar a economia.

"Não há outra solução que a saída do presidente", disse um dos manifestantes, Naveendra Liyaanarachachi, de 27 anos, ao jornal *The New York Times*, em meados de maio de 2022.

protection, which has blurred the distinction between private and public debt and introduced major public financial management challenges."

Those challenges are becoming apparent in Laos, which opened a $6 billion rail link with China in December 2021. The line connects the Laotian capital of Vientiane with the southern Chinese city of Kunming. Laos President Thongloun Sisoulith heralded a "new era of modern infrastructure development" at the rail link's opening, adding that the "dreams of Lao people have come true," according to *The Manila Times* newspaper.

Although the government hopes the railway will turn a profit by 2027, experts fear the Chinese loans that fund it are unsustainable. Jonathan Andrew Lane, an analyst with the Asian Development Bank Institute, wrote in a September 2020 report that there is "limited commercial logic for an expensive railway" connecting the country of 7 million people to Kunming. He suggested the benefits for Laos do not outweigh the risks. "That debt service will put further strain on the limited tax-raising abilities of the government," Lane wrote.

Nearly half of the country's $13.3 billion overall debt is held by Beijing, and the rail link represents even more hidden debt, the AidData report warns. Three Chinese state-owned companies and a Laos enterprise partnered on the project, with Beijing staking 70 percent of the $3.54 billion debt for the rail link. There is uncertainty over which country would have to rescue the joint venture in a loan default, the AidData researchers said. If the railway is "insufficiently profitable, anywhere between 0-100 percent of the total $3.54 billion debt could become a repayment obligation of the government of Laos," AidData warned.

Despair in Sri Lanka

In Sri Lanka, 2022 wrought shortages of necessities such as milk powder and cooking gas and a mounting debt crisis, which culminated in mid-May when the country, facing bankruptcy, officially defaulted on its foreign debt. For 2022 alone, Sri Lanka's foreign debt obligations totaled $7 billion, according to online news magazine *The Diplomat*. Its total foreign debt exceeds $51 billion, with $25 billion due by 2026.

Long lines for food and fuel sparked weeks of protests across Sri Lanka in April 2022 that led to the resignation in July of President Gotabaya Rajapaksa, whom they blamed for crashing the economy.

"There is no solution but for the president to go," Naveendra Liyaanarachachi, 27, one of the protesters, told *The New York Times* newspaper in mid-May 2022.

Sri Lankan lawmakers elected Prime Minister Ranil Wickremesinghe as president after Rajapaksa fled the country. Although the tourism-dependent country's cash crunch was caused partly by the COVID-19 pandemic, the government's continual borrowing of money led to a slew of unpayable foreign debts coming due. The economy contracted by 1.5 percent from July to September 2021, and inflation surged to 12.1 percent in December 2021, *The Diplomat* reported.

Sri Lanka's cash shortage contributed to an economic down spiral, slowing fuel imports. Plunging water levels at hydroelectric dams exacerbated the power and fuel shortages. Sri Lanka's leaders in January 2022 sought relief from Chinese creditors as the country risked going into default, reported *WION*, a global news network

Os legisladores do Sri Lanka elegeram o primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe como presidente, depois que Rajapaksa fugiu do país. Embora a falta de liquidez do país, dependente do turismo, tenha sido causada em parte pela pandemia da COVID-19, o endividamento contínuo do governo provocou o vencimento de uma série de dívidas externas impagáveis. A economia contraiu 1,5 por cento, de julho a setembro de 2021, e a inflação subiu para 12,1 por cento em dezembro de 2021, informou *The Diplomat*.

A escassez de dinheiro vivo no Sri Lanka contribuiu para uma espiral econômica descendente, retardando as importações de combustível. A descida dos níveis de água nas hidrelétricas exacerbou a escassez de energia e combustível. Em janeiro de 2022, os líderes do Sri Lanka solicitaram ajuda aos credores chineses, pois o país corria o risco de entrar em inadimplência, informou *WION,* uma rede global de notícias sediada na Índia. "Seria um grande alívio para o país se fosse possível dar atenção à reestruturação dos pagamentos da dívida como uma solução à crise econômica que surgiu devido à pandemia da COVID-19", disse Rajapaksa ao ministro chinês das Relações Exteriores, Wang Yi, quando visitou em janeiro, informou *WION*. No entanto, a RPC não ofereceu nenhum alívio. "O Sri Lanka certamente superará as dificuldades temporárias o mais rápido possível", declarou um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês.

Desde 2007, o Sri Lanka acumulou uma dívida de US$ 11,8 bilhões, através de títulos soberanos, o que representa 36,4 por cento de sua dívida externa. Seu segundo maior credor é o Banco Asiático de Desenvolvimento, que emprestou ao Sri Lanka US$ 4,6 bilhões, informou a *Reuters*. Seus seguintes maiores credores são o Japão e a RPC, ambos com uma dívida de aproximadamente US$ 3,5 bilhões.

Embora a RPC não seja o maior credor do Sri Lanka, seus projetos têm sido os mais controversos. Um exemplo de destaque é o Porto de Hambantota, que foi inaugurado em novembro de 2010, com financiamento chinês, e que acabou sendo entregue ao controle chinês. Em 2017, China Merchants Port Holdings Co. Ltd. adquiriu um contrato de arrendamento por 99 anos para administrar o porto e assumir uma participação de 70 por cento no projeto de um empreendimento conjunto com a Autoridade Portuária do Sri Lanka, administrada pelo Estado, quando o Sri Lanka não conseguiu fazer os pagamentos da dívida.

Corrupção, protestos e escândalo

Em todo o Indo-Pacífico e no mundo, os escândalos continuam a seguir os projetos OBOR. Segundo o estudo do AidData, 35 por cento dos projetos OBOR encontraram problemas de implementação, tais como "escândalos de corrupção, violações trabalhistas, riscos ambientais e protestos públicos". Em comparação, 21 por cento do portfólio de infraestruturas do governo chinês fora da OBOR enfrentou problemas similares. "Os responsáveis políticos dos países anfitriões estão desativando projetos de alto perfil da BRI [Iniciativa Cinturão e Rota] devido a problemas de corrupção e preços excessivos, bem como mudanças importantes na opinião pública, que dificultam a manutenção de relações estreitas com a China", afirma o relatório, usando outro acrônimo para o esquema OBOR.

Talvez em nenhum lugar esta tendência seja mais evidente do que na Malásia, onde uma série de projetos OBOR foi paralisada por

based in India. "It would be great relief to the country if attention could be paid to restructuring the debt repayments as a solution to the economic crisis that has arisen in the face of the COVID-19 pandemic," Rajapaksa told visiting Chinese Foreign Minister Wang Yi in January, *WION* reported. Yet the PRC offered no relief. "Sri Lanka will surely overcome the temporary difficulties as soon as possible," a Chinese Foreign Ministry spokesperson said.

Since 2007, Sri Lanka has piled up $11.8 billion worth of debt through sovereign bonds, which makes up 36.4 percent of its external debt. Its second-largest creditor is the Asian Development Bank, which loaned Sri Lanka $4.6 billion, *Reuters* reported. Its next largest creditors are Japan and the PRC, which both are owed about $3.5 billion.

Although the PRC is not Sri Lanka's largest creditor, its projects have been the most controversial. A high-profile example is the Hambantota Port, which opened in November 2010 with Chinese funding and eventually was turned over to Chinese control. In 2017, China Merchants Port Holdings Co. Ltd. acquired a 99-year lease to run the port and take a 70 percent stake in the project in a joint venture with state-run Sri Lanka Ports Authority when Sri Lanka couldn't make debt payments.

Corruption, Protests, and Scandal

Throughout the Indo-Pacific and the world, scandals continue to follow OBOR projects. The AidData review said 35 percent of OBOR projects encountered implementation problems, such as "corruption scandals, labor violations, environmental hazards, and public protests." By comparison, 21 percent of the Chinese government's infrastructure portfolio outside OBOR faced similar problems. "Host country policymakers are mothballing high-profile BRI projects because of corruption and overpricing concerns as well as major changes in public sentiment that make it difficult to maintain close relations with China," the report states, using another acronym for the OBOR scheme.

Perhaps nowhere is this trend more evident than in Malaysia, where a slew of OBOR projects have been stalled by scandal. The East Coast Rail Link, for example, is the signature OBOR project in Malaysia. The 640-kilometer railway is supposed to connect Port Klang on the west coast to Kota Bharu on the east coast. The project was suspended in 2018 over corruption allegations and since has been subjected to multiple renegotiations and realignments, *The Diplomat* reported in October 2021.

The project was at the center of a scandal that eventually ousted then-Prime Minister Najib Razak from office in May 2018. Najib that year suffered a stunning election loss to 92-year-old Mahathir Mohamad, who had led the country for 22 years before coming out of retirement to challenge Najib.

When Najib's defeat set in, "it's possible that no one was more dismayed than officials in Beijing," *Foreign Policy* magazine reported in January 2019. That's because Najib had granted the PRC extraordinary access with myriad projects all over the country. Najib eventually became the focal point of a scandal linked to a state development fund known as 1Malaysia Development Berhad, or 1MDB. His opponent alleged that "some of the Chinese money pouring into Malaysia was being used to refill the fund's graft-

Um jato Airbus A380 faz o primeiro vôo experimental na nova pista construída pela empresa Beijing Urban Construction Group da China, no Aeroporto Internacional Velana, na ilha de Hulhule, Maldivas, em 18 de setembro de 2018.

An Airbus A380 jetliner takes the first trial flight on the new runway built by China's Beijing Urban Construction Group at the Velana International Airport in Hulhule Island, Maldives, September 18, 2018.

PAN ZHIWANG/IMAGINECHINA VIA AFP

escândalos. A conexão ferroviária da costa leste, por exemplo, é o principal projeto OBOR na Malásia. A ferrovia de 640 quilômetros deverá conectar o Porto Klang, na costa ocidental, com Kota Bharu, na costa oriental. O projeto foi suspenso em 2018 por acusações de corrupção e desde então foi submetido a múltiplas renegociações e realinhamentos, informou *The Diplomat,* em outubro de 2021.

O projeto estava no centro de um escândalo que acabou destituindo do cargo o então primeiro ministro, Najib Razak, em maio de 2018. Najib sofreu naquele ano uma derrota eleitoral impressionante para Mahathir Mohamad, de 92 anos de idade, que havia liderado o país durante 22 anos, antes de sair da sua aposentadoria para desafiar Najib.

Quando houve a derrota de Najib, "é possível que ninguém tenha ficado mais consternado do que as autoridades em Pequim", informou a revista *Foreign Policy*, em janeiro de 2019. Isso se deve ao fato de que Najib havia concedido à RPC um acesso extraordinário com uma miríade de projetos em todo o país. Najib acabou se tornando o centro de um escândalo relacionado a um fundo estatal de desenvolvimento, conhecido como 1Malaysia Development Berhad, ou 1MDB. Seu oponente alegou que "parte do dinheiro chinês que entrava em abundância na Malásia estava sendo usado para reabastecer os cofres do fundo, esgotados pela corrupção, informou *Foreign Policy*.

O diário *The Wall Street Journal*, em janeiro de 2019, forneceu provas. As atas de uma série de reuniões mostraram que as autoridades malásias sugeriram a seus homólogos chineses que a RPC deveria financiar projetos de infraestrutura a custos inflados, para ajudar a liquidar as dívidas do 1MDB. "Se for verdade, o relatório coloca provas tangíveis por trás de suspeitas amplamente difundidas de que a China explora regimes corruptos para impulsionar" seu esquema OBOR, informou *Foreign Policy*.

Najib não resistiria ao escândalo. Em dezembro de 2021, um tribunal malásio manteve sua condenação e sentença de 12 anos de prisão por acusações de corrupção. O tribunal determinou que Najib havia recebido ilegalmente cerca de US$ 10 milhões da SRC International, uma antiga unidade do agora extinto 1MDB.

Ismail Sabri Yaakob assumiu o cargo de primeiro-ministro em agosto de 2021 e se comprometeu a manter a conexão ferroviária em movimento. Os danos de reputação à OBOR, no entanto, já tinham se instalado. Agatha Kratz, diretora associada da empresa de pesquisa e análise Rhodium Group, declarou ao Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, em um podcast de março de 2021, que a pandemia da COVID-19 acentuou uma tendência preexistente na qual os projetos da RPC estavam sendo adiados devido a preocupações com a sustentabilidade da dívida. "Realmente deu início a toda esta narrativa de diplomacia da armadilha da dívida" para a OBOR, afirmou. "De repente, a mídia internacional começou a divulgar esses contratempos e a atenção sobre a iniciativa se tornou bastante negativa."

Indo-Pacific Defense FORUM **é uma revista de assuntos de segurança do Comando Indo-Pacífico dos EUA, que se concentra em questões que afetam a paz, a estabilidade e a boa governança no Indo-Pacífico.**

depleted coffers," *Foreign Policy* reported.

The Wall Street Journal newspaper in January 2019 provided evidence. Minutes from a series of meetings showed that Malaysian officials suggested to their Chinese counterparts that the PRC should finance infrastructure projects at inflated costs to help settle 1MDB's debts. "If true, the report puts tangible proof behind widely held suspicions that China exploits corrupt regimes to propel" its OBOR scheme, *Foreign Policy* reported.

Najib would not weather the scandal. A Malaysian court in December 2021 upheld his conviction and 12-year prison sentence on corruption charges. The court found that Najib had illegally received about $10 million from SRC International, a former unit of the now-defunct 1MDB.

Ismail Sabri Yaakob took over as prime minister in August 2021 and has vowed to keep the rail link moving. The reputational damage to OBOR, however, had already set in. Agatha Kratz, an associate director at the research and analytics firm Rhodium Group, told the Center for Strategic and International Studies in a March 2021 podcast that the COVID-19 pandemic accentuated a preexisting trend in which the PRC's projects were being shelved due to concerns about debt sustainability. "It really kick-started this whole narrative of debt-trap diplomacy" for OBOR, she said. "All of a sudden, international media started picking up on those setbacks and you know, the attention on the initiative turned pretty sour."

Indo-Pacific Defense FORUM **is a security affairs journal of U.S. Indo-Pacific Command, which focuses on issues affecting peace, stability, and good governance in the Indo-Pacific.**

Enquanto OBOR enfrenta mais obstáculos

Xi pode estar visando à renovação da marca

Esta foto, tirada em 10 de fevereiro de 2015, mostra uma visão geral das instalações portuárias em Hambantota, Sri Lanka. A China emprestou ao Sri Lanka mais de US$ 1 bilhão para financiar o porto de Hambantota e, à medida que as dívidas aumentavam, a empresa estatal chinesa China Merchants Port Holdings assumiu a administração, sob um contrato de arrendamento de 99 anos.

General view of the port facility at Hambantota, Sri Lanka, February 10, 2015. China loaned Sri Lanka more than $1 billion to finance the Hambantota Port. As debts mounted, China's state-run firm China Merchants Port Holdings took over management under a 99-year lease.

Equipe do *FÓRUM de Defesa Indo-Pacífico*

Quase uma década após ter sido revelado com muito alarde, o plano de infraestrutura Cinturão e Rota (OBOR) de Pequim continua causando controvérsias em seu caminho, levando a especulações de que o secretário geral do Partido Comunista Chinês (PCC), Xi Jinping, está tentando renovar mais uma vez sua problemática política de assinaturas, enquanto luta com desafios internos sem precedentes.

Durante uma reunião do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), realizada em meados de novembro de 2022, Xi pediu a construção de uma "comunidade Ásia-Pacífico com um futuro compartilhado", de acordo com a mídia controlada pelo Estado da República Popular da China (RPC). Xi disse que o fórum de 21 membros deve "fortalecer a coordenação das políticas macroeconômicas, criar cadeias regionais de abastecimento e industriais mais estreitamente ligadas [...] e avançar de forma constante na integração econômica regional", entre outras medidas.

"Na visão de Xi de uma comunidade Ásia-Pacífico com um futuro compartilhado, a China é o 'hub', conectando-se com cada nação individualmente em um modelo central de transporte aéreo de uma rede de cadeias de distribuição de suprimentos, escreveu a Dra. Marina Yue Zhang, professora associada do Instituto de Relações Austrália-China, da Universidade de Tecnologia de Sydney, na revista de notícias online *The Diplomat*, no início de dezembro de 2022.

Uma descrição semelhante é frequentemente aplicada ao plano OBOR, que a propaganda oficial do PCC tentou reciclar como a Iniciativa de Cinturão e Rota (BRI), depois que o programa transcontinental se deparou com uma infinidade de solavancos com

As OBOR Faces more Hurdles, Xi May Be Eyeing Another Rebranding

Indo-Pacific Defense FORUM Staff

Nearly a decade after it was unveiled with much fanfare, Beijing's One Belt, One Road (OBOR) infrastructure scheme continues to trail controversy in its path, prompting speculation that Chinese Communist Party (CCP) General Secretary Xi Jinping is attempting yet another rebranding of his troubled signature policy as he wrestles with unprecedented domestic challenges.

During an Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC) meeting in mid-November 2022, Xi called for building an "Asia-Pacific community with a shared future," according to the People's Republic of China's (PRC) state-controlled media. He said the 21-member forum must "strengthen coordination on macroeconomic policies, forge more closely linked regional supply and industrial chains […], and steadily advance regional economic integration," among other measures.

"In Xi's vision of an Asia-Pacific community with a shared future, China is the 'hub,' connecting with each individual nation in a hub-and-spokes model of a distributed supply chain network," Dr. Marina Yue Zhang, an associate professor at the Australia-China Relations Institute of the University of Technology Sydney, wrote in the online news magazine *The Diplomat* in early December 2022.

o Banco Mundial e outras agências, citando riscos para as nações participantes, tais como a dívida incapacitante com os credores chineses, custos excedentes, mão-de-obra de má qualidade, corrupção, danos ambientais e perda de soberania.

As nações do Indo-Pacífico, incluindo Bangladesh, Indonésia, Malásia e as Maldivas, eliminaram, reduziram ou renegociaram projetos do plano OBOR, devido a tais preocupações. No início de 2022, quando a economia de sua nação estava caindo em direção a uma inadimplência, os líderes de Sri Lanka imploraram às autoridades chinesas que reestruturassem os pagamentos da dívida de Colombo. Os analistas ressaltaram o preocupante caso do porto de Hambantota, no Oceano Índico, um projeto do OBOR construído com financiamento chinês, que ficou sob o controle de uma empresa estatal chinesa, quando o Sri Lanka teve que esforçar-se para fazer os pagamentos do empréstimo.

A reformulação do projeto do OBOR por Pequim sob um novo nome não conseguiu dissipar os temores de que o esquema seja um cavalo de Tróia: uma oferta de assistência ao desenvolvimento que é meramente um veículo para expandir a influência política e militar da RPC, pois os portos como Hambantota permitiriam potencialmente o acesso de

A similar description often is applied to OBOR, which CCP official propaganda sought to repackage as the Belt and Road Initiative (BRI) after the transcontinental program hit a multitude of potholes, with the World Bank and other agencies citing risks to participating nations such as crippling debt to Chinese lenders, cost overruns, shoddy workmanship, corruption, environmental damage, and loss of sovereignty.

Indo-Pacific nations including Bangladesh, Indonesia, Malaysia, and the Maldives have scrapped, scaled down, or renegotiated OBOR projects over such concerns. In early 2022, with their nation's economy tumbling toward a default, Sri Lankan leaders implored Chinese officials to restructure Colombo's debt payments. Analysts pointed to the troubling case of Hambantota Port on the Indian Ocean, an OBOR project built with Chinese funding that came under a Chinese state-owned company's control when Sri Lanka struggled to make loan payments.

Beijing's rewrapping of OBOR under a new name has failed to assuage fears that the scheme is a Trojan horse — a proffer of developmental assistance that is

Esta foto de arquivo, tirada em 13 de abril de 2016, mostra uma visão geral do porto de Gwadar, a aproximadamente 700 km ao oeste de Karachi, Paquistão. O porto de Gwadar é a "âncora" do Corredor Econômico China-Paquistão, um projeto sob a égide da Iniciativa Um Cinturão e Uma Rota.

General view of the dockside at Gwadar Port, some 700 km west of Karachi, Pakistan, April 13, 2016. The Gwadar Port is the "anchor" of the China-Pakistan Economic Corridor (CPEC), a project under the aegis of the Belt and Road Initiative.

Vista aérea da cidade de Sansha, na Ilha de Woody, um dos muitos territórios disputados no Mar do Sul da China, ocupado pela China, que a chama de Yongxing.

Aerial view of Sansha City on Woody Island, one of the many disputed territories in the South China Sea that is occupied by China, which calls it Yongxing.

embarcações navais chinesas sem a supervisão das autoridades locais. Dias antes de Xi dirigir-se aos líderes da APEC em Bangkok, na Tailândia, as autoridades chinesas estavam se esforçando para rejeitar relatos de protestos em massa centrados em um projeto do OBOR no sudoeste do Paquistão, de acordo com o jornal *The Economic Times*, da Índia.

O Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), lançado em 2015, foi considerado como uma rede de 3.000 quilômetros de conexões rodoviárias e ferroviárias, zonas industriais e oleodutos, avaliadas em US$ 62 bilhões, que ligariam a região de Xinjiang, no noroeste da China, à cidade pesqueira paquistanesa de Gwadar, dando ao governo chinês acesso a rotas comerciais estrategicamente importantes no mar Arábico.

A construção da RPC de um porto de águas profundas em Gwadar mergulhou a comunidade no caos, com manifestações generalizadas e ameaças de bloqueio sobre a influência chinesa no governo local, o aumento da segurança e pesqueiros de arrasto chineses que sufocam os meios de subsistência das comunidades pesqueiras, informou *The Economic Times*, em novembro de 2022.

O descontentamento vinha borbulhando para a superfície.

"O porto de Gwadar tem sido retratado durante muito tempo como a jóia da coroa do CPEC, mas, no processo, a cidade se tornou a própria encarnação de um estado de segurança", afirmou o jornal paquistanês Dawn, em um editorial do final de 2021. "Longe do porto ser um prenúncio de um boom econômico, aconteceu o oposto. As privações existentes se agravaram; a mobilidade das pessoas é restringida pelas forças de segurança; e há um questionamento injustificado de suas atividades. Muitos dizem que são feitos para se sentirem como estrangeiros em suas próprias terras."

Enquanto a agitação civil persistia em Gwadar, protestos

merely a conveyance for expanding the PRC's political and military influence, with ports such as Hambantota potentially allowing Chinese naval vessels access without oversight by local authorities. Days before Xi addressed APEC leaders in Bangkok, Thailand, Chinese officials were scrambling to dismiss reports of mass protests centering on an OBOR project in southwest Pakistan, according to India's *The Economic Times* newspaper.

The China-Pakistan Economic Corridor (CPEC), launched in 2015, was touted as a $62 billion, 3,000-kilometer network of road and rail links, industrial zones and pipelines connecting the Xinjiang region in northwest China to the Pakistani fishing town of Gwadar, giving the Chinese government access to strategically important Arabian Sea trade routes.

The PRC's construction of a deep-sea port at Gwadar has plunged the community into chaos, with widespread demonstrations and threatened blockades over Chinese influence in local government, heightened security, and Chinese trawlers choking off livelihoods in fishing communities, *The Economic Times* reported in November 2022.

The discontent had been bubbling to the surface.

"Gwadar Port has long been portrayed as the jewel in the CPEC crown, but in the process the city has become the very embodiment of a security state," Pakistan's *Dawn* newspaper noted in a late 2021 editorial. "Far from the port being a harbinger of an economic boom, the opposite has happened. Existing privations have deepened; people's mobility is restricted by security forces, and there is unwarranted questioning of their

Um barco de pesca está ancorado em uma doca na cidade de Sansha, na Ilha de Woody, um dos muitos territórios disputados no Mar do Sul da China, ocupado pela China, que a chama de Yongxing. A China disse que tem soberania "irrefutável" sobre as ilhas disputadas.

A fishing boat is anchored off a dock in Sansha City on Woody Island, one of the many disputed territories in the South China Sea that is occupied by China, which calls it Yongxing. China said it has "irrefutable" sovereignty over the disputed islands.

activities. Many say they are made to feel like strangers in their own land."

As civil unrest persisted in Gwadar, historic protests

históricos irromperam nas cidades e nos campuses universitários em toda a RPC por causa das drásticas restrições do regime à COVID-19. Os protestos, que incluíram apelos para que Xi se demitisse, apenas algumas semanas após ter conseguido um terceiro mandato de cinco anos como chefe do PCC, foram os maiores da RPC em anos e parecem ter influenciado as autoridades a suavizar os bloqueios e os testes em massa.

As táticas de "zero-COVID" de Pequim também fustigaram a economia chinesa, com o fechamento frequente de fábricas e empresas, para diminuir a propagação do vírus. Enquanto isso, as democracias no mundo inteiro estão dissociando suas economias e cadeias de abastecimento da RPC, impulsionadas em parte pela crescente beligerância do PCC no Estreito de Taiwan e no Mar do Sul da China, seus abusos aos direitos humanos, suas práticas de trabalho forçado em Xinjiang e práticas comerciais punitivas.

O turbilhão de desafios enfrentados por Xi também coloca o OBOR em perigo, de acordo com *Entregando o Cinturão e a Rota*, um relatório de dezembro de 2022, elaborado por AidData, um laboratório de pesquisa da Faculdade de William e Mary dos EUA. "Ele enfrenta grandes ventos de proa: desaceleração econômica e publicidade negativa, com uma série de países mutuários em dificuldades com a dívida, enquanto lutam para pagar os empréstimos."

ISHARA S. KODIKARA/AFP

Um membro da tripulação a bordo do navio de investigação e pesquisa da China, o Yuan Wang 5, olha para fora do navio ao chegar ao porto de Hambantota, Sri Lanka, em 16 de agosto de 2022. O porto de Hambantota tornou-se uma narrativa de advertência para os países que aderiram ou planejam aderir à Iniciativa Um Cinturão e Uma Rota da China.

A crew member onboard China's research and survey vessel the Yuan Wang 5 looks out from the ship upon arriving at Hambantota Port, Sri Lanka, on August 16, 2022. The Hambantota Port has become a cautionary tale for countries that have joined or plan to join China's One Belt One Road Initiative.

Outra transformação não pode esconder tais manchas

"Há várias razões para que, em um futuro previsível, não seja viável para Xi realizar sua visão de construir uma comunidade Ásia-Pacífico, pelo menos no nível de governança", escreveu Zhang em *The Diplomat*. "Em primeiro lugar, a maioria dos vizinhos asiáticos da China aceitou a ordem mundial de liberdade e democracia liderada pelos Estados Unidos. Uma China em ascensão com um regime autoritário é percebida como um desafio à segurança desses países."

Indo-Pacific Defense FORUM é uma revista de assuntos de segurança do Comando Indo-Pacífico dos EUA, que se concentra em questões que afetam a paz, a estabilidade e a boa governança no Indo-Pacífico.

erupted in cities and on university campuses across the PRC over the regime's drastic coronavirus restrictions. The protests, which included calls for Xi to resign just weeks after he secured a third five-year term as head of the party, were the largest in the PRC in years and appear to have influenced officials to ease lockdowns and mass testing.

Beijing's "zero-COVID" tactics have also buffeted the Chinese economy, with factories and businesses frequently shuttered to blunt the virus's spread. Meanwhile, democracies worldwide are decoupling their economies and supply chains from the PRC, prompted in part by the CCP's growing belligerence in the Taiwan Strait and South China Sea, its human rights abuses and forced labor practices in Xinjiang, and its punitive trade practices.

The swirl of challenges confronting Xi also places OBOR in peril, according to *Delivering the Belt and Road*, a December 2022 report by AidData, a research lab at the College of William & Mary in the United States. "It faces major headwinds: economic slowdown and negative publicity, with a spate of borrowing countries in debt distress as they struggle to repay loans."

Another makeover can't conceal such blemishes.

"There are several reasons that, for the foreseeable future, it will not be feasible for Xi to realize his vision of building an Asia-Pacific community, at least at the governance level," Zhang wrote in *The Diplomat*. "First, most of China's Asian neighbors have accepted the U.S.-led world order of freedom and democracy. A rising China with an authoritarian regime is perceived as a security challenge to those countries."

Indo-Pacific Defense FORUM is a security affairs journal of U.S. Indo-Pacific Command, which focuses on issues affecting peace, stability, and good governance in the Indo-Pacific.

Prioridades estratégicas cambiantes da China na América Latina:

do poder brando à forte concorrência de poder

Douglas Farah e Marianne Richardson*

Durante os últimos 15 anos, a disposição da República Popular da China (RPC) de distribuir bilhões de dólares em empréstimos por toda a América Latina criou a percepção de que o país vem gastando recursos ilimitados para cortejar aliados em uma região onde os Estados Unidos historicamente exercem uma influência significativa.

Muito menos visíveis são os esforços regionais realizados pela RPC para reformular a arquitetura da cadeia de abastecimento comercial, sistemas cibernéticos e de telecomunicações, bem como mercados para depender de tecnologias, padrões e hardware chineses para o benefício a longo prazo do país e perdas para os Estados Unidos. Para apoiar essa estratégia, a RPC desenvolveu uma crescente máquina de mídia patrocinada pelo Estado que atualmente tem uma abrangência maior do que toda a mídia ocidental combinada no hemisfério. Os elementos dessa estratégia são:

Adquirir portos, usinas elétricas e instalações de exploração espacial no Cone Sul. Esses marcos fornecem à RPC acesso ao Polo Sul, estabelecem sua expertise no desenvolvimento de infraestruturas, estabelecem padrões nas licitações em andamento para desenvolver redes 5G e alteram as rotas comerciais regionais, através do projeto de dragagem do Rio Paraná.

Expandir a vigilância através de projetos de "cidades seguras". Essas iniciativas fornecem aos governos capacidade de vigilância para combater o crime em áreas urbanas, mas a infraestrutura de dados dá à RPC acesso não filtrado em tempo real a grandes quantidades de dados e inteligência. Os acordos tecnológicos que expandem a infraestrutura 5G e de internet também dão à RPC o domínio regional online durante a próxima década. Os regimes autoritários utilizam a tecnologia de cidades seguras para suprimir dissidências internas.

Acesso a portos estratégicos e territórios de controle na América Central. A RPC tem novo acesso ao Canal do Panamá e à Zona Franca de Colón. Em El Salvador, a RPC negociou o controle portuário, comprou uma ilha e procurou um controle econômico privilegiado sobre cerca de 15 por cento do território nacional.

Expandir o alcance do conglomerado estadual de mídia *Xinhua.* Isso ajuda a RPC a impulsionar uma narrativa contra os Estados Unidos e introduzir sua presença como benevolente.

Em toda a região, a estratégia da RPC aumenta o apoio a regimes autoritários ligados ao que é conhecido como a Empresa Criminal Conjunta Bolivariana (ECCB) – uma rede de empresas aliadas, estruturas regionais e indivíduos historicamente ligados que operam em todo o mundo – e outros governos populistas antidemocráticos. Ela também aumenta a vigilância utilizada para controle político e repressão, aumenta as atividades criminosas organizadas transnacionais patrocinadas pela RPC, aumenta a corrupção e a impunidade e reduz responsabilidades. Esses desenvolvimentos corroem a confiança no processo democrático, minando fundamentalmente as instituições democráticas, o Estado de Direito e a estabilidade no Hemisfério Ocidental.

Um foco em empréstimos baseados em produtos básicos

A expansão do alcance econômico da China (2010-2015) na América Latina concentrou-se em empréstimos baseados em produtos básicos. A China concentrou-se primeiramente na Argentina, Brasil, Equador e Venezuela – todos os países então sob o domínio político da ECCB. Dos US$ 137 bilhões concedidos pelos principais bancos de empréstimos da RPC entre 2005 e 2020, cerca de 90 por cento foram para esses países, divididos da seguinte forma: Venezuela (US$ 62,2 bilhões), Brasil (US$ 29,7 bilhões), Equador (US$ 18,4 bilhões) e Argentina (US$ 17,1 bilhões).

Esses países compartilham três características que os tornaram alvos atraentes para o programa de empréstimos da China. Primeiro,

A estação Espacio Lejano em Neuquén, Argentina, é administrada pelo Controle Geral de Lançamento e Rastreamento de Satélites da China, uma subentidade da Força de Apoio Estratégico do Exército de Libertação Popular.

The Espacio Lejano station in Neuquén, Argentina, is run by China Satellite Launch and Tracking Control General, a sub-entity of the People's Liberation Army Strategic Support Force.

CASA ROSADA ARGENTINE PRESIDENCY OF THE NATION/CREATIVE COMMONS

O governador de São Paulo, João Doria, apresenta o Conecta SP, um programa que visa agilizar a transferência da tecnologia 5G para todos os municípios do estado, em São Paulo, Brasil, em 16 de novembro de 2021.

São Paulo Governor João Doria presents the Conecta SP, a program that aims to streamline the transfer of 5G technology to all municipalities in the state, in São Paulo, Brazil, on November 16, 2021.

China's Changing Strategic Priorities in Latin America:

From Soft Power to Sharp Power Competition

Douglas Farah and Marianne Richardson*

For the past 15 years, the willingness of the People's Republic of China (PRC) to give billions of dollars in loans across Latin America created the perception that the country has been spending unlimited resources to woo allies in a region where the United States historically carries significant influence.

VINICIUS NUNES/AGÊNCIA ESTADO VIA AFP

Far less visible are the PRC's concerted regional efforts to reshape commercial supply chain architecture, cyber and telecommunications systems, and markets to depend on Chinese technologies, standards, and hardware for the country's long-term benefit and the U.S. loss. To support this strategy, the PRC developed a growing state-sponsored media machine that now wields a larger footprint than all Western media combined in the hemisphere. The strategy's elements call to:

- **Acquire ports, electric utilities, and space exploration facilities in the Southern Cone. These milestones provide the PRC with access to the South Pole, establish their expertise in infrastructure development, set standards in the ongoing bids to develop 5G networks, and change regional trade routes through the Paraná River dredging project.**

- **Expand surveillance through "safe cities" projects. These initiatives provide governments with surveillance capacity to fight crime in urban areas, but the data infrastructure gives the PRC real-time, unfiltered access to massive amounts of data and intelligence. The technology agreements expanding 5G and internet infrastructure also give the PRC regional online dominance over the next decade. Authoritarian regimes use safe cities technology to suppress internal dissent.**

- **Access to strategic ports and controlling territories in Central America. The PRC has new access to the Panama Canal and the Colón Free Trade Zone. In El Salvador, the PRC negotiated port control, purchased an island, and sought privileged economic control over roughly 15 percent of the national territory.**

- **Expand the reach of the state-run *Xinhua* media conglomerate. This helps the PRC push an anti-U.S. narrative and introduce its presence as benevolent.**

Membros da tripulação do navio porta-contêineres chinês Cosco Shipping Rose estão no convés, ao chegar às eclusas recém-inauguradas de Cocolí, durante a visita do presidente da China, Xi Jinping, ao Canal do Panamá, em 3 de dezembro de 2018. As companhias de navegação chinesas são o segundo ou terceiro maior usuário do Canal do Panamá.

Crew members of Chinese Cosco Shipping Rose container ship stand on deck, upon arrival at the newly inaugurated Cocolí locks during the visit of China's President Xi Jinping, in the Panama Canal, on December 3, 2018. Chinese shipping companies are the second or third largest users of the Panama Canal.

cada um deles tem abundante matéria-prima e mercados domésticos para produtos manufaturados chineses; e, segundo, cada um tem acesso limitado às instituições de crédito internacionais. Para reduzir o risco financeiro, os empréstimos foram vinculados a commodities como o petróleo, que nos casos da Venezuela e do Equador foram particularmente inoportunos e, com o tempo, onerosos. Além disso, como cada grande país mutuário tinha um poder de decisão centralizado na pessoa do presidente, havia pouca supervisão quanto à viabilidade dos projetos ou à sua sustentabilidade a longo prazo.

Na Venezuela, Nicolás Maduro negociou diretamente com investidores chineses quanto a projetos de obras públicas de grande escala. No Equador, o ex-presidente Rafael Correa assinou sete projetos de energia hidrelétrica. Apesar do boom econômico da década de 2010, muitos projetos acabaram fracassando, estagnando-se ou sendo desvendados após controvérsias, devido a condições de trabalho, contratos excessivamente caros, atrasos nos projetos, degradação do meio ambiente e outras questões de sustentabilidade.

COVID-19 desempenhou um papel importante

Devido a essa sequência de contratempos, a RPC redefiniu suas prioridades na América Latina. Os empréstimos políticos administrados pelo Banco de Desenvolvimento da China e pelo Banco de Importação e Exportação da China caíram significativamente desde 2015 e, em 2020, a China não concedeu nenhum empréstimo novo.

Embora 2020 possa ter sido uma anomalia devido à pandemia da COVID-19, os dois anos pré-pandêmicos também mostram um declínio significativo no financiamento. A nova estratégia da China não abandona os investimentos e empréstimos em andamento, mas redireciona novos recursos para a criação de uma infraestrutura hemisférica que utiliza padrões, regulamentos, sistemas e nodos da cadeia de abastecimento dependentes da tecnologia chinesa. Um foco importante é a rede elétrica da região, onde a RPC comprou diretamente ou investiu bilhões de dólares em fornecedores de eletricidade existentes na Argentina, Brasil, Chile e Peru, com menores investimentos em eletricidade em outros países.

A RPC mudou os investimentos externos, populares durante a primeira fase, para investimentos estrangeiros diretos direcionados nessa fase. Isso dá à China o controle direto sobre portos regionais, pontos de estrangulamento de vias navegáveis, transporte urbano, geração de eletricidade e construção de cabos interoceânicos. Também expande o controle da RPC sobre os setores de tecnologia pesada, incluindo hardware e normas de telecomunicações, tecnologia de vigilância, serviços de conectividade com a internet e serviços de smartphone.

Esse foco contínuo em investimentos tecnológicos e infraestrutura permite à RPC estabelecer regulamentos, normas e termos operacionais em amplas áreas estratégicas. Uma vez instaladas, essas redes conduzirão grandes dados e comércio em direção a Pequim. Essa infraestrutura será extremamente difícil de ser substituída uma vez instalada.

A nova estratégia de múltiplos níveis envolve um engajamento descentralizado com os atores, incluindo governos locais, empresas e indivíduos, que direta ou indiretamente promovem os objetivos da RPC. Essas entidades desenvolvem laços econômicos, moldam a imagem pública da China e, em alguns casos, promovem diretamente os interesses políticos do governo central.

Os embaixadores da RPC em cada país, geralmente através de um departamento do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PCC), facilitam esses esforços mais amplos de divulgação. Como os acordos subnacionais resultantes não são de Estado para Estado, muitas vezes passam despercebidos e não são relatados.

Uma aposta no domínio econômico e tecnológico

Como um acadêmico chinês observou em 2018, a RPC reconhece que a competição das grandes potências é agora mais sobre

Across the region, the PRC's strategy increases support for authoritarian regimes connected to what is known as the Bolivarian Joint Criminal Enterprise (BJCE) — a network of allied companies, regional structures, and historically linked individuals operating across the globe — and other anti-democratic populist governments. It also enhances surveillance used for political control and repression, increases PRC-sponsored transnational organized criminal activities, grows corruption and impunity, and reduces accountability. These developments erode trust in the democratic process, fundamentally undermining democratic institutions, rule of law, and stability in the Western Hemisphere.

A focus on commodity-based lending

China's expanded economic outreach (2010–2015) in Latin America focused on commodity-based lending. China first focused on Argentina, Brazil, Ecuador, and Venezuela — all countries under the BJCE's political sway. Out of $137 billion given out by the PRC's main lending banks from 2005 to 2020, about 90 percent went to those countries, broken down as follows: Venezuela ($62.2 billion), Brazil ($29.7 billion), Ecuador ($18.4 billion), and Argentina ($17.1 billion).

These countries share three characteristics that made them attractive targets for China's lending program. First, each has abundant raw materials and domestic markets for Chinese manufactured goods; and second, each has limited access to international credit institutions. To reduce financial risk, the loans were tied to commodities such as oil, which in the cases of Venezuela and Ecuador were particularly ill-timed and, over time, onerous. Additionally, as each major borrowing country had centralized decision-making power in the president's person, there was little oversight regarding the projects' viability or long-term sustainability.

In Venezuela, Nicolás Maduro negotiated directly with Chinese investors about large-scale public works projects. In Ecuador, former President Rafael Correa signed off on seven hydro-power projects. Despite the economic boom of the 2010s, many projects eventually failed, stalled, or unraveled following controversies due to labor conditions, overpriced contracts, project delays, environmental degradation, and other sustainability issues.

COVID-19 played a role

Following this string of setbacks, the PRC redefined its priorities in Latin America. Policy loans administered from the China Development Bank and China Export Import Bank dropped significantly since 2015, and in 2020, China did not extend any new loans.

While 2020 may have been an anomaly due to the COVID-19 pandemic, the two pre-pandemic years also show a significant decline in funding. China's new strategy does not abandon ongoing investments and loans but redirects new resources toward creating a hemispheric infrastructure that uses standards, regulations, systems, and supply chain nodes dependent on the Chinese technology. One important focus is the region's electrical grids, where the PRC purchased outright or invested billions of dollars in existing electricity providers in Argentina, Brazil, Chile, and Peru, with lesser electricity investments in other countries.

The PRC shifted external investments, popular during the first phase, to targeted foreign direct investment in this phase. This gives China direct control over regional ports, waterway chokepoints, urban transport, electrical generation, and interoceanic cable construction. It also expands PRC control over technology-heavy sectors including telecommunications hardware and standards, surveillance technology, internet connectivity services, and smartphone services.

This ongoing focus on technological investments and infrastructure allows the PRC to establish regulations, norms, and operational terms in broad strategic areas. Once in place, these networks will drive big data and trade toward Beijing. This infrastructure will be extremely difficult to replace once in place.

The new multitiered strategy involves decentralized engagement with actors including local governments, companies, and individuals, who directly or indirectly advance the PRC's objectives. These entities develop economic ties, shape China's public image, and in some cases, directly advance the central government's political interests.

PRC ambassadors in each country, usually through a Chinese Communist Party (CCP) Central Committee department, facilitate these broader outreach efforts. Because the resulting subnational deals are not state to state, they often go unnoticed and unreported.

A bid for economic and technological dominance

As a Chinese academic noted in 2018, the PRC recognizes that Great Power competition is now more about system design and rule-making competition than market scale competition. As technology industries moved toward improved quality and interoperability, China's focus in Latin America shifted to integrating systems, capturing market advantages, and setting technological standards.

China's broad, strategically integrated approach to investment spreads throughout the Southern Cone. Projects span across Argentina, Brazil, Chile, Paraguay, and Uruguay. Investments focus on Argentina as a strategic partner and Chile as a stable base for investment opportunities through the Chamber of Chinese Companies in Chile. China's strategic efforts in the region center on critical aspects of control over and access to regional and technological infrastructure.

But Panama is the PRC's crown jewel in Latin America given the Panama Canal's geostrategic importance, the Colón Free Trade Zone, and Panama's status as a global banking hub. After gaining control of the canal's Atlantic and Pacific sides through Hutchinson Whampoa, Ltd., in 1997, the PRC now occupies a dominant position in a vulnerable global supply chain chokepoint.

The decision of the Juan Carlos Varela government to break ties with Taiwan and recognize Beijing in June 2017 was a PRC victory. Panama's decision was also a blow to the United States, considering the historic U.S. Panama Canal control and role as Panama's most important security and economic partner.

The PRC's "strategic envelopment" of Panama now includes: Joining the Belt and Road Initiative, ensuring continued

o projeto de sistemas e a concorrência na criação de regras do que sobre a competição em escala de mercado. À medida que as indústrias tecnológicas avançaram para uma melhor qualidade e interoperabilidade, o foco da China na América Latina mudou para a integração de sistemas, capturando as vantagens do mercado e estabelecendo padrões tecnológicos.

A abordagem ampla e estrategicamente integrada da China em relação aos investimentos se espalha pelo Cone Sul. Os projetos abrangem Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Os investimentos concentram-se na Argentina como um parceiro estratégico e no Chile como uma base estável para oportunidades de investimento através da Câmara de Empresas Chinesas no Chile. Os esforços estratégicos da China na região concentram-se nos aspectos cruciais de controle e acesso à infraestrutura regional e tecnológica.

Mas o Panamá é a joia da coroa da RPC na América Latina, por causa da importância geoestratégica do Canal do Panamá, da Zona Franca de Colón, e do status do Panamá como um centro bancário global. Após ganhar o controle dos lados do Atlântico e do Pacífico do canal através da Hutchinson Whampoa, Ltd., em 1997, a RPC agora ocupa uma posição dominante em um vulnerável ponto de estrangulamento da cadeia de abastecimento global.

A decisão do governo de Juan Carlos Varela de romper os laços com Taiwan e reconhecer Pequim em junho de 2017 foi uma vitória da RPC. A decisão do Panamá também foi um golpe para os Estados Unidos, considerando o histórico controle do Canal do Panamá pelos EUA e o seu papel como o parceiro econômico e de segurança mais importante do Panamá.

O "envolvimento estratégico" da RPC com relação ao Panamá agora inclui: juntar-se à "Iniciativa do Cinturão e Rota", assegurando o controle contínuo do Canal, expandindo os bancos chineses, aumentando as empresas chinesas de telecomunicações e influenciando as políticas internas. A RPC pagou ao ex-presidente Varela US$ 143 milhões em "subvenções" governamentais não-públicas e facilitou um acordo de US$ 38 milhões para a empresa de bebidas Varela vender produtos na China, em troca de reconhecer diplomaticamente Pequim em vez de Taiwan. Isso demonstra a falta de transparência da RPC, que aparece em outros casos importantes de infraestrutura, onde empresas da RPC estão relacionadas a irregularidades financeiras significativas.

O crescente esforço chinês para moldar a mídia

À medida que o PCC mudava sua estratégia de investimento, o envolvimento do poder brando da RPC mudou para expandir a presença da mídia chinesa e espalhar os Institutos Confúcio por todo o hemisfério. A "política de saída da mídia" oficial de 2007 foi ordenada para "contar bem a história da China" na América Latina, "fornecer uma alternativa ao discurso dos meios de comunicação ocidentais e apresentar a perspectiva da China sobre as principais questões e eventos internacionais".

Os Institutos Confúcio se concentram em intercâmbios culturais, ensinando o idioma chinês e engajamento local, e cresceram de seis em dois países da América Latina em 2012, a 39 em 20 países até 2017, e 39 em 25 países até 2020. Esses institutos "aprofundam as relações entre a região e a China, aumentando o valor da área geográfica de influência da região e do idioma comum".

Um dos maiores e mais importantes meios de comunicação encarregados de "contar bem a história da China" na América Latina é o *Xinhua Español*, o serviço de notícias em espanhol de propriedade chinesa, que fornece conteúdo e um serviço tradicional de notícias por cabo, programação de televisão, um canal no *YouTube* e plataformas de mídia social. Embora as informações atualizadas não estejam disponíveis, o *Xinhua*, em 2016, tinha 21 escritórios em 19 países da América Latina e afirmou ter 200 assinantes de mídia regional e 200 assinantes adicionais não-midiáticos, sendo a maioria ministérios do governo que recebem o serviço de notícias gratuitamente.

Os bem-financiados e contínuos esforços de poder da RPC ficam aquém do confronto militar direto, mas vão além do domínio tradicional do poder brando. Isso apresenta um conjunto de desafios de vários níveis para os Estados Unidos e seus aliados regionais, onde o custo de não se envolver neste teatro regional será alto.

Vínculos dos EUA com a região

Apesar dos avanços da RPC, os Estados Unidos retêm capacidades significativas para embotar esses avanços e manter sua posição como o principal parceiro de escolha no hemisfério. Isso deve começar com um esforço concentrado, persistente e coordenado de envio de mensagens, fornecendo informações precisas para mudar a narrativa para uma discussão sobre o verdadeiro custo do envolvimento da RPC na região.

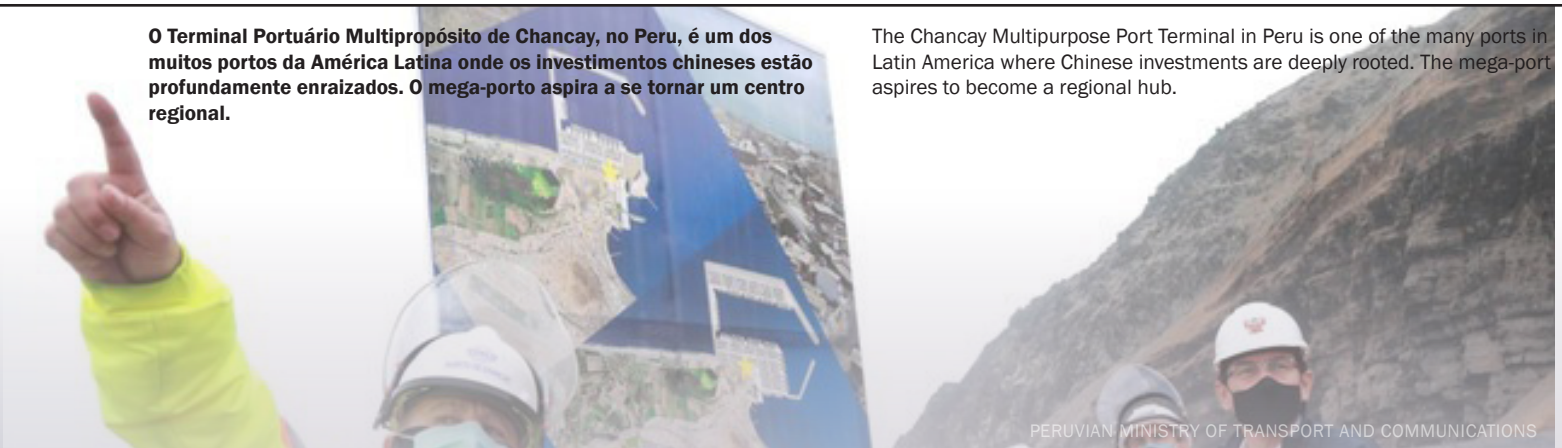
Os Estados Unidos têm muitos vínculos com essa região que a RPC não pode duplicar, replicar ou substituir. O primeiro são as comunidades da diáspora latino-americana nos Estados Unidos, que somam dezenas de milhões, sem que haja comunidades comparáveis na RPC. O segundo é que as remessas de dólares dessas comunidades da diáspora para seus países de origem totalizam dezenas de bilhões de dólares por ano (US$ 6 bilhões somente em El Salvador, em 2020), o que é um apoio direto às famílias que a RPC não pode pretender igualar. Estes dois fatores, além da história hemisférica compartilhada, proporcionam laços culturais e econômicos profundos que superam em muito o que a China pode esperar oferecer, e podem ser usados para mudar o foco político no hemisfério.

Com o tempo, as ações da RPC em arenas estratégicas terão um impacto significativo no desenvolvimento tecnológico contínuo, na coleta de dados em massa, na interoperabilidade e no processamento de nuvens de dados. Igualmente importante, esses esforços provavelmente marginalizarão simultaneamente os esforços dos EUA para construir instituições democráticas, fortalecer o Estado de Direito e combater a corrupção. A falta geral de transparência, o modelo autoritário e o desrespeito da RPC por responsabilizar seus parceiros comerciais ou funcionários do governo contradizem todos os interesses estratégicos dos EUA no hemisfério. O envolvimento com esses países, ao mesmo tempo em que se envolve com as comunidades da diáspora e com a mídia, poderia ajudar a reverter essa marginalização.

* Douglas Farah é um membro sênior visitante no Centro de Pesquisa Estratégica (CSR), do Instituto de Estudos Estratégicos Nacionais, da Universidade de Defesa Nacional. Ele também é presidente da IBI Consultants, uma empresa de consultoria em segurança nacional.

Marianne Richardson é coordenadora de Pesquisa da IBI Consultants e da Universidade de Defesa Nacional. Seu trabalho se concentra em migração, sistemas transnacionais e finanças.

** Este artigo é adaptado da publicação original da Série de Perspectivas Estratégicas do Instituto de Estudos Estratégicos Nacionais da Universidade de Defesa Nacional.
Editora da série: Denise Natali



O Terminal Portuário Multipropósito de Chancay, no Peru, é um dos muitos portos da América Latina onde os investimentos chineses estão profundamente enraizados. O mega-porto aspira a se tornar um centro regional.

The Chancay Multipurpose Port Terminal in Peru is one of the many ports in Latin America where Chinese investments are deeply rooted. The mega-port aspires to become a regional hub.

PERUVIAN MINISTRY OF TRANSPORT AND COMMUNICATIONS

Canal control, expanding Chinese banks, increasing Chinese telecommunications companies, and influencing domestic politics. The PRC paid former President Varela $143 million in nonpublic government "grants" and facilitated a $38 million deal for Varela's liquor company to sell products in China, in exchange for switching diplomatic recognition from Taiwan to Beijing. It demonstrates the PRC's lack of transparency, which appears in other major infrastructure cases, where PRC companies are connected to significant financial irregularities.

The growing Chinese effort to shape media

As the CCP changed its strategic investment strategy, PRC's soft power engagement shifted to expanding Chinese media presence and spreading Confucius Institutes across the hemisphere. The official "media going out policy" of 2007 was ordered to "tell China's story well" in Latin America, "provide an alternative to Western media discourse, and present China's perspective on major international issues and events."

Confucius Institutes focus on cultural exchanges, teaching Chinese, and local engagement and grew from six in two Latin American countries in 2012, to 39 in 20 countries by 2017, and 39 in 25 countries by 2020. These institutes "deepen relations between the region and China, increasing the value of the region's geographical area of influence and common language."

One of the largest and most important outlets tasked with "telling China's story well" in Latin America is *Xinhua Español*, the Spanish-language, Chinese-owned news service that provides content and a traditional wire news service, television programming, a YouTube channel, and social media platforms. While updated information is not available, *Xinhua*, in 2016, had 21 bureaus in 19 countries in Latin America and claimed to have 200 regional media subscribers and an additional 200 nonmedia subscribers, mostly government ministries that receive the news service for free.

The PRC's well-funded and ongoing sharp power efforts fall short of direct military confrontation but move beyond the traditional realm of soft power. This presents a multitiered set of challenges to the United States and its regional allies, where the cost of not engaging in this regional theater will be high.

U.S. ties to the region

Despite the advances of the PRC, the United States retains significant capabilities to blunt these advances and maintain its position as the primary partner of choice in the hemisphere. This must begin with a focused, persistent, and coordinated messaging effort providing accurate information to shift the narrative to a discussion of the true cost of PRC engagement.

The United States has many ties to the region that the PRC cannot duplicate, replicate, or replace. The first is the Latin American diaspora communities in the United States that number in the tens of millions, with no comparable communities in the PRC. The second is that dollar remittances from these diaspora communities to their home countries total tens of billions of dollars a year ($6 billion in El Salvador alone, in 2020), which is direct support to families the PRC cannot hope to match. These two factors, in addition to the shared hemispheric history, provide deep cultural and economic ties that far surpass what China can hope to offer, and can be used to shift the policy focus in the hemisphere.

Over time, PRC actions in strategic arenas will have a significant impact on continuing technological development, the collection of mass data, interoperability, and cloud processing. Just as important, these efforts will likely simultaneously marginalize U.S. efforts to build up democratic institutions, strengthen rule of law, and combat corruption. The PRC's overall lack of transparency, authoritarian model, and disregard for holding business partners or government officials accountable all contradict U.S. strategic interests in the hemisphere. Engaging with those countries, while simultaneously engaging with the diaspora communities and the media, could help reverse this marginalization.

* Douglas Farah is a visiting senior fellow in the Center for Strategic Research (CSR), Institute for National Strategic Studies, at the National Defense University. He is also the president of IBI Consultants, a national security consulting firm.

Marianne Richardson is a research coordinator for IBI Consultants and National Defense University. Her work focuses on migration, transnational systems, and finance.

**This article is adapted from the original publication in Strategic Perspectives Series by the Institute for National Strategic Studies at National Defense University.
Series Editor: Denise Natali

ROLEX DE LA PENA/POOL/AFP

Avanço digital da China na América Latina

R. EVAN ELLIS

Este artigo foi publicado originalmente na Revista Seguridad y Poder Terrestre (Vol. 1 Nº 1 [2022]: julho - setembro) do Centro de Estudos Estratégicos do Exército do Peru (CEEEP)

This article was initially published in the *Revista Seguridad y Poder Terrestre* (Vol. 1 N.º 1 [2022]: July – September) of the Peruvian Army Center for Strategic Studies (CEEEP)

SUMÁRIO

Este trabalho analisa as atividades da República Popular da China (RPC) e de suas empresas em tecnologias digitais e setores econômicos associados na América Latina, incluindo telecomunicações, vigilância, comércio eletrônico, tecnologia financeira, centros de dados e cidades inteligentes. Apesar dos obstáculos decorrentes tanto da resistência na região quanto da política interna da RPC, as empresas chinesas fizeram avanços significativos nesses setores, criando oportunidades para alavancar seu posicionamento e avançar em outras áreas. Da mesma forma, elas usam esta conjuntura para coletar informações de inteligência, tanto sobre alvos governamentais quanto comerciais, pondo em risco a capacidade dos governos de tomar decisões soberanas sobre a RPC e suas empresas, bem como para proteger a propriedade intelectual das empresas que operam em seu território.

INTRODUÇÃO

À medida que a RPC se esforça para reorientar a América Latina e outras partes do mundo para sua vantagem econômica, a economia digital da região e as tecnologias associadas emergiram como um dos principais focos dos seus esforços. Essas áreas receberam um impulso significativo tanto na iniciativa Made in China 2025 quanto na Rota da Seda Digital de 2015 da RPC. Dois dos oito pilares da Iniciativa de Desenvolvimento Global da China, como são a economia digital e a conectividade, estão relacionados a eles. O plano China-CELAC 2022-2024 prioriza explicitamente o envolvimento da China com a região em uma ampla gama de setores digitais, incluindo infraestrutura digital, equipamentos de telecomunicações, 5G, grandes dados, computação na nuvem, inteligência artificial, internet das coisas, cidades inteligentes, Internet+, serviços universais de telecomunicações e gestão do espectro de rádio.

Estas tecnologias digitais são particularmente valiosas para o avanço da China, tanto para liderar a inovação empresarial atual, como para oferecer àqueles que as dominam uma influência inigualável sobre as atividades econômicas que elas apoiam. Elas também fornecem informações sobre os processos governamentais e comerciais, bem como sobre os líderes que utilizam ou são afetados por essas redes. Portanto, o domínio das tecnologias digitais da RPC na América Latina e em outros lugares oferece a oportunidade de conhecer, comprometer-se e explorar de outra maneira os processos decisórios soberanos dos governos e competidores para promover os interesses chineses.

ESTRUTURA DA OPORTUNIDADE E DO DESAFIO DIGITAL CHINÊS

A oportunidade estratégica para a China, decorrente de sua busca por setores e tecnologias digitais na América Latina e em outros lugares, está baseada em uma dinâmica de reforço. O domínio da China em tecnologias aplicadas (por exemplo, as soluções de empresas como a Huawei em 5G) lhe permite desempenhar um papel de liderança no estabelecimento de "padrões" através de organismos internacionais, como a União Internacional de Telecomunicações (UIT).

Da mesma forma, o estabelecimento de padrões ajuda a RPC a garantir vantagens competitivas em setores associados e excluir a concorrência. A RPC reconheceu o valor estratégico das normas em seu documento Padrões da China 2035.

Além disso, o domínio da RPC em setores digitais estratégicos a posiciona para favorecer empresas sediadas na China que utilizam tais sistemas. Neste sentido, existe uma sinergia inerente, por exemplo, entre a difusão dos sistemas de pagamento chineses e os produtos e serviços que podem ser adquiridos por eles ou que estão projetados exclusivamente para usá-los. A expansão da RMB Digital (moeda

eletrônica da China) na América Latina, assim como em outros lugares, só amplificará este desafio.

Com relação à inteligência, as oportunidades disponíveis para a RPC a partir de sua crescente presença nos setores digitais da América Latina são complementadas por sua intenção de explorá-la através de suas próprias leis e práticas empíricas passadas. A Lei de Segurança Nacional da China de 2017 obriga as entidades sujeitas à jurisdição da RPC a entregar informações sob seu controle, se forem relevantes para a "segurança nacional" do Estado da RPC, não importa o quanto as empresas chinesas possam protestar.

Esta situação cria uma oportunidade para que a RPC acesse dados corporativos ou individuais através de empresas de telecomunicações, como Huawei e ZTE, de comércio eletrônico, como Alibaba, de viagens compartilhadas, como DiDi, de tecnologia financeira, como Nubank, e empresas chinesas que operam centros de dados, cujas "nuvens" podem conter uma grande quantidade de dados pessoais sensíveis e exploráveis, propriedade intelectual e/ou informações governamentais.

Embora a questão do uso de dados acessíveis pela RPC através de tecnologias digitais não possa ser abordada com certeza, a RPC tem um histórico de permitir, ou mesmo autorizar, o roubo de propriedade intelectual em seu próprio país, bem como hacking e outras formas de espionagem digital no exterior. Em setembro de 2020, o Departamento de Justiça dos EUA acusou membros do grupo chinês APT41 de tentar piratear 100 empresas americanas. Na África, o grupo chinês Bronze President utilizou o sistema de informação que o governo da RPC havia doado à União Africana para desviar dados de vigilância das câmeras de segurança da organização. Com relação à América Latina, em dezembro de 2021, a Microsoft expôs o hacking do grupo chinês Nickel, cujos alvos incluíam empresas de 16 países latino-americanos.

Ao buscar os benefícios que os produtos digitais chineses parecem oferecer, não está claro que os governos locais da América Latina sejam capazes de avaliar os riscos de comprometimento dos seus dados, ou das informações que podem ser obtidas através do acesso a esses dados. Também não está claro que a sociedade civil na América Latina ou em qualquer outro lugar tenha os conhecimentos técnicos ou as ferramentas para avaliar os riscos e trabalhar para políticas públicas racionais, para controlar os riscos e, ao mesmo tempo, garantir os benefícios das tecnologias digitais chinesas ou de outras tecnologias.

SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES

Desde 1999, a Huawei tem desempenhado um papel importante no setor de telecomunicações na América Latina e no Caribe. Por exemplo, em 2019, a Huawei operava em 20 países da América Latina, com quotas de mercado acima de 20 por cento em quatro deles. No Brasil, a Huawei tem 50 por cento do mercado de equipamentos de telecomunicações. Auspiciosamente, acredita-se que os maiores saltos técnicos da empresa sejam provenientes da propriedade intelectual que ela roubou da empresa canadense Norte. Grande parte do envolvimento atual da Huawei nas arquiteturas de telecomunicações da América Latina é através da incorporação de seus aparelhos, servidores, roteadores e outros equipamentos nas arquiteturas e ofertas comerciais de provedores de varejo como Claro, Movistar, Personal e Tigo, embora as empresas sediadas na

China's Digital Advance in Latin America

R. EVAN ELLIS

ABSTRACT

This work examines activities by the People's Republic of China (PRC) and its companies in digital technologies and associated economic sectors in Latin America, including telecommunications, surveillance, eCommerce, fintech, data centers, and smart cities. It finds that, despite obstacles arising from both resistance in the region and internal PRC politics, Chinese companies have made significant advances in these sectors, creating opportunities for them to leverage these positions to advance in other areas, while also giving them significant opportunities to collect intelligence on both government and commercial targets, putting at risk the ability of governments to make sovereign decisions about the PRC and its companies, and to protect the intellectual property of the companies operating within their territories.

INTRODUCTION

As the PRC has worked to re-orient Latin America and other parts of the world to its economic advantage, the region's digital economy and associated technologies have emerged as a key focus of its efforts. These areas received significant focus in Made in China 2025 and the PRC's 2015 Digital Silk Road initiative. Two of the eight pillars in China's Global Development Initiative, digital economy and connectivity, are tied to them. The China-CELAC 2022-2024 plan explicitly prioritizes China's engagement with the region in a broad range of digital sectors, including digital infrastructure, telecommunications equipment, 5G, big data, cloud computing, artificial intelligence, internet of things, smart cities, Internet Plus, universal telecommunications services, and radio spectrum management.

Such digital technologies are particularly valuable for China's advances both for spearheading today's business innovation, and for affording those who dominate them unparalleled leverage over the economic activities they support, and information about government and commercial processes and leaders using or otherwise touched by those networks. PRC dominance of digital technologies in Latin America and elsewhere thus provides the opportunity to know, compromise, and otherwise exploit the sovereign decision processes of those governments and competitors, in advancing Chinese interests.

THE STRUCTURE OF THE CHINESE DIGITAL OPPORTUNITY AND CHALLENGE

The strategic opportunity for China arising from its pursuit of digital sectors and technologies in Latin America (as elsewhere) is based on a reinforcing dynamic. Chinese dominance in applied technologies (e.g., solutions for companies such as Huawei in 5G) allows them to play a leading role in setting "standards" through international bodies like the International Telecommunications Union (ITU). Setting standards, in turn helps the PRC to lock in competitive advantages in associated sectors and shut out the competition. The PRC recognized the strategic value of standards in its document China Standards 2035.

Chinese dominance of strategic digital sectors, in turn,

PAU BARRENA/AFP

O logotipo do fabricante chinês Huawei é mostrado no Congresso Mundial Móvel, em Barcelona, Espanha, em 28 de fevereiro de 2023. O plano China-CELAC 2022-2024 prioriza explicitamente o envolvimento da China com a região em uma ampla gama de setores digitais, incluindo o 5G.

The logo of Chinese manufacturer Huawei at the Mobile World Congress in Barcelona, Spain, February 28, 2023. The China-CELAC 2022-2024 plan explicitly prioritizes China's engagement with the region in a broad range of digital sectors, including 5G.

RPC também forneçam componentes e serviços diretamente a entidades estatais de telecomunicações de outros países, como Antel, no Uruguai, ou Indotel, na República Dominicana.

Outras empresas chinesas também fornecem equipamentos para a América Latina, tais como Oppo e Xiaomi, que abriram suas primeiras lojas físicas em Buenos Aires em março de 2022. As marcas chinesas menos conhecidas chegam frequentemente como dispositivos de "etiqueta branca" e são comercializadas sob o nome da empresa que as oferece.

Atualmente, a Huawei é líder na América Latina no fornecimento de equipamentos para redes 5G, muitas vezes com vantagens em termos de custo e amplitude de fornecimento. Os equipamentos da empresa chinesa estão posicionados para inclusão de maneira significativa no Chile, Peru e Brasil, que estão liderando a região na implementação de 5G. De fato, em Curitiba, Brasil, a Huawei está procurando estabelecer uma "cidade inteligente" 5G experimental. A Huawei também está bem posicionada na Argentina e na Colômbia, entre outros países, fazendo progressos significativos na definição e leilão de largura de banda.

Através do design e dos padrões em que cada parte da oferta chinesa funciona melhor (ou às vezes sozinha) com outros produtos chineses, as empresas com sede na China confiam umas nas outras para conquistar domínios digitais interdependentes. O presidente dos serviços de nuvem da Huawei na América Latina, Xiao Fe, destaca a posição competitiva do poder da "convergência entre nuvem, inteligência artificial, rede 5G e internet das coisas".

SISTEMAS DE VIGILÂNCIA

Outro setor digital no qual as empresas baseadas na RPC estão fazendo avanços significativos são os sistemas de vigilância. Empresas chinesas, como as companhias de câmera Hikvision e Dahua, entraram pela primeira vez nos mercados latino-americanos, como o México e o Equador, já em 2007. À medida que suas ofertas de produtos evoluem, essas empresas e os integradores como Huawei alavancaram tecnologias como o reconhecimento facial e a biometria, em combinação com megadados, para desenvolver capacidades na RPC, onde as considerações de privacidade individual são mínimas, e então proporcionar essas ofertas à América Latina, onde a insegurança e a luta contra a corrupção fazem com que as soluções chinesas sejam atraentes. De fato, no México, em 2022, a empresa chinesa Hikvision adquiriu a maior empresa de sistemas de segurança do México, a Syscom.

As ofertas chinesas de vigilância instaladas até o momento na América Latina são diversas e incluem sistemas de câmeras de segurança posicionados em lugares como Cidade do México, Georgetown, na Guiana, Jujuy, na Argentina, e Colón, no Panamá. Elas também incluem um sistema posicionado na fronteira do Uruguai com o Brasil, bem como arquiteturas nacionais com amplas capacidades de vigilância, comunicação e outras capacidades, tais como ECU-911 no Equador e BOL-110 na Bolívia. Além desses projetos de alto perfil, empresas sediadas na RPC, como a Hikvision, estão entrando no mercado da vigilância corporativa e doméstica na região, o que lhes dá acesso a uma gama muito mais ampla de informações, dependendo de quem tem acesso a elas.

ARQUITETURAS DE SAÚDE

Com a pandemia da COVID-19, outra área ativamente explorada pelos chineses é a dos serviços de saúde digitais. Na Bolívia, monitores obrigatórios para alertar a presença de pessoas com COVID-19 em suas proximidades foram incorporados à arquitetura de vigilância do governo BOL-110 construída pela China durante a pandemia. As iniciativas digitais relacionadas à saúde também foram incorporadas à diplomacia da RPC quanto à COVID-19, sob a marca Rota da seda para a saúde. Durante a pandemia, empresas com sede na RPC, como Hikvision e Dahua, doaram câmeras térmicas para identificar pessoas potencialmente "doentes", com temperaturas corporais elevadas, as quais foram instaladas, muitas vezes, através de doações do governo chinês, em vários aeroportos e outros edifícios públicos sensíveis em toda a América Latina.

Como em outras áreas, um papel significativo para monitores chineses e outros dispositivos em arquiteturas digitais de saúde daria à RPC uma capacidade significativa para capturar dados biométricos sensíveis sobre a saúde e até mesmo dados genéticos, não apenas sobre indivíduos em particular, mas também sobre o pessoal que trabalha em empresas de interesse de alguns governos. A coleta desses dados poderia contribuir para o avanço das tecnologias e algoritmos de monitoramento chineses em todo o mundo e até mesmo para a bioengenharia, tanto para fins de saúde quanto militares.

CIDADES INTELIGENTES

No ápice da oferta chinesa na América Latina está o conceito de cidades inteligentes. As empresas com sede na China estão por trás da metade dos projetos de cidades inteligentes do mundo e o conceito

position them to favor PRC-based companies who are served by such systems. There is an inherent synergy, for example, between the spread of Chinese payment systems, and products and services which can either be bought by them or are designed to exclusively use them. The spread of the Digital RMB (China's electronic currency) in Latin America, as elsewhere, will only expand this challenge.

With respect to intelligence, the opportunities available to the PRC from its growing presence in digital sectors in Latin America, is complemented by its intention, through its own laws and empirical past practice, to exploit it. The 2017 Chinese National Security Law obliges those subject to PRC jurisdiction, to turn over information under their control if relevance to the "national security" of the PRC state, no matter how much Chinese companies might protest otherwise. This creates a lever for the PRC to access the data on companies or individuals that may pass through the architectures of telecommunications companies such as Huawei and ZTE, eCommerce companies such as Alibaba, rideshare companies like DiDi, fintech firms like NuBank, and Chinese companies operating data centers, whose "clouds" may contain a vast quantity of sensitive, exploitable personal data, intellectual property, and/or government information.

While the question of what the PRC would do with the data accessible through digital technologies cannot be addressed with certainty, the PRC has a track record of permitting or even enabling intellectual property theft in its own country, as well as hacking and other forms of digital espionage abroad. In September 2020, the U.S. Justice Department indicted members of the Chinese group APT41 for attempting to hack into 100 U.S. companies. In Africa, the Chinese group Bronze President used the information system the PRC government had donated to the African Union to siphon off surveillance data from the organization's security cameras. With respect to Latin America, in December 2021, Microsoft exposed hacking by the Chinese group Nickel, whose targets included corporations in 16 Latin American countries.

In pursuing the benefits that Chinese digital products appear to offer, it is not clear that local governments in Latin America are able to evaluate the risks of the compromise of their data or information that can be gained through access to that data. Nor is it clear that civil society in Latin America or elsewhere has the technical knowledge or tools for evaluating the risks and working toward rational public policy positions to control the risks while securing the benefits of Chinese or other digital technologies.

TELECOMMUNICATIONS SECTOR

Huawei has played a role in the Latin American and Caribbean telecommunications sector since 1999. As of 2019, Huawei operated in 20 countries in Latin America, with market shares greater than 20 percent in four of them. In Brazil, Huawei has 50 percent of the telecommunications equipment market. Auspiciously, the company's greatest technical leaps are believed to have come from intellectual property that it stole from the Canadian firm Norte.
Much of the current participation of Huawei in Latin American telecommunications architectures is through the incorporation of its telephones, servers, routers, and other equipment into the architectures and commercial offerings of retail providers such as Claro, Movistar, Personal, and Tigo, although PRC-based companies also provide components and services directly to state-owned telecommunications entities there such as Antel in Uruguay or Indotel in the Dominican Republic. Other Chinese companies also provide equipment to Latin America, including Oppo and Xiaomi, which opened its first physical store in Latin America in Buenos Aires in March 2022. Lesser-known Chinese brands are often brought in as "white label" devices and marketed under the name of the company offering them.

Currently, Huawei is a leader in Latin America in providing equipment for 5G networks, often with advantages of cost and the breadth of the offering. Huawei equipment is positioned to be included in significant ways in Chile, Peru, and Brazil, which are currently leading the region in the implementation of 5G. Indeed, in Curitiba, Brazil, Huawei is seeking to set up a demonstration 5G "smart city." Huawei is also well positioned in Argentina and Colombia, among others, having made important progress with enabling steps such as defining and auctioning bandwidth.

Through design and standards in which each part of the Chinese offering works best (or sometimes only) with other Chinese products, PRC-based companies build off each other to dominate interdependent digital domains. The president of Huawei's cloud services in Latin America, Xiao Fe, emphasizes the competitive position from the power of the "convergence between the cloud, the AI, the 5G network, and the internet of things."

SURVEILLANCE SYSTEMS

Another digital sector in which PRC-based companies are making significant advances is surveillance systems. Chinese firms such as the camera companies Hikvision and Dahua first entered Latin American markets such as Mexico and Ecuador as early as 2007. As their product offering has evolved, such companies, and integrators like Huawei, have leveraged technologies such as facial recognition and biometrics, in combination with big data, to develop capabilities in the PRC where individual privacy considerations are minimal, then provided those offerings to Latin America, where insecurity, the fight against corruption make Chinese solutions attractive. Indeed, in Mexico in 2022, China's Hikvision acquired Mexico's largest security systems company Syscom.

The Chinese surveillance offerings installed to date in Latin America are diverse. They include security camera systems deployed in places like Mexico City; Georgetown, Guyana; Jujuy, Argentina; and Colón, Panama. They also include a system deployed on Uruguay's border with Brazil, as well as national-level architectures with broad monitoring, communication, and other capabilities, such as the country-wide ECU-911 in Ecuador, and BOL-110 in Bolivia. Even more importantly, beyond such high-profile projects, PRC-based companies such as Hikvision are also making inroads in the corporate and home surveillance market in the region, giving them access to a far broader array of information, depending on who has access to such information.

HEALTH ARCHITECTURES

With the COVID-19 pandemic, another area being actively exploited by the Chinese is digital health services. In Bolivia, obligatory monitors for alerting people to those with COVID-19 in their proximity was incorporated into the Chinese-built government monitoring architecture BOL-110 during the pandemic. Health-related digital initiatives were also incorporated within PRC COVID-19 diplomacy under the branding Health Silk Road. During the pandemic, PRC-based companies such as

3000LIGHTYEARS/CREATIVE COMMONS

recebeu uma considerável atenção e apoio do presidente chinês, Xi Jinping. De acordo com o Comando Sul dos EUA, atualmente há 10 grandes iniciativas de cidades inteligentes em andamento na região.

Embora a composição das cidades inteligentes varie muito, geralmente envolve a integração de numerosos serviços digitais diferentes, desde arquiteturas de vigilância até sistemas de transporte, passando por dispositivos de pagamento inteligentes, gerenciamento de serviços públicos, resposta a emergências e alertas sobre desastres, proporcionando ao operador oportunidades sem precedentes para coletar movimentos, informações financeiras e de outro tipo sobre residentes e demais pessoas que operam nas cidades.

COMÉRCIO ELETRÔNICO

Na área do comércio eletrônico, a empresa chinesa Alibaba desempenha um papel importante no fornecimento de produtos chineses na América Latina. Essa empresa está fortemente posicionada na região no papel de negócio-a-negócio (B2B), que impulsionou sua expansão original, embora tenha feito alguns progressos no mercado de negócio-ao-consumidor (B2C), particularmente no Brasil. A empresa continua a enfrentar desafios na expansão de seus negócios B2C, devido à escassa infraestrutura para a entrega aos consumidores e à forte concorrência de atores mais estabelecidos, como Amazon e Mercado Livre.

O comércio eletrônico chinês também inclui a empresa de viagens compartilhadas DiDi Chuxing, que ampliou significativamente sua presença na região através da aquisição, em 2018, da empresa brasileira de viagens compartilhadas 99. Antes da pandemia da COVID-19, a DiDi tinha, segundo algumas estimativas, a metade do mercado de viagens compartilhadas na América Latina, com uma presença particularmente forte no México e no Brasil, mas também na Colômbia, no Chile e na República Dominicana. Como outras empresas chinesas no espaço digital, os serviços prestados pela DiDi estão integrados em outras arquiteturas digitais. A DiDi aparece integrada em cerca de 30 projetos e propostas de cidades inteligentes chinesas em todo o mundo e trabalha para ser um provedor de serviços em tais cidades, inclusive através de automóveis autônomos.

Esta integração não fará mais do que ampliar o risco de dados coletados pela DiDi sobre as viagens de seus usuários, podendo proporcionar informações sobre reuniões importantes entre figuras governamentais de interesse para a China, concorrentes comerciais e atividades pessoais, para chantageá-los. Como reflexo da preocupação sobre os dados da DiDi, em 2022, o Departamento de Defesa dos EUA reconheceu a existência de uma investigação em andamento sobre a DiDi em relação a este tipo de dados.

Da mesma forma, as empresas com sede na RPC começaram a se posicionar no setor de tecnologia financeira (Fintech), embora seu foco até agora tenha sido os sistemas de pagamento digital, como os avanços da Alipay no México. No entanto, as empresas chinesas ainda estão lutando para avançar nesse espaço, em parte devido à fraqueza das arquiteturas bancárias locais como veículo para pagamentos diretos, esquivando-se das redes de provedores de crédito estabelecidos, como Mastercard e Visa.

A utilização na América Latina do RMB Digital, que está sendo implementado atualmente pela RPC, poderia ampliar o atrativo dos sistemas de pagamento chineses. Os especialistas consultados para este trabalho ressaltam, entretanto, que, a curto prazo, esse potencial está limitado pela ligação da GNI Digital com o governo da RPC e devido ao fato de que os latino-americanos preferem o anonimato das moedas digitais não governamentais, como o Bitcoin, mais conhecido por ter sido adotado, em 2021, como moeda oficial pelo governo de Nayib Bukele, em El Salvador.

Além dos sistemas de pagamento, as empresas com sede na China tiveram algum sucesso na expansão das Fintechs orientadas aos empréstimos para o consumo. Em 2018, por exemplo, a Tencent adquiriu uma participação de US$ 180 milhões na Fintech brasileira NuBank. A empresa financeira FoSun, sediada na RPC, opera de forma semelhante no Brasil, mas teve vários desafios. Embora a oferta de "serviços bancários aos que tradicionalmente não estão bancarizados" seja uma importante área de crescimento para as Fintechs em geral, a importância do conhecimento das populações locais visadas tem sido um claro obstáculo para o avanço chinês no setor. No entanto, à medida que a RPC avança em empréstimos baseados na Fintech, sua penetração no mercado lhe permite conhecer potencialmente a situação financeira de milhões de pessoas, incluindo o pessoal de baixo nível que trabalha em empresas ou áreas de interesse para os chineses.

MEGADADOS E COMPUTAÇÃO NA NUVEM

Os centros de dados são outra área que oferece oportunidades significativas para os chineses. A Huawei, por exemplo, opera atualmente centros de dados em vários países da América Latina, apoiando oito "zonas de disponibilidade de dados" em toda a região. Sua área de cobertura inclui instalações de armazenamento na nuvem em Santiago, no Chile, São Paulo, no Brasil, e duas instalações no México, com projetos para obter mais instalações. O conceito de centro de dados da Huawei está integrado com suas capacidades em matéria de comunicação celular e outras, com uma gama de ofertas de serviços que vão desde o apoio a comunicações e processos corporativos, até aplicações no setor da saúde. Talvez seja mais preocupante que a Huawei ofereça um programa na América Latina para subsidiar as empresas startups, com o objetivo de localizar sua propriedade intelectual e seus processos na nuvem da Huawei, dando à empresa chinesa acesso a algumas das tecnologias mais avançadas da América Latina.

Os centros de dados chineses na região são impulsionados em parte pelas necessidades de armazenamento das plataformas chinesas de comércio eletrônico, como Alibaba. Por exemplo, Tencent, afiliada de Alibaba, instalou um centro de dados para suas operações no Brasil. Estes centros de dados destacam o risco de que tanto vendedores quanto compradores sejam incentivados ou forçados a manter dados sensíveis sobre seus produtos, processos e finanças nestes sites, aos quais os proprietários chineses têm acesso. Em 2021, a empresa chinesa Aisino estava prestes a ganhar um contrato para administrar e, portanto, ter acesso a praticamente todo o registro civil chileno.

Empresas como a Huawei, entretanto, estão levando os serviços disponíveis através de centros de dados muito além do comércio eletrônico, com a computação na nuvem e a inteligência artificial operando sobre os megadados ali armazenados, alguns capturados da internet das coisas, levando a um novo nível tanto a atratividade de tais serviços quanto o nível de dados pessoais, corporativos e governamentais que podem ser comprometidos. Recentemente, a Huawei começou a promover seu centro de dados no Chile, como um lugar onde as empresas iniciantes poderiam localizar suas operações e dados, subsidiados pela Huawei, dando aos chineses acesso à potencial tecnologia de ponta e inovações dessas empresas.

Hikvision and Dahua donated thermal cameras for identifying potentially "sick" subjects with elevated body temperatures that were installed, often through Chinese government donations, in a range of airports and other sensitive public buildings across Latin America.

As in other areas, a significant role for Chinese monitors and other devices in digital health architectures would be to give the PRC a significant ability to capture sensitive biometric, health, and even genetic data on not only private individuals, but on personnel working in companies of governments of interest. The collection of such data could also contribute to the advance of Chinese monitoring technologies and algorithms globally, and even bioengineering for both health and military purposes.

SMART CITIES

At the apex of the Chinese offering in Latin America is the concept of smart cities. PRC-based companies are behind half of the world's smart cities projects, and the concept has received considerable attention and support by Chinese President Xi Jinping. According to U.S. Southern Command, there are currently 10 major smart cities initiatives underway in the region.

While the composition of smart cities varies widely, it generally involves the integration of numerous different digital services from surveillance architectures to transportation systems, to smart pay devices, to public utility management, to emergency response, and alerts against disasters, providing the operator unprecedented opportunities for gathering movement, financial, and other intelligence on the residents and others operating in the cities.

ECOMMERCE

In eCommerce, the Chinese company Alibaba plays an important role in the sourcing of Chinese products in Latin America. It is strongest in the region in the business-to-business (B2B) role that propelled its original expansion, although it has made some progress in the business-to-consumer (B2C) market, particularly in Brazil. The company continues to face challenges in the expansion of its B2C business due to poor infrastructure for delivering to consumers, and strong competition from the more established players Amazon and Mercado Libre.

China's eCommerce also includes the ride-share company DiDi Chuxing, which expanded its presence in the region significantly through its 2018 acquisition of the Brazilian rideshare company 99. Prior to the COVID-19 pandemic, DiDi had by some estimates half of the rideshare market in Latin America, with a particularly strong presence in Mexico and Brazil, but also operating in Colombia, Chile, and the Dominican Republic. As with other Chinese companies in the digital space, the services provided by DiDi are also integrated into other digital architectures. DiDi lists itself as integrated with some 30 Chinese smart cities projects and proposals worldwide and is working toward being a service provider in such cities including through self-driving cars.

Such integration will only expand the risk of data collected by Didi on the trips of its users, which can provide insights into important meetings between government figures of interest to China, commercial competitors, and personal activities of Didi users that could be used as a basis to blackmail them. Reflecting concerns over DiDi's data, in 2022, the U.S. Defense Department acknowledged an ongoing investigation into DiDi regarding such data related issues.

PRC-based companies have further begun to build a position in fintech (financial technology), although their focus has to date been on digital payment systems such as advances by Alipay in Mexico. Nonetheless, Chinese companies continue to struggle to advance in that space in part due to the weakness of local banking architectures as a vehicle for conducting direct payments, circumventing the networks by the established credit providers such as Mastercard and Visa.

Latin American use of the Digital RMB, which the PRC is currently rolling out, could expand the attractiveness of its Chinese payment systems. Experts consulted for this work note, however, that in the short term, such potential is limited by the linkage of the Digital RMB to the PRC government; Latin Americans prefer the anonymity of nongovernment digital currencies such as Bitcoin, most famously adopted in 2021 as an official currency by Nayib Bukele's government in El Salvador.

Beyond payment systems, PRC-based companies have had some success expanding into consumer loan-oriented fintechs. In 2018, for example, Tencent acquired a $180 million stake in the Brazilian fintech NuBank. The PRC-based finance company FoSun similarly operates in Brazil, although it has had challenges there. Although offering "banking services to the traditionally unbanked" is a major growth area for fintechs in general, the importance of local knowledge of the populations being targeted has been an obstacle for the Chinese advance in the sector. Nonetheless, to the extent the PRC advances in loan-based fintechs, its market penetration potentially gives the PRC insights into the financial status of millions, including lower-level personnel working in companies or areas that may be of interest to the Chinese.

BIG DATA AND CLOUD COMPUTING

Data Centers are another domain providing significant opportunities for the Chinese. Huawei, for example, currently operates data centers in multiple Latin American countries, supporting eight "data availability zones" across the region. Its footprint includes cloud storage facilities in Santiago, Chile; São Paulo, Brazil; and two facilities in Mexico, with plans for more. Huawei's data center concept integrates with its cellular and other communications capabilities, and a range of service offerings from supporting corporate communications and processes, to health sector applications. Perhaps more ominously, Huawei offers a program in Latin America for subsidizing start-ups to locate their intellectual property and processes in the Huawei cloud, giving the company access to some of the most leading-edge technology in Latin America.

Chinese data centers in the region are driven in part by the storage needs of Chinese eCommerce platforms such as Alibaba. Alibaba affiliated Tencent, for example, set up a data center for its operations in Brazil. Such data centers highlight the risk that both vendors and purchasers are incentivized or obliged to maintain sensitive data about their products, processes, and finances on such sites, where the Chinese owners have access to them. In 2021, the Chinese company Aisino almost won a contract for managing, and thus giving it access to virtually the entire Chilean civil registry.

Companies such as Huawei, however, are taking the services available through data centers far beyond eCommerce, with cloud computing and artificial intelligence operating on big data stored there, some captured from the internet of things taking to a new level both the attractiveness of such services, and the level

AJUDA AOS AMIGOS AUTORITÁRIOS DA CHINA

O apoio que a RPC proporciona a seus amigos não democráticos, tipicamente antiamericanos, através das tecnologias digitais, complementa a ajuda que lhes proporciona comprando suas commodities, concedendo-lhes empréstimos e investimentos e vendendo-lhes equipamentos de segurança para sustentar a vida desses regimes.

Na Venezuela, a empresa chinesa de eletrônica CEIEC ajudou o regime de facto de Maduro a espionar o presidente de jure Juan Guaidó e seus partidários. O carnê da pátria, implementado para o regime venezuelano pela empresa ZTE da China, é um mecanismo digital para rastrear a população e distribuir os escassos recursos do Estado, similar ao protótipo de "sistemas de crédito social" na China. O cartão é obrigatório para tudo, desde votar e receber tanto a gasolina, com preços subsidiados pelo Estado, como as exíguas rações (as deploráveis caixas CLAP), até as vacinas chinesas e russas" contra a COVID-19, atuando, além disso, como uma carteira digital para certos tipos de pagamento. Da mesma forma, em Cuba, a tecnologia fornecida pela Huawei para ajudar o governo comunista do país a implementar sua arquitetura de telefonia móvel e telecomunicações foi utilizada para cortar as comunicações entre os manifestantes durante o levante nacional de julho de 2021 contra o governo cubano, semelhante ao uso de tais tecnologias na RPC.

No Equador, o sistema de vigilância doméstica ECU-911, construído por empresas com sede na China para o antigo regime populista de Rafael Correa, ajuda o governo a monitorar e, segundo seu sucessor Lenín Moreno, até mesmo espiar o povo equatoriano. Da mesma forma, na Bolívia, o sistema similar BOL-110, construído pelos chineses para o regime populista de Evo Morales, inclui o reconhecimento facial e a verificação da placa de matrícula. Ele também é utilizado para ajudar o regime a vigiar a população boliviana. De fato, ele foi usado em abril de 2020 para ajudar o governo a rastrear digitalmente os suspeitos de ter COVID-19, forçando-os a usar pulseiras de informação conectadas ao sistema.

DESAFIOS PARA O AVANÇO DA CHINA

Embora as empresas sediadas na China tenham feito avanços impressionantes nas tecnologias e setores digitais da região, seu domínio desses setores e sua capacidade de explorá-los não é um fato consumado. Os governos latino-americanos estão cada vez mais conscientes da ameaça que sua participação em arquiteturas digitais representa para sua capacidade de decisão soberana. A dificuldade para parceiros como os Estados Unidos em compartilhar inteligência e outras informações sensíveis com parceiros com arquiteturas tão comprometidas, bem como a relutância potencial dos investidores ocidentais em investir em operações envolvendo propriedade intelectual sensível, poderia aumentar o interesse dos governos anfitriões na confiabilidade de suas arquiteturas digitais, incluindo que empresas e tecnologias estão envolvidas.

Ao mesmo tempo, o avanço das empresas chinesas no espaço digital está sendo dificultado, em certo modo, pela própria batalha da RPC pelo controle dessas tecnologias e para garantir que os prósperos chefes dessas empresas não se tornem uma ameaça à liderança do Presidente Xi Jinping. A decisão do governo chinês de bloquear a oferta pública inicial de US$ 300 bilhões do Ant Group do bilionário Jack Ma, em novembro de 2020, e a investigação e o movimento de julho de 2021 para controlar os dados da empresa de viagens compartilhadas DiDi Chuxing são dois desses exemplos. De fato, o foco do governo chinês nas empresas de Jack Ma freou seu avanço internacional. Da mesma forma, a atenção da RPC à DiDi parece ter prejudicado mais sua expansão nacional do que seus negócios internacionais.

RECOMENDAÇÕES E CONCLUSÕES

Há uma série de medidas que os governos da região e dos EUA podem tomar para ajudar a gerenciar os riscos associados:

Os governos da América Latina devem reforçar a sofisticação de sua avaliação das ameaças potenciais resultantes da implementação de tecnologias digitais em áreas sensíveis por empresas cujos governos, como o da RPC, representam uma ameaça crível, empiricamente demonstrada, de não proteger a propriedade intelectual e a privacidade desses dados. Da mesma forma, os Estados Unidos e os parceiros ocidentais com os mesmos interesses deveriam esclarecer seriamente aos parceiros latino-americanos as consequências de permitir que fornecedores não confiáveis ingressem em suas arquiteturas, colocando em risco informações confidenciais do governo, pessoais ou corporativas. Isto pode levar à explicação de que os Estados Unidos ou outros parceiros ocidentais podem não ser capazes de fornecer dados de inteligência ou outras formas de cooperação através de tais redes comprometidas. Nesses casos, os Estados Unidos deveriam trabalhar com seus parceiros democráticos com os mesmos ideais, para oferecer-lhes alternativas razoáveis.

Para melhor justificar suas advertências, os Estados Unidos deveriam coletar e disponibilizar exemplos mostrando incidentes passados de pirataria informática, ciberespionagem ou outras atividades ilícitas relevantes do governo chinês e de suas empresas. Os Estados Unidos também deveriam comunicar de maneira eficaz ao público latino-americano a natureza e a magnitude da ameaça representada pela coleta de informações pelos chineses nessas arquiteturas digitais.

Os Estados Unidos e outros governos ocidentais também deveriam trabalhar em estreita colaboração com o setor privado para tanto educar como aprender com eles sobre os riscos apresentados pela capacidade dos chineses para acessar seus dados, com respeito à sua propriedade intelectual e posição competitiva, a fim de alavancá-los mais efetivamente como parceiros e defensores nos países onde operam, e permitir que continuem a criar com segurança empregos e oportunidades nos países onde investem.

Complementarmente, os Estados Unidos devem aumentar a coordenação e o apoio às principais empresas do setor privado nos setores digitais, bem como ajudar as nações parceiras a avaliar as ameaças e desenvolver políticas eficazes, processos de desenvolvimento de padrões e mecanismos de triagem de investimentos para proteger a integridade dos domínios vulneráveis ao compromisso digital.

Finalmente, no futuro, os Estados Unidos devem trabalhar com governos parceiros, empresas do setor privado e outras partes interessadas, para implementar uma visão alternativa de arquiteturas digitais que sejam competitivas com as ofertas chinesas, ao mesmo tempo em que asseguram a proteção de indivíduos e grupos (incluindo corporações), com relação à informação de inteligência que pode ser obtida através do uso de tais dados. D

OLAF KOSINSKY/SKILLSHARE.EU/CREATIVE COMMONS

of personal, corporate, and government data that can be compromised. Recently, Huawei began promoting its data center in Chile as a place where start-up firms could locate their operations and data, subsidized by Huawei thus giving the Chinese access to the potential cutting-edge technology and innovations of those firms.

HELPING CHINESE AUTHORITARIAN FRIENDS

The support that the PRC provides to its non-democratic, typically anti-U.S. friends through digital technologies, compliments the help it provides them through purchasing their commodities, providing them loans and investments, and selling them security equipment, to sustain the life of those regimes.

In Venezuela, Chinese electronics company CEIEC helped the de facto Maduro regime spy on de jure President Juan Guaidó and his supporters. The fatherland identity card, implemented for the Venezuelan regime by China's ZTE, is a digital mechanism for tracking the population and distributing scarce resources from the state, similar to prototype "social credit systems" in China. The card is obligatory for everything from voting to receiving gasoline at state-subsidized prices, and scarce rations (the infamous CLAP boxes), to Chinese and Russian COVID-19 vaccines, and also acts as a digital wallet for certain types of payment. Likewise, in Cuba, the technology provided by Huawei to help that nation's communist government implement its cellphone and telecommunications architecture, was used to shut down communications among protesters during the July 2021 nationwide uprising against the Cuban government, similar to the use of such technologies in the PRC.

In Ecuador, the nationwide surveillance system ECU-911, built by PRC-based companies for the populist former regime of Rafael Correa, helps the government to survey, and according to his successor Lenin Moreno, even spy on, the Ecuadorian people. Additionally, in Bolivia, the similar system BOL-110, built by the Chinese for the populist regime of Evo Morales, includes facial recognition and license plate verification. It has also been used to help the regime monitor the Bolivian population. Indeed, it was used in April 2020 to help the government digitally track those suspected of having COVID-19 by obliging them to wear reporting bracelets connected to the system.

CHALLENGES TO CHINA'S ADVANCES

While PRC-based companies have made impressive advances in digital technologies and sectors in the region, their dominance of those sectors and ability to exploit them is not a fait accompli. Latin American governments are increasingly aware of the threats that their participation in digital architectures poses to their ability to make sovereign decisions. The difficulty of partners such as the United States to share intelligence and other sensitive information with partners with such compromised architectures, and the potential reluctance of Western investors to invest in operations involving sensitive intellectual property arguably increases host government interest in the reliability of their digital architectures, including which companies and technologies participate in them.

At the same time, the advance of Chinese companies in the digital space is in some ways being hampered by the PRC's own battle for control over those technologies and to ensure that the wealthy company heads associated with them do not become a threat to President Xi's leadership. The Chinese government's move to block the $300 billion initial public offering of billionaire Jack Ma's Ant Group in November 2020, and the July 2021 investigation and move to control the data of rideshare company DiDi Chuxing are two such examples. Indeed, the targeting of Jack Ma's companies by the PRC government has slowed the advance of the international portion of the company. The PRC attention to DiDi, on the other hand, appears to have hurt its domestic expansion more than its international business.

RECOMMENDATIONS AND CONCLUSIONS

There are a number of steps that the governments of the region and the U.S. can take to help manage the associated risks:

Latin American governments must increase the sophistication of their threat assessment for the implementation of digital technologies in sensitive areas by companies whose governments, such as the PRC, pose an empirically demonstrated credible threat of not protecting the intellectual property, and privacy of that data. Similarly, the U.S. and like-minded Western partners must respectfully make clear to partners the consequences of allowing untrusted vendors in architectures in such a way that put sensitive government, personal, or corporate information at risk. This may include explaining that the U.S. or other Western partners may not be able to supply intelligence data or other forms of cooperation over such compromised networks. In such cases, the U.S. should also work together with its like-minded democratic partners to provide reasonable alternatives to those partners.

To better make the case for the justification behind its warnings, the U.S. must better collect and make available examples showing past incidents of Chinese hacking, cyberespionage, or other relevant wrongful activities by the PRC government and its companies. In a similar fashion, the U.S. must better communicate with Latin American publics in an effective way regarding the nature and magnitude of the threat coming from the information the Chinese can capture from those digital architectures.

The U.S. and other Western governments must also do more to work with the private sector to both educate and learn from them regarding the risks to their intellectual property and competitive position arising from the ability of the Chinese to access their data, to more effectively leverage them as partners and advocates in the countries in which they operate and enable them to continue to securely create jobs and opportunity in the countries where they invest. As a compliment, the U.S. must increase coordination with and support for leading private sector firms in digital sectors, should help partner nations evaluate threats and develop effective policies, standards formation processes, and investment screening mechanisms to protect the integrity of domains vulnerable to digital compromise.

Finally, in looking to the future, the U.S. must work with partner governments, with those private sector companies, and other interested parties to advance an alternative vision of digital architectures that is both competitive with the Chinese offering, while yet also assuring the protection of the individual and groups (including corporations) from the intelligence that can be gained by exploiting that data. D

Evan Ellis serves as Latin America Research Professor with the U.S. Army War College Strategic Studies Institute, with a focus on China and other extra-hemispheric actors in the region, transnational organized crime, and populism.

Pesca ilegal desenfreada da China coloca em risco o meio-ambiente e a economia globais

Contra-Almirante Mike Studeman, diretor do Escritório Nacional de Integração da Inteligência Marítima e comandante do Escritório de Inteligência Naval

Se o termo "pesca ilegal" invoca imagens de pequenos números de embarcações dispersas que piratam independentemente os recursos do mar, pense novamente. O problema da pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) deriva cada vez mais de frotas de pesca em águas profundas apoiadas pelo Estado, incluindo arrastões gigantescos acompanhados de navios de apoio, congeladores e embarcações de transporte. Operando continuamente em grandes grupos com alcance global, estas flotilhas em escala industrial são capazes de arrastar redes massivas, literalmente capturando tudo o que está na sua esteira, muitas vezes sem consideração pelas leis de pesca ou consentimento das nações costeiras.

É assim que um forte aumento da pesca INN por barcos de pesca chineses na última década chegou a ameaçar os oceanos do mundo, privar as nações costeiras de seu sustento econômico e minar as leis e normas internacionais.

Um estudo de 2015 encontrou um declínio de 50 por cento na vida oceânica nos últimos 50 anos. De acordo com dados das Nações Unidas, aproximadamente 90 por cento dos estoques de peixes remanescentes no mundo estão agora totalmente explorados, superexplorados ou esgotados. Estas frotas pesqueiras têm como alvo lulas, atuns, dourados, tubarões e incontáveis outras espécies.

Embora a pesca INN afete todo o globo, os estados costeiros da Ásia, África e América Latina são particularmente atingidos. Esta "mineração a céu aberto" dos oceanos do mundo rouba das nações em desenvolvimento dezenas de bilhões de dólares anualmente, ameaçando o sustento das comunidades pesqueiras locais, privando os cidadãos de recursos alimentares críticos e reduzindo o produto interno bruto das nações regionais. Muitas dessas nações carecem da consciência do domínio marítimo e da capacidade de fiscalização para afastar essas frotas pesqueiras vorazes.

A frota de embarcações pesqueiras de águas distantes da República Popular da China (RPC) é desproporcionalmente responsável por esta tendência.

Depois de esgotar os estoques de peixes em águas chinesas no início dos anos 2000, a China ajudou a aumentar sua frota através de subsídios governamentais, produzindo barcos de pesca maiores, capazes de operar mais longe do continente chinês e por mais tempo.

As frotas chinesas de pesca em águas distantes agora vasculham largas faixas dos oceanos Atlântico, Índico, Meridional e Pacífico, assim como águas ao largo da América do Sul, África Oriental e Ocidental, Antártica e ilhas do Pacífico Sul.

A população chinesa consome aproximadamente um terço dos frutos do mar capturados globalmente e o país é também um dos principais exportadores de frutos do mar. Um estudo recente da Coalizão para a Transparência Financeira relatou que oito das 10 empresas responsáveis por quase um quarto de todos os casos denunciados de pesca INN estão sediadas na China. Muitas dessas empresas estão sob escrutínio por suas práticas enganosas de contratação, trabalho forçado, abuso de recrutas migrantes e outras práticas de exploração que equivalem à escravidão no mar.

Segundo os próprios dados da China, sua frota de pesca em águas distantes quase dobrou de tamanho na última década e é agora a maior do mundo, quase igual ao resto das frotas distantes do mundo combinadas. Dados de 2017 e 2018 indicavam números de frota da China entre 12.000 e 17.000 embarcações, embora seja problemático contar o volume exato, porque a China frequentemente tenta ocultar a propriedade de barcos de pesca.

De acordo com a Organização Regional de Gestão Pesqueira do Pacífico Sul, o número total de embarcações de bandeira chinesa no Pacífico Sul aumentou 10 vezes entre 2009 e 2020. As autoridades peruanas observaram que estas frotas são tão grandes que quando

Centenas de barcos pesqueiros partem para pescar na cidade de Yangjiang, província de Guangdong, no sul da China, em 16 de agosto de 2019.

Hundreds of fishing boats leave for fishing in Yangjiang city, south China's Guangdong province, August 16, 2019.

CHEN JIMIN / IMAGINECHINA VIA AP

China's Rampant Illegal Fishing Is Endangering the Environment and the Global Economy

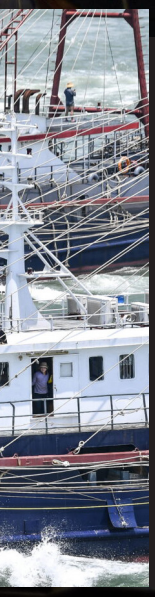
U.S. Navy Rear Admiral Mike Studeman, director of National Maritime Intelligence Integration Office (NMIO) and commander, Office of Naval Intelligence (ONI)

If the term "illegal fishing" conjures images of small numbers of scattered vessels independently pirating the sea's resources, think again. The problem of illegal, unreported, and unregulated (IUU) fishing stems increasingly from state-supported deep water fishing fleets, including massive trawlers accompanied by sustainment vessels, freezer, and transport vessels. Operating continuously in large groups with global reach, these industrial-scale flotillas are able to drag massive nets, literally capturing everything in their wake, often without regard for fisheries laws or consent of the coastal nations.

It's how a sharp increase in IUU fishing by Chinese fishing boats over the past decade has come to threaten the world's oceans, deprive seaside nations of their economic livelihoods, and undermine international laws and norms.

A 2015 study found a 50 percent decline in ocean life over the last 50 years. According to United Nations data, approximately 90 percent of the world's remaining fish stocks are now fully exploited, overexploited, or depleted. These fishing fleets target squid, tuna, mahi mahi, sharks, and countless other species.

Although IUU fishing affects the entire globe, coastal states in Asia, Africa, and Latin America are particularly hard hit. This



HU SHEYOU/IMAGINECHINA VIA AFP

Barcos de pesca estão ancorados em um porto na cidade de Zhoushan, província de Zhejiang, no leste da China, em 27 de abril de 2019. A China construiu a maior frota pesqueira de águas profundas do mundo, com milhares de navios que pescam em qualquer oceano, explorando e esgotando severamente os estoques pesqueiros.

Fishing boats are docked at a harbor in Zhoushan city, east China's Zhejiang province, April 27, 2019. China has built the world's largest deep-water fishing fleet, with thousands of ships that fish in any ocean of the world, severely exploiting and depleting fish stocks.

A tripulação a bordo do USCGC Stone (WMSL 758) se prepara para lançar um dos pequenos barcos do navio no mar do Caribe, para interceptar uma embarcação suspeita de se envolver em atividades ilegais, em 6 de janeiro de 2021

The crew aboard the USCGC Stone (WMSL 758) prepares to launch one of the ship's small boats in the caribbean Sea to intercept a vessel suspected of engaging in illegal activity, January 6, 2021.

U.S. COAST GUARD PETTY OFFICER THIRD CLASS JOHN HIGHTOWER

pescam à noite com luzes brilhantes para atrair lulas gigantescas, a pegada luminosa no mar é mais maciça do que a capital, Lima, uma cidade com mais de 10 milhões de habitantes. Os navios da RPC que operam ao largo das costas do Senegal pescam tantos peixes em uma semana quanto todos os barcos senegaleses pescam em um ano.

Para ocultar sua presença das autoridades locais, os navios de pesca chineses às vezes desligam seu sinal do Sistema de Identificação Automática (AIS), depois operam nas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE) de outras nações sem consentimento, para explorar oportunidades de pesca, e depois reativam seu AIS uma vez fora das ZEEs. Um estudo relatou que quase 90 por cento dos 300 barcos de pesca que "escureceram" perto da ZEE argentina em 2019 eram de bandeira chinesa.

Mesmo na ausência de práticas enganosas, muitos estados afetados negativamente pela pesca ilegal não têm atualmente a capacidade de detectar e responder de forma confiável à atividade pesqueira, mesmo quando suspeitam ou sabem que ela está ocorrendo em suas ZEEs. Os pescadores chineses se aproveitam rotineiramente destas lacunas.

Mas os Estados Unidos trabalham ativamente com parceiros para ajudar a preencher essas lacunas e manter as leis, normas e regulamentos internacionais.

A posição do governo dos EUA sobre esta questão é muito clara: declaramos que a pesca INN constitui agora um grande desafio ambiental, econômico e de segurança nacional. Em junho, o presidente dos EUA Joe Biden classificou a pesca INN como uma das "maiores ameaças à saúde dos oceanos" e um contribuinte para o colapso do "crescimento econômico, de sistemas alimentares e ecossistemas de numerosos países ao redor do mundo".

Em outubro, o Grupo de Trabalho Interagencial dos EUA sobre Pesca INN, que consiste de 21 agências federais, publicou a "*Estratégia Nacional Quinquenal de Combate à Pesca INN*". Este importante relatório ressalta a necessidade de colaborar com outras nações para promover a pesca, o gerenciamento e a governança sustentáveis. Ele também destaca a necessidade de melhorar o monitoramento, controle e vigilância das operações de pesca marítima. Além disso, o relatório ressalta que os Estados Unidos trabalharão para garantir que somente frutos do mar legais, sustentáveis e colhidos de forma responsável entrem em nosso mercado.

O Escritório Nacional de Integração da Inteligência Marítima desempenha um papel na abordagem deste desafio global, juntamente com muitos parceiros interagenciais. Além de orquestrar recursos de inteligência e ajudar a facilitar o compartilhamento de informações contra este problema, estamos trabalhando estreitamente com parceiros estrangeiros e com o setor privado para aumentar a conscientização do domínio marítimo, fornecendo ferramentas e uma variedade de serviços de apoio. Fazemos isso em conjunto com a Marinha dos EUA como um fornecedor-chave de ferramentas, os Comandos de Combate regionais, como parte de seus planos de cooperação em matéria de segurança no teatro de operações, e o Departamento de Estado como líder para iniciativas diplomáticas gerais com nações parceiras.

O mundo se reuniu muitas vezes para enfrentar os desafios em nossos oceanos, incluindo a proteção de espécies de baleias ameaçadas de extinção e uma moratória sobre redes de deriva nocivas e outras artes de pesca destrutivas. Mitigar o impacto da pesca INN requer o mesmo esforço concertado e duradouro.

Nenhuma nação deve ser autorizada a explorar em excesso os recursos oceânicos até levá-los a condições de crise para seu próprio benefício, às custas de todas as outras nações. O futuro dos oceanos do mundo e a sustentabilidade de sua biodiversidade para apoiar a humanidade durante décadas e séculos depende de nossa capacidade coletiva de conter a pesca INN. Por enquanto, as luzes vermelhas de emergência estão piscando sobre esta questão.

U.S. COAST GUARD PETTY OFFICE

A tripulação do USCGC Stone (WMSL 758) emprega seus pequenos barcos interceptores para realizar exercícios de treinamento, enquanto navega pelo Oceano Atlântico Sul, em 1º de março de 2023. O USCGC Stone está em um destacamento programado multimissão no Oceano Atlântico Sul, para combater atividades marítimas ilícitas, incluindo a pesca INN, e fortalecer as relações em toda a região.

USCGC Stone's (WMSL 758) crew employ the cutter's interceptor small boats for training exercises while underway in the Southern Atlantic Ocean, March 1, 2023. Stone is on a scheduled multi-mission deployment in the South Atlantic Ocean to counter illicit maritime activities, including IUU fishing, and strengthen relationships throughout the region.

"strip mining" of the world's oceans robs developing nations of tens of billions of dollars annually, threatening the livelihood of local fishing communities, depriving citizens of critical food resources, and lowering regional nations' Gross Domestic Product. Many of these nations lack the maritime domain awareness and enforcement capabilities to stave off these rapacious fishing fleets.

And the People's Republic of China's (PRC) expansive fleet of distant water fishing vessels are disproportionally responsible for this trend.

After exhausting fish stocks in Chinese waters in the early 2000s, China helped grow their fleet through government subsidies, producing larger fishing boats capable of operating farther and longer from the Chinese mainland.

Chinese distant water fishing fleets now comb broad swaths of the Atlantic, Indian, Southern, and Pacific oceans as well as waters off South America, East and West Africa, Antarctica, and the South Pacific Islands.

The Chinese public consumes approximately a third of the seafood caught globally, and the country is also a leading seafood exporter. A recent study by the Financial Transparency Coalition reported that eight of the 10 companies responsible for nearly a quarter of all reported cases of IUU fishing are based in China. Many of these companies have come under scrutiny for their deceptive hiring practices, forced labor, abuse of migrant recruits, and other exploitative practices that amount to slavery at sea.

By China's own data, their distant water fishing fleet has nearly doubled in size over the last decade and is now the largest one across the world, nearly equal to the rest of the world's distant fleets combined. Data from 2017 and 2018 indicated China's fleet numbers between 12,000 to 17,000 vessels, though counting the exact volume is problematic, because China often tries to conceal fishing boat ownership.

According to the South Pacific Regional Fisheries Management Organization, the total number of Chinese-flagged vessels in the South Pacific increased tenfold between 2009 and 2020. Peruvian authorities observed that these fleets are so large that when they fish at night with bright lights to attract giant squid, the light footprint at sea is more massive than the capital Lima, a city with more than 10 million people. PRC ships off Senegal catch as many fish in a week as all Senegalese boats catch in a year.

To obscure their presence from local authorities, Chinese fishing vessels sometimes turn off their Automatic Identification System (AIS) signal, then operate in other nation's Exclusive Economic Zones (EEZ) without consent to exploit fishing opportunities, and then reactivate their AIS once out of the EEZs. One study reported nearly 90 percent of 300 fishing boats "going dark" near Argentina's EEZ in 2019 were Chinese-flagged.

Even in the absence of deceptive practices, many states adversely affected by illegal fishing currently lack the ability to reliably detect and respond to fishing activity, even when they suspect or know it is occurring in their EEZs. Chinese fishermen routinely exploit these gaps.

But the U.S. actively works with partners to help fill these gaps and uphold international laws, norms, and regulations.

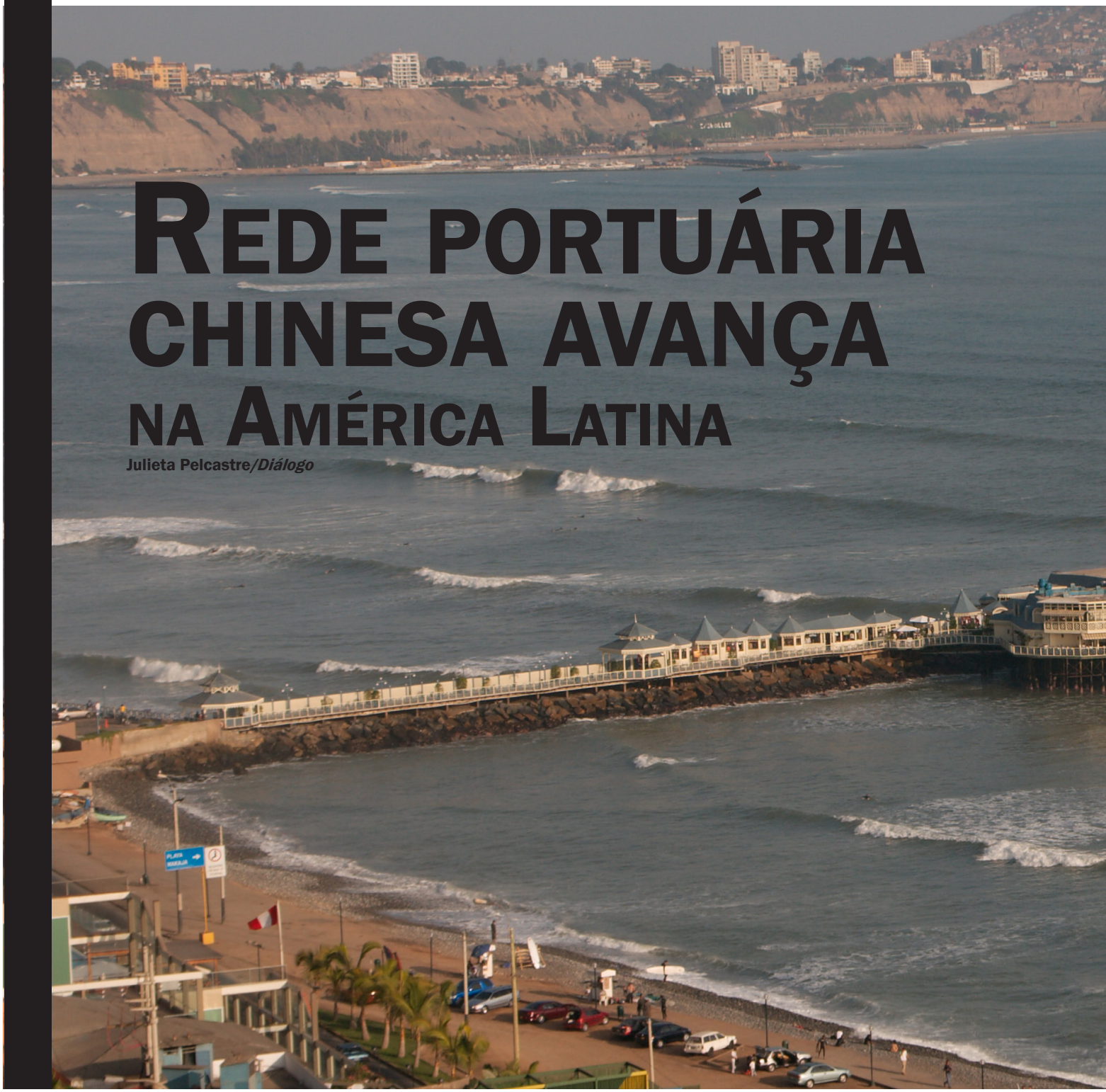
The U.S. government's stance on this issue is crystal clear: We have declared that IUU fishing now constitutes a major environmental, economic, and national security challenge. In June 2022, President Biden characterized IUU fishing as one of the "greatest threats to ocean health" and a contributor to the collapse of "economic growth, food systems, and ecosystems of numerous countries around the world."

In October, the U.S. Interagency Working Group on IUU Fishing, which consists of 21 federal agencies, published the "National Five-Year Strategy for Combating IUU Fishing." This important report underscores the need to collaborate with other nations to promote sustainable fisheries, management, and governance. It also highlights the need to enhance monitoring, control, and surveillance of maritime fishing operations. In addition, the report notes that the United States will work to ensure that only legal, sustainable, and responsibly harvested seafood enters our market.

The National Maritime Intelligence-Integration Office plays a role in addressing this global challenge along with many interagency partners. In addition to orchestrating intelligence resources and helping to facilitate sharing information against this problem, we are working closely with foreign partners and the private sector to increase maritime domain awareness by delivering tools and a variety of support services. We do this in concert with the U.S. Navy as a key tool provider, regional Combatant Commands as part of their theater security cooperation plans, and the Department of State as the lead for overall diplomatic initiatives with partner nations.

The world has come together many times to address challenges in our oceans, including the protection of endangered whale species and a moratorium on harmful drift nets and other destructive fishing gear. Mitigating the impact of IUU fishing requires the same concerted and enduring effort.

No one nation should be allowed to overexploit ocean resources into crisis conditions for its own benefit at the expense of all other nations. The future of the world's oceans and the sustainability of its biodiversity to support mankind for decades and centuries hence depends on our collective ability to curb IUU fishing. For now, red emergency lights are blinking on this issue.



Rede portuária chinesa avança na América Latina

Julieta Pelcastre/*Diálogo*

Um estudo do Centro para uma Sociedade Livre e Segura (SFS), um think tank de segurança e defesa, sediado nos EUA, indicou no último trimestre de 2022 que o número de portos de propriedade ou controle chinês aumentou consideravelmente.

Aproximadamente 40 portos na América Latina, do Peru até o México, combinados com 11 estações terrestres via satélite na Argentina, Bolívia, Brasil e Venezuela, concedem à China uma localização estratégica no hemisfério ocidental, ressaltou o SFS.

"A China não faz investimentos aleatórios nem escolhe alguma posição geopolítica que não esteja alinhada com seus objetivos estratégicos", disse à *Diálogo* Daniel Pou, diretor do Centro de Análise de Dados da Segurança do Cidadão da República Dominicana, em 4 de janeiro de 2023.

Muitas das empresas estatais chinesas envolvidas nesses projetos de investimento e desenvolvimento de infraestruturas têm vínculos com o Exército Popular de Libertação da China (EPL), diz o SFS. A força militar da China em apoio à expansão econômica liderada por empresas chinesas vem avançando cautelosamente há muito tempo, indica a plataforma *L21* do Uruguai.

As infraestruturas portuárias de Pequim são apenas peças de sua estratégia de expansão econômica, política e militar, a fim de "tornar-

Foto de arquivo da costa de Lima, Peru, em 22 de junho de 2009. O Terminal Portuário Multipropósito de Chancay está em construção cerca de 80 quilômetros ao norte de Lima e é o maior investimento chinês na rede portuária da América Latina.

File photo of the coast of Lima, Peru, June 22, 2009. The Chancay Multipurpose Port Terminal is under construction some 80 kilometers north of Lima and is the largest Chinese investment in the Latin American port network.

CHRISTIAN HAUGEN/FLICKR CREATIVE COMMONS

China's Network of Ports Grows in Latin America

Julieta Pelcastre/*Diálogo*

According to a late 2022 study by the U.S.-based national security and defense think tank Center for a Secure Free Society (SFS), the number of Chinese-owned or operated ports worldwide has increased considerably.

China's foothold in some 40 ports in Latin America from Peru to Mexico, combined with 11 satellite ground stations in Argentina, Brazil, Bolivia, and Venezuela, allows the country to have strategic locations in the Western Hemisphere, the SFS report indicates.

"China does not make random investments or choose geopolitical positions that aren't aligned with its strategic objectives," Daniel Pou, director of the Citizen Security Data Analysis Center of the Dominican Republic, told *Diálogo* on January 4, 2023.

Many of the Chinese state-owned companies involved in these infrastructure investment and development projects have ties to the Chinese People's Liberation Army (PLA), the SFS report says. China's military force, in support of Chinese companies' economic expansion, has been cautiously moving forward for a long time, Uruguay's content platform *L21* reported.

Beijing's port infrastructures are just pieces of its economic, political, and military expansion strategy to "become the great global hoarder of raw materials, especially Latin American resources," Pou said. "China's logic is not to help develop countries that establish alliances with Beijing, but rather long-term strategies that facilitate the development of its expansion, because it's an expansionist policy. Latin America is at the mercy of Chinese capital."

Stamp mark

One of the major ports moving forward is the Chancay Multipurpose Port Terminal in Peru. The mega-terminal is set to become an exchange and distribution hub in the region, with high volumes of good transiting to and from the Pacific, but in principle it is designed to ship raw materials from Peruvian mining, Spanish magazine *Cambio 16* reported.

This project, part of the Belt and Road initiative, will cause irreversible damage to the Santa Rosa wetlands, a key corridor of biodiversity in the central coast of Peru, bring artisanal fishing in that area to an end, and is already affecting soil stability, causing coastal erosion and the collapse of homes, *BBC* reported.

Two Chinese firms are also designing and building a fourth bridge over the Panama Canal, through which 5 percent of the world's maritime trade transits, The Logistics World, an online directory of global logistics resources, reported. The project has been on hold since March 2020 and its funding structure is under evaluation by the

STR/AFP

O pessoal do Exército Popular de Libertação da China assiste à cerimônia de inauguração da nova base militar chinesa na República de Djibuti, em 1º de agosto de 2017.

Chinese People's Liberation Army personnel attend the opening ceremony of China's new military base in Djibouti, August 1, 2017.

se o grande acumulador mundial de matérias-primas, especialmente de recursos latino-americanos", esclareceu Pou. "A lógica da China não é desenvolver países que estabeleçam alianças com Pequim, mas sim estratégias de longo prazo que facilitem desenvolver sua expansão, pois é uma política expansionista. A América Latina está à mercê do capital chinês."

Marca de carimbo

Um dos grandes portos que está progredindo é o Terminal Portuário Multipropósito de Chancay, no Peru. O mega terminal está projetado para tornar-se um centro de intercâmbio e distribuição na região, com grandes volumes de mercadorias em trânsito de e para o Pacífico; mas, em essência, está projetado para o envio de matéria-prima da mineração peruana, informou a revista espanhola Cambio 16.

Esta obra, parte da iniciativa Cinturão e Rota, está causando a instabilidade do solo, o colapso das casas, a erosão costeira, o fim da pesca artesanal e danos irreparáveis ao pântano de Santa Rosa, um corredor-chave de biodiversidade na costa central do Peru, relatou a *BBC*.

Duas empresas chinesas também estão projetando e construindo uma quarta ponte sobre o Canal do Panamá, pelo qual passa 5 por cento do comércio marítimo mundial, indica na internet *The Logistics World,* um diretório online de recursos logísticos globais. O projeto está em suspenso desde março de 2020 e sua estrutura de financiamento está sendo submetida a uma avaliação pelo governo panamenho.

O EPL busca estabelecer uma base no Panamá, desde que a empresa chinesa Hutchison Whampoa ganhou concessões para

Panamanian government.

The PLA has been seeking to establish a base in Panama since China's investment company Hutchison Whampoa won concessions to operate two ports there in 1999, and in El Salvador since plans for a mega-project in La Unión were announced in 2018, L21 reported.

Concerns that Beijing could use strategic ports to host Chinese warships increased when Uruguay's General Assembly approved the implementation of joint defense efforts with China, the SFS report indicates.

China has been building its navy up for decades to protect its interests worldwide. Chinese port terminals have commercial value but are also "triple use" in that they can serve for logistics support, intelligence gathering, and as options for future military bases, Chilean news site *Mundo Marítimo* reported.

"[Chinese] investments in port and airport infrastructure, although civilian in nature, are marked with a stamp of military hegemony [...], establishing limitations to the country's authorities on the strategic projects developed," Pou said.

An example is Djibouti, located at the entrance to the

operar dois portos lá, em 1999, bem como em El Salvador, desde o anúncio dos planos chineses para um mega-projeto em La Union, relata *L21*.

A preocupação de que Pequim utilize portos estratégicos para receber navios de guerra chineses aumentou quando a Assembléia Geral do Uruguai aprovou a cooperação de defesa com a China, ressaltou o SFS.

A China leva décadas reforçando sua marinha para proteger seus interesses em todo o mundo. Os portos chineses são de tripla utilização e podem ser usados tanto para o apoio logístico como para recolher informações, bem como opções para futuras bases militares, mostra a plataforma chilena *Mundo Marítimo*.

"Os investimentos em infraestrutura portuária e aeroportuária [pela China], embora sejam de natureza civil, trazem uma marca de carimbo de hegemonia militar [...], estabelecendo limitações às autoridades do país sobre os projetos estratégicos desenvolvidos", explicou Pou.

Um exemplo disso é o caso de Djibuti, localizado na entrada do Mar Vermelho e do Canal de Suez, um dos pontos de estrangulamento mais transitados do mundo, indica o site financeiro argentino *Más Inversiones*. Nesse lugar, um porto marítimo se tornou a primeira base militar da China no exterior.

De acordo com a agência de notícias AP, a base naval chinesa no Corno da África está aumentando constantemente sua capacidade. Na base pode haver 2.000 soldados. Eles têm armas, munições e veículos blindados de combate. Os chineses estão ansiosos para colocar suas botas no chão nos portos do Golfo da Guiné e de Angola, explicou.

Também é preocupante o uso crescente de estações terrestres via satélite na América Latina por parte de Pequim, ressaltou o SFS. O avanço do programa espacial da China é uma prioridade para o seu presidente, Xi Jinping, que procura fazer de seu país uma potência espacial, relata *Reuters*.

"A China [...] seduz [a América Latina] e vê com bons olhos onde há pouco capital fluindo [...], para ter o monopólio de certas rotas marítimas, e isso, por si só, em termos estratégicos militares, representa uma vantagem", concluiu Pou.

Red Sea and the Suez Canal, one of the world's busiest shipping routes, Argentine financial site *Más Inversiones* reported. There, China built its first overseas military base.

The Chinese naval base in the Horn of Africa is steadily increasing its capacity with as many as 2,000 military personnel with arms, munitions, and armored combat vehicles, the *Associated Press* reported. China is also eager to put boots on the ground in ports in the Gulf of Guinea and Angola, *AP* reported.

Also of concern is Beijing's increasing use of satellite ground stations in Latin America, SFS noted. Advancing China's space program is a priority for its President Xi Jinping, who seeks to make his country a space power, *Reuters* reported.

"China cajoles [Latin America] and welcomes places where there is little capital flowing [...] to have a monopoly of certain maritime routes; and that, in itself, is an advantage in military strategic terms," Pou concluded.

Marinheiros chineses estão no convés do navio de treinamento naval Qi Jiguang, na província de Shandong, no leste da China, em 23 de abril de 2019. A China, que tem uma base em cerca de 40 portos na América Latina, vem construindo sua marinha durante décadas, para proteger seus interesses em todo o mundo.

Chinese sailors stand on the deck of the naval training ship Qi Jiguang in the eastern China's Shandong province, April 23, 2019. China, which has a foothold in some 40 ports in Latin America, has been building its navy up for decades to protect its interests worldwide.

MARK SCHIEFELBEIN/POOL/AFP

TARSO SARRAF/AFP

China:
uma ameaça para o meio ambiente e direitos humanos na América Latina

Um barco transporta toras em uma balsa ao longo do Rio Murutipucu, no nordeste do Pará, Brasil, em 18 de setembro de 2021. De acordo com o CICDHA, o desmatamento está entre os problemas presentes em muitos projetos chineses na América Latina.

A boat transports logs on a raft along the Murutipucu River, northeast of Pará, Brazil, September 18, 2021. According to CICDHA, deforestation is among the problems present in many Chinese projects in Latin America.

Julieta Pelcastre/*Diálogo*

O Coletivo sobre Financiamento e Investimentos Chineses, Direitos Humanos e Meio Ambiente (CICDHA), uma ONG que promove os direitos sociais, ambientais, políticos e culturais na América Latina, examinou alguns dos maiores projetos apoiados pela China na América Latina e apresentou algumas conclusões sobre o seu impacto ambiental e quanto aos direitos humanos.

"[A solução] não avança e identificamos novos problemas", disse à Diálogo Julia Cuadros, membro do conselho diretor da ONG CooperAcción, do Peru, integrante do CICDHA, em 14 de julho de 2022. "Um deles é que a política externa da China continua onde as missões diplomáticas, as embaixadas e o próprio governo da China não se comunicam com a sociedade civil."

Entre as conclusões, ela destacou que, dos 26 projetos analisados no final de junho, em pelo menos 24 casos a violação do direito de viver em um ambiente saudável e sem danos ao meio ambiente é repetitiva; 18 casos registram a violação dos direitos coletivos dos povos indígenas; em oito casos, foram violados os direitos trabalhistas; e, em outros 10 casos, há a violação dos direitos civis, políticos e econômicos.

Dois projetos

No projeto hidrelétrico equatoriano Coca Codo Sinclair, construído pela empresa chinesa Sinohydro Corporation, o estudo chinês de impacto ambiental não levou em conta a gravidade da erosão regressiva acelerada nos rios provocada pela usina hidrelétrica, causando o desaparecimento da cachoeira San Rafael, de 150 metros, a mais alta do país, em 2 de fevereiro de 2020.

Para mitigar os efeitos da erosão, o Equador e os Estados Unidos assinaram um memorando de entendimento em dezembro de 2021, para proteger as obras de captação de água do Coca Codo Sinclair, que abastece 30 por cento da demanda de energia elétrica para os equatorianos, disse a Corporação Elétrica do Equador.

No Peru, o projeto da Mina Marcona, desenvolvido pela empresa chinesa Shougang Hierro Perú SAA, é um dos mais conflituosos do país, acumulando ações judiciais por violações de direitos trabalhistas. Durante a pandemia, a empresa obrigou os trabalhadores a entrar e permanecer dentro da mina entre 30 e 60 dias, causando 24 mortes de trabalhadores infectados pela COVID-19 e incapazes de sair, afirma o relatório.

O caso da Guiana

"Qualquer aliança com a China [...] é muito arriscada", disse à *Diálogo* Daniel Pou, diretor do Centro de Análises de Dados de Segurança do Cidadão da República Dominicana. "A China se lançou como um novo colonizador para cooptar pontos estratégicos em seu favor, tais como rotas marítimas,

China: A Threat to the Environment and Human Rights in Latin America

Julieta Pelcastre/*Diálogo*

The Collective on Chinese Financing and Investments, Human Rights and Environment (CICDHA), a nongovernmental organization (NGO) that promotes social, environmental, political, and cultural rights in Latin America, examined some of China's largest backed projects in Latin America and presented some conclusions on their environmental and human rights impact.

"Things aren't moving forward, and we identified new problems," Julia Cuadros, a member of the board of directors of the Peruvian NGO CooperAcción, which belongs to CICDHA, told Diálogo on July 14, 2022. "One of them is that China's foreign policy continues, with diplomatic missions, embassies, and the Chinese government itself not communicating with civil society."

Cuadros pointed out that among the 26 projects analyzed in late June, the right to live in a healthy and sustainable environment was violated in 24 cases; violations against the collective rights of indigenous peoples occurred in 18 cases; violations of civil, political, and economic rights were registered in 10 cases; and in eight instances labor rights were violated.

JUAN MABROMATA/AFP

Uma mulher segura uma faixa dizendo "A Terra está doente", durante uma greve climática global, para protestar contra a lei de hidrocarbonetos, o acordo sobre o porco com a China e para pedir uma lei para proteger os pântanos, em Buenos Aires, Argentina, em 24 de setembro de 2021.

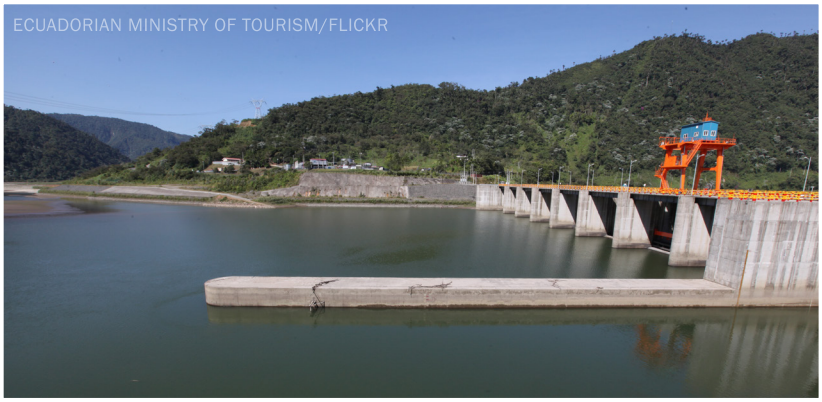
A woman holds a banner reading "The Earth is sick" during a global climate strike to protest the hydrocarbon law, the pork deal with China, and to call for a law to protect wetlands, in Buenos Aires, Argentina, September 24, 2021.

Two projects

In the case of Ecuador's hydroelectric project Coca Codo Sinclair, built by the Chinese company Sinohydro

telecomunicações, matérias-primas e toda uma série de elementos fundamentais para seu desenvolvimento, não para o nosso."

No projeto de US$ 260 milhões da empresa chinesa Raiwail Construction Corporation Limited, para construir uma nova ponte flutuante sobre o rio Demerara, na capital da Guiana, Pou ressaltou que "essa não é uma tecnologia adequada, muito menos para uma ponte com extensão de 2 quilômetros sobre um rio, com custos de manutenção, riscos e insegurança muito elevados". A ambientalista Simone Mangal-Joly fez uma denúncia ao jornal *Guyana News* sobre a falta de um estudo de impacto ambiental para o projeto.


ECUADORIAN MINISTRY OF TOURISM/FLICKR

O trabalho de má qualidade da empresa chinesa Sinohydro Corporation na barragem de Coca Codo Sinclair prejudica seriamente o meio ambiente equatoriano, pois não considera a gravidade da erosão acelerada nos rios desencadeada pela usina hidrelétrica, causando o desaparecimento da cascata San Rafael, de 150 metros, a mais alta do país.

The shoddy work of Chinese company Sinohydro Corporation on the Coca Codo Sinclair dam seriously harms the Ecuadorian environment, failing to consider the seriousness of the accelerated erosion in the rivers triggered by the hydroelectric plant, which caused the disappearance of the 150-meter Rafael water fall, the highest in the country.

Madeira de balsa

O relatório do CICDHA indica que outro grave problema presente em muitos projetos chineses na América Latina é o desmatamento, tanto para a extração de madeira, como para a construção de obras e estradas de acesso a infraestruturas, como a exploração ilegal de madeira de balsa na Amazônia.

"A China [...] está implementando campos de energia eólica,

Corporation, the Chinese environmental impact study did not consider the seriousness of the accelerated regressive erosion in the rivers triggered by the hydroelectric plant, causing the disappearance of the 150-meter San Rafael waterfall, the highest in the country, on February 2, 2020.

To mitigate the effects of erosion, in December 2021, Ecuador and the United States signed a memorandum of understanding to protect the water catchment works of Coca Codo Sinclair, which covers the demand of 30 percent of electrical energy for Ecuadorians, according to the Ecuadorian Electrical Corporation.

In Peru, the Marcona Mine project, developed by Chinese company Shougang Hierro Perú SAA, is one of the most conflictive in the country, with accumulating lawsuits on labor law violations. During the pandemic, the company forced workers to stay in the mine between 30 and 60 days, leading to the death of 24 people infected with COVID-19, who were not able to leave, the report states.

The Guyana case

"Any alliance with China [...] is very risky," Daniel Pou, director of the Citizen Security Data Analysis Center of the Dominican Republic, told *Diálogo*. "China cast itself as a new colonizer to co-opt in its favor strategic points, such as maritime routes, telecommunications, raw materials, and a whole series of fundamental elements for its development — not ours."

Addressing the $260 million project of China Railway Construction Corporation Limited, set to build a new floating bridge over the Demerara River in the capital of Guyana, Pou pointed out that "this is not an adequate technology, much less for a bridge with a 2-kilometer span over a river, with a very high maintenance cost, risks, and insecurity." Guyanese environmentalist Simone Mangal-Joly denounced to the *Guyana News* daily the lack of an environmental impact study for the project.

Balsa wood

The CICDHA report highlights that another serious problem present in many Chinese projects in Latin America is deforestation, including logging, construction of works and access roads, as well as

GUYANA DEPARTMENT OF PUBLIC INFORMATION

A China Railway Construction Corporation Limited, que foi incluída na lista negra do Banco Mundial em 2019 por práticas fraudulentas, iniciou a construção da nova ponte sobre o rio Demerara, na Guiana, no início de 2023.

China Railway Construction Corporation Limited, which was blacklisted by the World Bank in 2019 for fraudulent practices, began construction of the new bridge over the Demerara River in Guyana in early 2023.

e as lâminas de cada módulo são feitas com madeira de balsa, porque pesa pouco. Essa madeira está em nossas florestas amazônicas. A floresta está sendo depredada por empresas chinesas que enviam terceiros para derrubar as árvores", declarou Cuadros. "Eles estão desmatando uma de nossas principais capitais que temos na América Latina."

A China está fazendo tudo o que pode para ocupar territórios não apenas em infraestrutura, mas também na captura de recursos naturais, disse Pou. "A América Latina se tornou sua despensa para minerais, soja, carnes, peixes, até mesmo para sua transição energética", enfatizou Cuadros.

Fortalecimento de alianças

A América Latina e o Caribe não podem contar com a China; não há um único projeto chinês que não tenha conflitos, afirmou Cuadros. As pessoas estão sendo diretamente afetadas e, enquanto não mudarem esses comportamentos, suas operações continuarão a ter conflitos.

É necessário "fortalecer alianças com outros continentes, com organizações que estão sofrendo o impacto dos financiamentos e investimentos chineses. Não é só a América Latina", disse Cuadros.

Ela também disse que, em outubro de 2023, o CICDHA apresentará o quarto relatório completo sobre o impacto das atividades chinesas na América Latina ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. O terceiro foi apresentado em 2018.

"A China tem que olhar para o comportamento de suas empresas públicas, privadas ou mistas, quando atuam [...], ou seja, têm que fazer todo o possível para que seus projetos não afetem os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais", concluiu Cuadros.

ENQUETE
Queremos ouvir a sua opinião!
Digitalize o código QR para participar de uma breve pesquisa.
Diálogo-Américas

the illegal exploitation of balsa wood in the Amazon.

"China [...] is implementing wind energy fields, and the blades of each module are made with balsa wood because it's lightweight. That wood is in our Amazon forests. Chinese companies are raiding forests and sending third parties to cut down the trees," Cuadros said. "They are deforesting one of our main capitals in Latin America."

China is doing everything it can to occupy territories not only with infrastructure, but also by seizing natural resources, Pou said. "Latin America has become their pantry for minerals, soy, meat, fish, even for their energy transition," Cuadros added.

Vista geral da ponte Demerara Harbour, que atravessa o rio Demerara a aproximadamente 5 quilômetros ao sul da capital da Guiana, Georgetown, em 29 de novembro de 2019. No início de março de 2023, a China Railway Construction Corporation Limited, que foi incluída na lista negra do Banco Mundial em 2019 por práticas fraudulentas, iniciou a construção da nova ponte.

Overview of the Demerara Harbour Bridge that spans the Demerara River about 3 miles south of the Guyanese capital of Georgetown, November 29, 2019. In early March 2023, China Railway Construction Corporation Limited (CRCC), which was blacklisted by the World Bank in 2019 for fraudulent practices, began construction of the new bridge.

Strengthening alliances

Latin America and the Caribbean cannot rely on China, as there isn't a single Chinese project that does not have problems, Cuadros stressed. People are being directly affected, and as long as they do not change these behaviors their operations will continue to have problems.

"Alliances with other continents, with organizations that are suffering the impact of Chinese financing and investments must be strengthened. It is not only Latin America," Cuadros said.

In October 2023, CICDHA will present the fourth full report on the impact of Chinese activities in Latin America to the United Nations Human Rights Council, Cuadros said. The third report was presented in 2018.

"China has to look at the behavior of its public, private, or mixed companies, when they act […], that is, they have to do everything possible so that their projects do not affect civil, political, economic, social, cultural, and environmental rights," Cuadros concluded.

Promessa contínua de ser um parceiro de confiança para os povos da América Latina e do Caribe

Marcos Ommati/Diálogo

Esta entrevista foi publicada pela primeira vez no site da Diálogo em 18 de novembro de 2022, enquanto a Missão Promessa Contínua 22 estava em andamento.

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), visitou a tripulação do navio hospital USNS Comfort, juntamente com o ministro da Defesa da Colômbia, Iván Velásquez, e o General de Exército Helder Giraldo, comandante das Forças Militares da Colômbia, em 14 de outubro de 2022, em Cartagena. Em sua visita, também estava acompanhada pelo Contra-Almirante James A. Aiken, da Marinha dos EUA, comandante das Forças Navais do Comando Sul dos EUA/4ª Frota dos EUA (USNAVSO/4th Fleet), que tem o controle operacional da atual Promessa Contínua, uma missão patrocinada pelo SOUTHCOM. *Diálogo* conversou com o C Alte Aiken sobre seu papel e outros aspectos importantes da Promessa Contínua 22.

Diálogo: O USNS Comfort está destacado por dois meses para apoiar a 12ª iteração da Promessa Contínua. Como se alcança o sucesso da missão?

Contra-Almirante James A. Aiken, comandante das Forças Navais do Comando Sul dos EUA/4ª Frota dos EUA: O sucesso da missão é alcançado de várias maneiras, não apenas com a Promessa Contínua, mas com os muitos compromissos que assumimos ao lado de nossos parceiros. A missão incluiu uma integração eficaz e eficiente com nossas nações parceiras, interagências e parceiros conjuntos e entidades não-federais? Fomos capazes de fortalecer nossa equipe coletiva e nossas parcerias marítimas? Fomos capazes de melhorar nossa postura marítima e nossas comunicações? Se pudermos dizer sim a estas perguntas, então acho que alcançamos um grau de sucesso; entretanto, sempre haverá áreas de melhoria. É aqui que tiramos nossas lições aprendidas e procuramos melhorar e inovar a maneira como trabalhamos juntos.

MARCOS OMMATI/*DIÁLOGO*

O Contra-Almirante James Aiken, da Marinha dos EUA, posa com marinheiros colombianos em frente ao navio-hospital USNS Comfort, em 14 de novembro de 2022.

U.S. Navy Rear Admiral James Aiken poses with Colombian sailors in front of USNS Comfort on November 14, 2022.

Promessa Contínua é uma das muitas maneiras com as quais as USNAVSO/4th Fleet estão fortalecendo as parcerias na América Latina e no Caribe. Nossos compromissos incluem exercícios multinacionais como o UNITAS, que acabamos de realizar no Brasil no mês passado [outubro de 2022]; PANAMAX, onde fomos anfitriões de mais de 240 membros dos EUA e das nações parceiras que compõem o Comando de Componentes Marítimos Combinados (CFMCC), em Mayport, Flórida, durante o exercício; e uma infinidade de outros compromissos bilaterais e multilaterais. Ao lado das Forças Navais do Sul dos EUA, estamos empregando toda a gama de capacidades militares navais dos EUA para trabalhar com nossos parceiros na luta contra uma série de desafios transversais.

Diálogo: Qual é o maior desafio para esse destacamento?

C Alte Aiken: Esta região enfrenta muitos desafios: desastres naturais; atores malignos; migração transcontinental; pesca ilegal, não regulamentada e não declarada; e regimes autoritários dentro e fora da região que agravam a corrupção, o que afeta diretamente a subsistência dos cidadãos comuns. Entretanto, os desafios regionais requerem soluções cooperativas. Trabalhando em colaboração, podemos enfrentar efetivamente essas ameaças e desafios. A missão Promessa Contínua demonstra o que pessoas com diferentes origens podem alcançar trabalhando juntas, unidas por um propósito comum para ajudar outras pessoas necessitadas. Seu trabalho fortalece as amizades, as parcerias e a solidariedade com os cidadãos mais vulneráveis das Américas. Durante os últimos 15 anos da Promessa Contínua, aprendemos que a segurança da saúde é vital para a segurança nacional e regional. O destacamento do USNS Comfort em apoio à missão Promessa Contínua é mais um exemplo de nosso firme compromisso de trabalhar ombro a ombro em prol de um futuro seguro e próspero para nossos cidadãos.

Diálogo: Esta missão está sob seu controle operacional. O que isso significa exatamente?

C Alte Aiken: Como USNAVSO/4th Fleet, apoiamos as operações militares conjuntas e combinadas do Comando Sul dos EUA, empregando forças marítimas em operações cooperativas de segurança marítima, a fim de manter o acesso, aprimorar a interoperabilidade e construir parcerias duradouras, com o objetivo de aumentar a segurança regional e promover a paz, a estabilidade e a prosperidade nas regiões do Caribe e das Américas Central e do Sul. Como força marítima, o USNS Comfort está sob nosso comando e controle diretos. Além do controle operacional diário do USNS Comfort, as USNAVSO/4th Fleet lideraram o planejamento e a colaboração com nossas nações parceiras, interagências e parceiros conjuntos e entidades não-federais, para levar a missão até onde ela está hoje.

Diálogo: Em que difere esse destacamento do USNS Comfort dos anteriores?

C Alte Aiken: Essa é uma ótima pergunta! A Promessa Contínua 2022 marca a 12ª missão na região desde 2007 e a sétima missão envolvendo o USNS Comfort. A missão fomenta a boa vontade, fortalece as parcerias existentes com as nações parceiras e incentiva o estabelecimento de novas parcerias entre países, organizações não governamentais e organizações internacionais. O atendimento direto ao paciente, o atendimento veterinário direto e os compromissos de cooperação em segurança de saúde sempre foram uma parte importante da missão, juntamente com os projetos de Relações Comunitárias (COMREL) e, sem dúvida, nossa banda Promessa Contínua, pois a música reúne as pessoas para celebrar nossas parcerias. A Promessa Contínua 2022 também está focada em duas outras linhas de esforço. A primeira inclui intercâmbios de especialistas em diversos temas de assistência médica e humanitária/assistência em casos de catástrofes. A segunda inclui seminários sobre Mulheres, Paz e Segurança (WPS). WPS é uma iniciativa das Nações Unidas que começou com a Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, assinada em 2000. Foi um reconhecimento público de que as mulheres são mais adversamente afetadas por conflitos e crises, e incluir as mulheres no planejamento de segurança levará a um mundo mais pacífico.

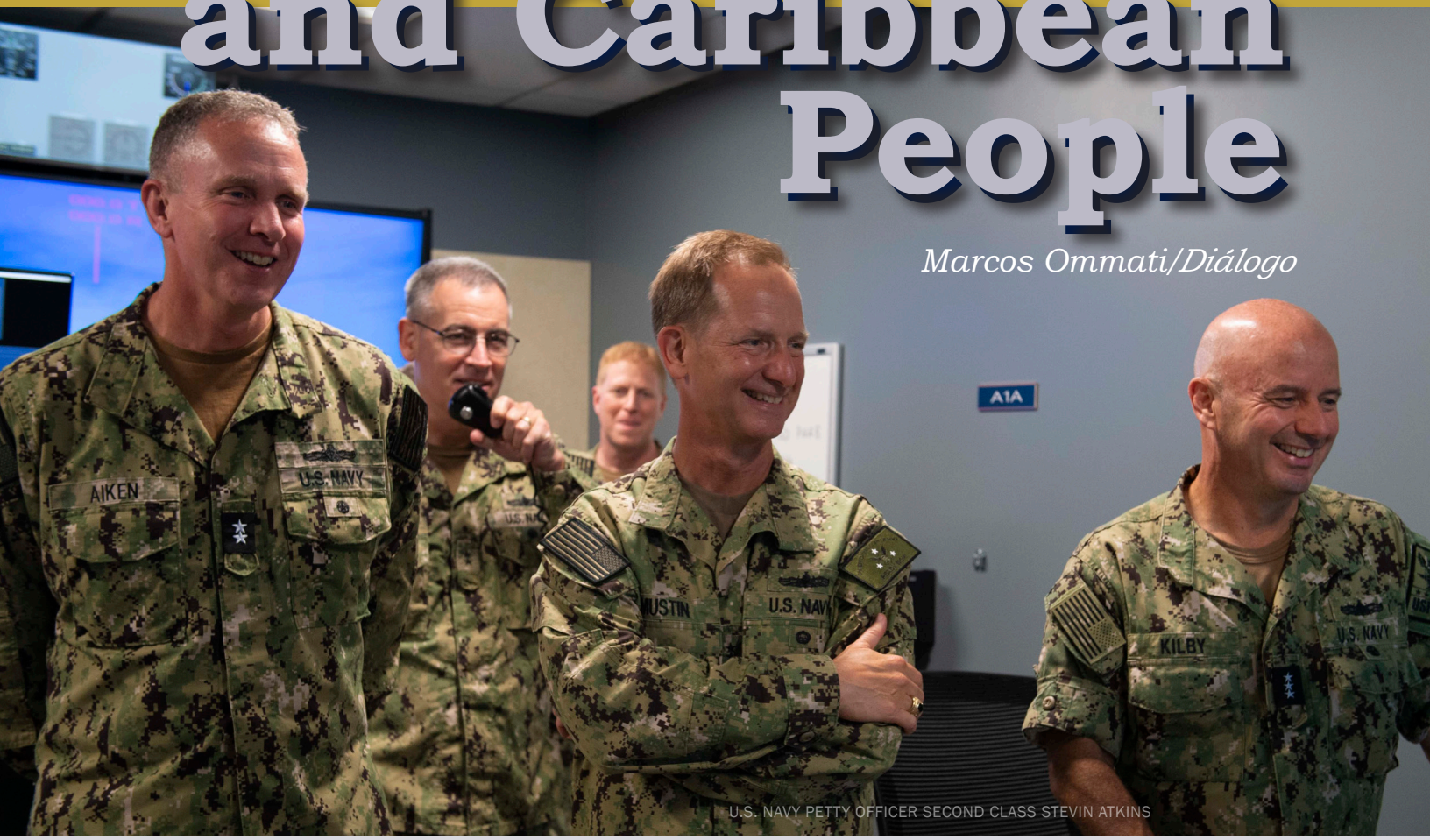
Diálogo: Como o pessoal militar dos EUA trabalha junto a civis, agências federais e nações parceiras, para fornecer assistência médica às comunidades necessitadas?

C Alte Aiken: A Promessa Contínua é um símbolo do que podemos realizar quando trabalhamos juntos, unidos por um compromisso compartilhado de ajudar as pessoas necessitadas e abordar coletivamente os desafios que enfrentamos. Essa missão é composta por uma equipe multinacional, público-privada e de multisserviços e demonstra realmente o poder das parcerias. O USNS Comfort conta com uma tripulação de quase 1.000 militares e civis e inclui médicos, enfermeiros, militares da área logística, técnicos, marinheiros, especialistas em várias disciplinas e representantes de organizações governamentais e não-governamentais. Essa equipe trabalha em estreita colaboração com os ministérios da saúde, médicos e enfermeiros locais, para identificar as comunidades necessitadas. A diversidade da equipe é vista nas fotos e vídeos que são produzidos em cada parada da missão. Essa estreita colaboração começou há meses, durante a fase de planejamento dessa missão, e continua atualmente. Missões como a Promessa Contínua só são possíveis graças ao serviço altruísta de uma comunidade diversificada de pessoas talentosas, cujo impacto durará muito mais do que as semanas que passam juntas. Para entender esse impacto, desde 2007, as missões da Promessa Contínua já trataram mais de 582.000 pacientes e realizaram mais de 7.000 cirurgias na América do Sul, América Central e no Caribe.

Continuing Promise to be a Trusted Partner to the

Latin American and Caribbean People

Marcos Ommati/Diálogo



U.S. NAVY PETTY OFFICER SECOND CLASS STEVIN ATKINS

This interview was first published on the Diálogo website on November 18, 2022, while mission Continuing Promise 22 underway.

U.S. Army General Laura J. Richardson, commander of U.S. Southern Command (SOUTHCOM), visited the crew of U.S. Navy hospital ship USNS Comfort, together with Colombian Defense Minister Iván Velásquez, and General Helder Giraldo, commander of the Colombian Military Forces, on October 14, 2022, in Cartagena. On her tour, she was also accompanied by U.S. Navy Rear Admiral James A. Aiken, commander of U.S. Naval Forces Southern Command/U.S. 4th Fleet (USNAVSO/4th Fleet), who has operational control of the ongoing SOUTHCOM-sponsored Continuing Promise mission. *Diálogo* spoke with Rear Adm. Aiken about his role and other important aspects of Continuing Promise 22.

Diálogo: The USNS Comfort is deploying for two months in support of the 12th iteration of Continuing Promise. How do you achieve mission success?

Rear Admiral James A. Aiken, commander, U.S. Naval Forces Southern Command/U.S. 4th Fleet: Mission success is achieved in a variety of ways, not just with Continuing Promise, but the many engagements we do alongside our partners. Did the mission include effective and efficient integration with our partner nations, interagency and joint partners, and non-federal entities? Were we able to strengthen our collective team and maritime partnerships? Were we able to enhance our maritime posture and communications? If we can say yes to these questions, then I think we have achieved a measure of success; however, there are always going to be areas of improvement. This is where we take our lessons learned and look to improve and innovate the way we work together.

Continuing Promise is one of the many ways that USNAVSO/4th Fleet is strengthening partnerships in Latin America and the Caribbean. Our engagements include multinational exercises like UNITAS, which we just carried out in Brazil last month [October 2022]; PANAMAX, where we hosted 240 U.S. and partner nation personnel comprising the Combined Maritime

Da esquerda à direita: Contra-Almirante James Aiken, da Marinha dos EUA, comandante das Forças Navais do Sul dos EUA; Almirante de Esquadra John Mustin, da Marinha dos EUA, chefe da Reserva Naval dos EUA; e Vice-Almirante James Kilby, da Marinha dos EUA, subcomandante das Forças da Frota dos EUA, operam um sistema de simulação durante uma visita ao Centro de Treinamento de Técnicas da Marinha do Pacífico, durante o Simpósio de Formação de Oficiais de Bandeira de Guerra de Superfície de 2022, em San Diego, Califórnia, em 16 de agosto de 2022

From left: U.S. Navy Rear Admiral James Aiken, commander, U.S. Naval Forces Southern Command; U.S. Navy Admiral John Mustin, chief of Navy Reserve; and U.S. Navy Vice Admiral James Kilby, deputy commander, U.S. Fleet Forces, operate a simulation system during a tour of Mariner Skills Training Center Pacific (MSTCPAC) during the 2022 Surface Warfare Officer Flag Officer Training Symposium, San Diego, California, August 16, 2022.

Component Command (CFMCC) in Mayport, Florida, during the exercise; to a multitude of other bilateral and multilateral engagements. Alongside U.S. Marine Corps Forces, South, we are employing the full range of U.S. naval military capabilities to work with our partners to counter a host of cross-cutting challenges.

Diálogo: What do you view as the biggest challenge for this deployment?

Rear Adm. Aiken: This region faces many challenges: natural disasters; maligned actors; transcontinental migration; illegal, unregulated, and unreported fishing; and authoritarian regimes both inside and outside the region who worsen corruption, which directly impacts the livelihoods of everyday citizens. However, regional challenges require cooperative solutions. Working collaboratively, we can effectively tackle these threats and challenges. The Continuing Promise mission demonstrates what people with differing backgrounds can achieve by working together, united by a common purpose to assist people in need. Their work strengthens friendships, partnerships, and solidarity with the most vulnerable citizens in the Americas. During the last 15 years of Continuing Promise, we have learned that health security is vital to national and regional security. USNS Comfort's deployment in support of the Continuing Promise mission is one more example of our steadfast commitment to work shoulder-to-shoulder toward a safe, secure, and prosperous future for our citizens.

Diálogo: This mission is under your operational control. What does that mean exactly?

Rear Adm. Aiken: As USNAVSO/4th Fleet, we support SOUTHCOM's joint and combined military operations by employing maritime forces in cooperative maritime security operations in order to maintain access, enhance interoperability, and build enduring partnerships in order to enhance regional security and promote peace, stability, and prosperity in the Caribbean, Central and South American regions. As a maritime force, USNS Comfort is under our direct command and control. Besides day-to-day operational control of USNS Comfort, USNAVSO/4th Fleet leads the planning and collaboration with our partner nations, interagency and joint partners, and non-federal entities to get the mission to where it is today.

Diálogo: How does this deployment of the USNS Comfort differ from previous ones?

Rear Adm. Aiken: That's a great question! Continuing Promise 2022 marks the 12th mission to the region since 2007 and the seventh mission involving USNS Comfort. The mission fosters goodwill, strengthens existing partnerships with partner nations, and encourages the establishment of new partnerships among countries, nongovernmental organizations, and international organizations. Direct patient care, direct veterinary care, and health security cooperation engagements have always served as large parts of the mission, along with Community Relations (COMREL) projects and of course our Continuing Promise Band, as music brings people together to celebrate our partnerships. Continuing Promise 2022 is also focused on two other lines of effort. The first includes subject matter expert exchanges on various medical and humanitarian assistance/disaster relief topics. The second includes seminars on Women, Peace, and Security (WPS). WPS is a United Nations initiative that started with UNSCR 1325 signed in 2000. It was a public acknowledgement that women are more adversely impacted by conflict and crisis, and that including women in security planning will lead to a more peaceful world.

Diálogo: How do U.S. military personnel work alongside civilians, federal agencies, and partner nations to provide medical assistance to communities in need?

Rear Adm. Aiken: Continuing Promise is a symbol of what we can accomplish when we work together, united by a shared commitment to help people in need and collectively address the challenges we face. This mission is comprised of a multinational, public-private, and multi-service team and really demonstrates the power of partnerships. USNS Comfort is crewed by almost 1,000 military and civilians, and includes doctors, nurses, corpsmen, logisticians, technicians, mariners, subject matter experts in various disciplines, and representatives of government and nongovernmental organizations. This team has worked closely with local ministries of health, local doctors, and local nurses to identify communities in need. You see the diversity of the team in the photos and videos that are produced at each mission stop. This close collaboration began months ago during the planning phase of this mission and continues today.

Missions like Continuing Promise are only possible thanks to the selfless service of a diverse community of talented people whose impact will far outlast the weeks they spend together. To understand that impact, since 2007, Continuing Promise missions have treated more than 582,000 patients and conducted more than 7,000 surgeries in South America, Central America, and the Caribbean.

SOUTHCOM

COMEMORA O 25º ANIVERSÁRIO DE SUA INICIATIVA DE DIREITOS HUMANOS

Relações Públicas do Comando Sul dos EUA

JOSE RUIZ/U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

Líderes seniores e representantes das Forças Armadas dos EUA, de forças de segurança, governos, organizações não-governamentais e acadêmicos do hemisfério ocidental posam para uma foto de grupo, na cerimônia comemorativa do 25º aniversário da Iniciativa de Direitos Humanos do SOUTHCOM.

Senior leaders and representatives from the U.S. military, Western Hemisphere security forces, governments, nongovernmental organizations, and academia pose for a group photo at a ceremony commemorating the 25th anniversary of SOUTHCOM's Human Rights Initiative.

Mais de 100 participantes representando forças militares e de segurança, governos, organizações não governamentais (ONGs) e acadêmicos do hemisfério ocidental se reuniram no Centro de Conferências das Américas, na sede do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), em 1º de dezembro de 2022, para comemorar o 25º aniversário da Iniciativa de Direitos Humanos (HRI) do SOUTHCOM.

A HRI, que tem suas raízes nos esforços do SOUTHCOM para promover uma cultura de respeito aos direitos humanos, foi criada em 1997 para reunir representantes militares, de segurança pública, do governo e da sociedade civil de todo o hemisfério, com o objetivo de desenvolver programas abrangentes e eficazes sobre direitos humanos para as forças de defesa e de segurança, que se concentraram em quatro áreas cruciais: doutrina, educação e treinamento, sistemas de controle interno e cooperação com as autoridades civis.

Em 2002, com contribuições de mais de 30 países, a HRI contribuiu para o desenvolvimento de um Documento de Consenso sobre direitos humanos que atualmente serve como modelo. Para ajudar os países a promover seus objetivos em relação aos direitos humanos, o SOUTHCOM fez uma parceria com o Centro de Treinamento em Direitos Humanos, uma ONG com sede em San José, Costa Rica, para ser a Secretaria da HRI.

Através de seu Escritório de Direitos Humanos, o SOUTHCOM tem apoiado os esforços de 11 países que se comprometeram a implementar programas de direitos humanos em suas instituições de defesa ou segurança pública, incluindo a República Dominicana, que estabeleceu a primeira escola militar latino-americana dedicada à educação em direitos humanos, assim como a Colômbia e o Peru, que também estabeleceram escolas militares dedicadas à educação e ao treinamento em direitos humanos.

Como parte do evento comemorativo, Belize se tornou a 12ª nação a se juntar à HRI, durante uma cerimônia oficial de assinaturas liderada pelo Contra-Almirante John Borland, da Guarda Costeira de Belize, chefe do Estado-Maior da Defesa, e a General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM.

"No SOUTHCOM, há muito tempo consideramos o respeito aos direitos humanos

A General de Exército Laura J. Richardson, do Exército dos EUA, comandante do SOUTHCOM, faz o discurso de abertura na cerimônia comemorativa do 25º aniversário da Iniciativa de Direitos Humanos do SOUTHCOM.

U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander, gives opening remarks at a ceremony commemorating the 25th anniversary of SOUTHCOM's Human Rights Initiative.

como um componente integral do profissionalismo militar, um valor fundamental compartilhado que nos une a todos. Os direitos humanos são um princípio orientador, nossa estrela do norte; está em tudo o que fazemos", disse a Gen Ex Richardson aos participantes, antes que os representantes dos países presentes fizessem apresentações sobre seus programas de direitos humanos e realizassem painéis de discussão focados em maneiras de salvaguardar efetivamente os direitos humanos durante as missões de segurança.

Uma salvaguarda importante dentro do Departamento de Defesa dos EUA é uma exigência anual para que todo o pessoal complete um treinamento que englobe princípios de direitos humanos, leis humanitárias internacionais, leis norte-americanas aplicáveis, políticas e regulamentos do Departamento de Defesa e as responsabilidades do pessoal militar e civil que representa as Forças Armadas dos EUA na realização de missões de defesa nacional.

Em seu discurso, Daniel Erikson, subsecretário de Defesa para Assuntos do Hemisfério Ocidental, elogiou o trabalho do SOUTHCOM com seus parceiros regionais, para promover o respeito universal pelos direitos humanos entre as forças militares e de segurança da região. "Nos anos que passaram desde o início da iniciativa, a América Latina e o Caribe fizeram progressos consideráveis em relação ao respeito aos direitos humanos e alcançaram um nível sem precedentes de governança democrática e segurança. E, trabalhando juntos, aprimoramos nossa capacidade de promover a estabilidade e a paz regional", disse Erikson.

"Todos sabemos e vemos que o Estado de Direito, os direitos humanos e a dignidade humana, apesar de todo o progresso alcançado, permanecem ameaçados pelas forças da corrupção, de grupos criminosos, do tráfico ilícito; pelo surgimento de autocracias, tanto dentro desta região como muito distante dela, mas que desejam se engajar. Por isso, penso que é realmente crucial que estejamos realizando essa conferência hoje, para refletir sobre esses desafios e comprometer-nos novamente com a democracia, a boa governança e os direitos humanos no hemisfério ocidental", acrescentou.

Representantes dos EUA e das nações parceiras exibem suas bandeiras durante a cerimônia de abertura do exercício Tradewinds, que aumenta a interoperabilidade e promove os direitos humanos, em Belize, em 7 de maio de 2022. Desde 1997, a HRI tem reunido representantes militares, de segurança pública, do governo e da sociedade civil de todo o hemisfério com o objetivo de desenvolver programas abrangentes e eficazes de direitos humanos para as forças de defesa e segurança. (Foto: Segundo-Sargento Daniel James Lanari, da Marinha dos EUA)

U.S. and partner nations representatives display their flag during the opening ceremony of exercise Tradewinds, which increases interoperability and promotes human rights, in Belize, May 7, 2022. Since 1997, HRI has brought together military, public security, government, and civil society representatives from across the hemisphere with the aim of developing comprehensive and effective human rights programs for defense and security forces.

SOUTHCOM

COMMEMORATES 25TH ANNIVERSARY OF ITS HUMAN RIGHTS INITIATIVE

U.S. Southern Command Public Affairs

More than 100 participants representing Western Hemisphere military and security forces, governments, nongovernmental organizations (NGOs), and academia gathered in the Conference Center of the Americas at the headquarters of U.S. Southern Command (SOUTHCOM), December 1, 2022 to commemorate the 25th anniversary of SOUTHCOM's Human Rights Initiative (HRI).

Rooted in SOUTHCOM's efforts to promote a culture of respect for human rights, the HRI was established in 1997 to bring together military, public security, government, and civil society representatives from across the hemisphere with the aim of developing comprehensive and effective human rights programs for defense and security forces that focus on four crucial areas: doctrine, education and training, internal control systems, and cooperation with civilian authorities.

In 2002, with input from more than 30 countries, the HRI contributed to the development of a Consensus Document on human rights that currently serves as a human rights model. To help countries further their human rights goals, SOUTHCOM partnered with the Center for Human Rights Training, an NGO based in San José, Costa Rica, to be the HRI's Secretariat.

U.S. NAVY PETTY OFFICER FIRST CLASS DANIEL JAMES LANARD

Through its Human Rights Office, SOUTHCOM has supported the efforts of 11 countries that have committed to implementing human rights programs in their defense or public security institutions, including the Dominican Republic, which established the first Latin American military school dedicated to human rights education, as well as Colombia and Peru, which also established military schools dedicated to human rights education and training.

As part of the commemorative event, Belize became the 12th nation to join HRI during an official signing ceremony led by Belize Coast Guard Rear Admiral John Borland, chief of Defence Staff, and U.S. Army General Laura J. Richardson, SOUTHCOM commander.

"At SOUTHCOM, we've long regarded respect for human rights as an integral component of military professionalism, a shared core value that unites us and unites us all. Human rights are a guiding principle — our North Star. It's in everything that we do," Gen. Richardson told attendees before representatives of the countries in attendance gave presentations on their human rights programs. Participants also took part in discussion panels, which focused on ways to effectively safeguard human rights during security missions.

One important safeguard within the U.S. Department of Defense is an annual requirement for all personnel to complete human rights training covering human rights principals, international humanitarian law, applicable U.S. laws, Department of Defense policies and regulations, and the responsibilities of military and civilian personnel who represent the U.S. military in the conduct of national defense missions.

In his address, Daniel Erikson, deputy assistant secretary of Defense for Western Hemisphere Affairs, lauded SOUTHCOM's work with regional partners to promote a universal respect for human rights among the region's military and security forces.

"In the years since the initiative's inception, Latin America and the Caribbean have made considerable progress with regard to respect for human rights and have achieved an unprecedented level of democratic governance and security. And working together, we have enhanced our capacity to promote regional stability and peace," he said.

"We all know and we see that the rule of law and human rights and human dignity, for all of the progress that has been achieved, remain under threat by the forces of corruption, illicit networks, illicit trafficking, by the rise of autocracies, both within this region and very far away from this region, but who wish to engage. And so, I think that it's really critical that we're having this conference today to reflect on those challenges and to recommit to democracy, good governance, and human rights in the Western Hemisphere," he added.

O secretário adjunto de Defesa dos EUA para o Hemisfério Ocidental, Daniel Erikson, faz o discurso de abertura em uma cerimônia comemorativa do 25º aniversário da Iniciativa de Direitos Humanos do SOUTHCOM, em Miami, Flórida, em 1º de dezembro de 2022.

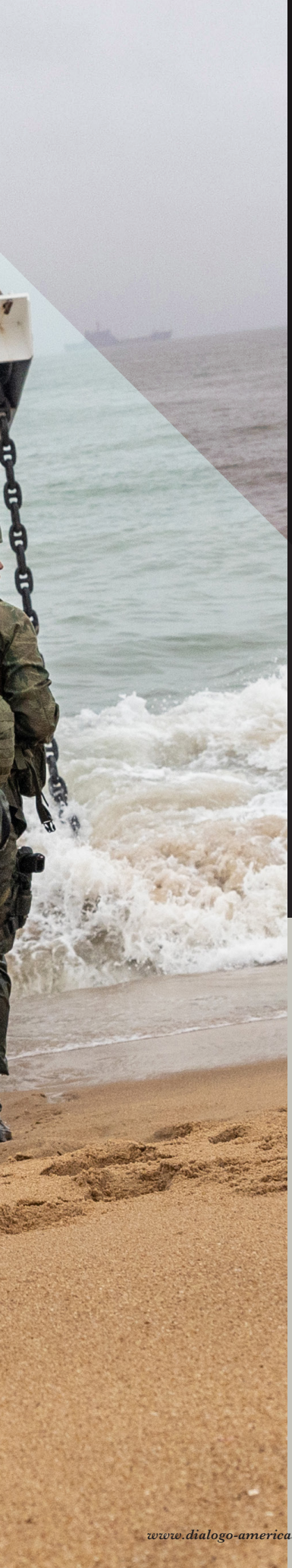
U.S. Deputy Assistant Secretary of Defense for the Western Hemisphere Daniel Erikson gives opening remarks at a ceremony commemorating the 25th anniversary of SOUTHCOM's Human Rights Initiative, Miami Florida, December 1, 2022.

JOSE RUIZ/U.S. SOUTHERN COMMAND PUBLIC AFFAIRS

U.S. MARINE CORPS LANCE CORPORAL DAVID INTRIAGO

Um fuzileiro naval brasileiro corre em terra, enquanto executa um treinamento de assalto anfíbio, durante o exercício UNITAS LXIII, em Itaóca, Brasil, em 16 de setembro de 2022.

A Brazilian marine runs ashore while executing an amphibious assault training during exercise UNITAS LXIII in Itaóca, Brazil, September 16, 2022.



BRASIL SEDIA A 63ª EDIÇÃO DA OPERAÇÃO UNITAS

Nelza Oliveira/*Diálogo*

O Brasil sediou de 8 a 22 de setembro de 2022 a 63ª edição da Operação UNITAS, reunindo 20 países. O exercício naval é promovido anualmente pelo Comando Sul dos Estados Unidos em diferentes países das Américas, desde 1959, e é considerado o mais antigo em continuidade no mundo. A operação tem como objetivo estreitar os laços de cooperação mútua e amistosa entre as marinhas e fuzileiros navais participantes, melhorando a capacidade das forças navais para alcançar objetivos comuns, conduzir operações marítimas conjuntas e desenvolver uma maior interoperabilidade entre os envolvidos.

Os exercícios marítimos foram conduzidos entre o litoral sul do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, na região sudeste. Além do Brasil e dos Estados Unidos, participaram da edição deste ano Belize, Camarões, Chile, Colômbia, Coréia do Sul, Equador, Espanha, França, Guiana, Jamaica, México, Namíbia, Panamá, Paraguai, Peru, Reino Unido, República Dominicana e Uruguai. Ao todo, a UNITAS reuniu 5.500 militares, 12 navios brasileiros e 8 estrangeiros, além de 21 aviões e helicópteros. Pela primeira vez, navios africanos cruzaram o Atlântico para participar dos exercícios.

Entre os equipamentos modernos trazidos pela Marinha dos EUA estavam os helicópteros Bell AH-1Z Viper e Bell UH-1Y Venom, ambos a bordo do contratorpedeiro USS Lassen (DDG 82), bem como um avião de patrulha marítima Boeing P-8 Poseidon. A frota norte-americana ainda incluiu o navio multipropósito USS Mesa Verde (LPD 19) e o submarino com propulsão nuclear USS Albany (SSN 753), da classe Los Angeles.

"É esta nação que testemunha neste momento o encontro de diversas marinhas e guardas costeiras das mais variadas regiões do mundo. Hoje, mais do que nunca, podemos vivenciar esse confortante sentimento de amizade e união que me fazem ter, ainda mais, fé no potencial das nossas marinhas como instrumentos de promoção da cooperação entre

BRAZIL HOSTS 63RD EDITION OF EXERCISE UNITAS

Nelza Oliveira/Diálogo

Brazil hosted the 63rd edition of exercise UNITAS, gathering 20 countries, September 8-22, 2022. The U.S. Southern Command-sponsored naval exercise carried out annually in different countries of the Americas since 1959 is considered the oldest in continuity worldwide. The exercise aims to strengthen the mutual bonds of friendship and cooperation among participating navies and marines, improve the capabilities of naval forces to achieve common objectives, conduct joint maritime operations, and develop greater interoperability among those involved.

Maritime exercises were conducted between the southern coasts of Rio de Janeiro and Espírito Santo, in the southeast region of Brazil. In addition to Brazil and the United States, Belize, Cameroon, Colombia, Chile, Dominican Republic, Ecuador, France, Guyana, Jamaica, Mexico, Namibia, Panama, Paraguay, Peru, South Korea, Spain, United Kingdom, and Uruguay also participated in the 2022 edition. In all, UNITAS brought together 5,500 military personnel, 12 Brazilian and eight foreign ships, plus 21 airplanes and helicopters. For the first time, African ships crossed the Atlantic to participate in the exercise.

Among the modern equipment brought by the U.S. Navy were the Bell AH-1Z Viper and Bell UH-1Y Venom helicopters, both aboard the destroyer USS Lassen (DDG 82), and a Boeing P-8 Poseidon maritime patrol and reconnaissance aircraft. The U.S. fleet also included the amphibious transport dock ship USS Mesa Verde (LPD 19) and the Los Angeles-class nuclear-powered submarine USS Albany (SSN 753).

"This nation is currently witnessing the coming together of various navies and coast guards from different regions of the world. Today, more than

U.S. MARINE CORPS CORPORAL JONATHAN GONZALEZ

Fuzileiros Navais dos EUA do Esquadrão de Helicópteros de Ataque Leve da Marinha (HMLA) 773, 4ª Ala de Aeronaves de Fuzileiros Navais, Reserva das Forças de Fuzileiros Navais, em apoio à Força-Tarefa Aérea-Terrestre de Fuzileiros Navais de Propósito Especial UNITAS LXIII, realizam operações de voo no Rio de Janeiro, durante o exercício UNITAS LXIII, em 12 de setembro de 2022.

U.S. Marines with Marine Light Attack Helicopter Squadron (HMLA) 773, 4th Marine Aircraft Wing, Marine Forces Reserve in support of Special Purpose Marine Air-Ground Task Force UNITAS LXIII, conduct flight operations in Rio de Janeiro, during exercise UNITAS LXIII, September 12, 2022.

as nações, em prol da paz, da segurança e da prosperidade de todos", disse o comandante da Marinha do Brasil, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos.

A UNITAS consiste de duas fases, de porto e marítima. A primeira, de porto, aconteceu logo depois da chegada das forças multinacionais ao Brasil e incluiu atividades de intercâmbios culturais, eventos esportivos e projetos comunitários de relacionamento com o público civil. Já a fase de mar, iniciada no dia 10 de setembro, foi dividida ainda em três etapas: adestramentos de operações navais, segurança marítima, busca e salvamento. A primeira foi de preparação, onde foram feitos exercícios de ações de superfície, antissubmarinas e antiaéreas, de guerra eletrônica, e operações de interdição marítima; na segunda, houve exercícios ligados especificamente à segurança marítima; já na fase final, a etapa anfíbia contemplou uma simulação de resgate de civis, por meio de uma incursão anfíbia na Praia de Itaóca, no Espírito Santo.

"Hoje [16 de setembro], foram desembarcados mais de 1.000 militares da Marinha do Brasil e de outros 11 países. Previamente, equipes de operações especiais, integrantes da Força Combinada Multinacional de Operações Especiais, comandada pelo Comando Naval de Operações Especiais (CoNavOpEsp), foram deixadas em pontos estratégicos. Esta Força contou com 158 operadores especiais entre fuzileiros navais e mergulhadores de combate do Brasil, Equador, Estados Unidos, Paraguai, Peru e Uruguai, que realizaram operações de apoio visando permitir o desembarque da Força de Incursão", disse o Contra-Almirante (FN) Claudio Eduardo Silva Dias, do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil, comandante naval de Operações Especiais.

"Desde 2008, a UNITAS é realizada com uma fase

Um helicóptero Venom UH-1Y, acoplado ao Esquadrão de Helicópteros de Ataque Leve de Fuzileiros Navais (HMLA) 773, 4ª Ala de Aeronaves de Fuzileiros Navais, Reserva das Forças de Fuzileiros Navais, em apoio à Força-Tarefa Aérea-Terrestre de Fuzileiros Navais de Propósitos Especiais UNITAS LXIII, dispara uma arma servida pela tripulação, durante treinamentos de apoio aéreo próximo, como parte do exercício UNITAS LXIII, na Base Aérea de Santa Cruz, Rio de Janeiro, em 8 de setembro de 2022.

A UH-1Y Venom helicopter, attached to Marine Light Attack Helicopter Squadron (HMLA) 773, 4th Marine Aircraft Wing, Marine Forces Reserve, in support of Special Purpose Marine Air-Ground Task Force UNITAS LXIII, fires a crew-served weapon during close air support drills as part of exercise UNITAS LXIII at Santa Cruz Air Force Base, Rio de Janeiro, September 8, 2022.

anfíbia. Essa inclusão mostra a importância que a Marinha do Brasil atribui à preparação das forças para realizar operações de ajuda humanitária e remediação de desastres. Uma das contribuições importantes desse tipo de treinamento é o aprendizado que nós tivemos na ajuda humanitária ao Haiti", explicou o comandante da UNITAS, Contra-Almirante Marcelo Menezes Cardoso, comandante da 1ª Divisão da Esquadra da Marinha do Brasil.

Para o secretário da Marinha dos EUA, Carlos Del Toro, as duas semanas de intensos exercícios incluíram operações complexas em alto-mar, testando a capacidade de ação conjunta internacional, que exige coordenação em todos os domínios.

"O sucesso neste tipo de missão requer uma comunicação constante, cooperação multilateral e, o mais importante, confiança; confiança na capacidade e decisões das nossas marinhas e das nossas nações", comentou o secretário. D

Fuzileiros navais brasileiros correm a toda velocidade para cobrir, enquanto realizam um evento de treinamento de alcance, durante o exercício UNITAS LXIII, em Marambaia, Brasil, em 9 de setembro de 2022.

Brazilian marines sprint to cover while conducting a range training event during exercise UNITAS LXIII in Marambaia, Brazil, September 9, 2022.

U.S. MARINE CORPS LANCE CORPORAL DAVID INTRIAGO

U.S. MARINE CORPS CORPORAL COLTON GARRETT

ever, we can experience this comforting feeling of friendship and union that makes me have renewed faith in the potential of our navies as instruments to promote cooperation among nations, for the sake of peace, security, and prosperity of all," Admiral Almir Garnier Santos, commander of the Brazilian Navy, said as the exercise kicked off.

UNITAS consists of two phases, port and maritime. The port phase took place right after the multinational forces arrived in Brazil and included cultural exchange activities, sporting events, and community projects with civilians. The second phase, which started on September 10, was divided into three more stages: naval operations training, maritime safety, and search and rescue. During the preparation phase participants trained in surface, anti-submarine, and anti-aircraft exercises, as well as electronic warfare and maritime interdiction operations. In the second phase, navies conducted exercises specifically related to maritime security; while the final amphibious phase included a simulation of civilian rescue, through an amphibious incursion on Itaóca beach, in Espírito Santo.

"Today [September 16], more than 1,000 military personnel from the Brazilian Navy and from 11 other countries landed ashore. Previously, special operations teams, members of the Multinational Combined Special Operations Force, under the command of the Naval Special Operations Command [CoNavOpEsp], were left at strategic points. This Force had 158 special operators among Marines and combat divers from Brazil, Ecuador, the United States, Paraguay, Peru, and Uruguay, who conducted support operations in order to allow the landing of the Strike Force," said Brazilian Marine Corps Major General Claudio Eduardo Silva Dias, commander of Naval Special Operations.

"Since 2008, UNITAS has been held with an amphibious phase. This inclusion shows the importance that the Brazilian Navy attaches to preparing its forces to carry out humanitarian aid operations and disaster relief. One of the important contributions of this type of training is the learning experience we had in the humanitarian aid to Haiti," Brazilian Navy Rear Admiral Marcelo Menezes Cardoso, 1st Fleet Division commander who served as UNITAS commander, said.

For U.S. Secretary of the Navy Carlos Del Toro, the two weeks of intense exercises included complex operations on the high seas that tested capabilities for joint international action and required coordination in all areas.

"Success in this type of mission requires constant communication, multilateral cooperation, and most importantly: trust — trust in the capabilities and decisions of our navies and our nations," Secretary Del Toro said.

PISAJ 17 reforça atuação conjunta e interoperabilidade

O Subtenente Ronald Graves, Adjunto de Comando do Exército Sul dos EUA, fala aos participantes da 17ª iteração do Programa Integral para Graduados de Alta Hierarquia (PISAJ), no quartel-general do SOUTHCOM, em Miami, em 18 de novembro de 2022.

Command Sergeant Major Ronald Graves, U.S. Army South senior enlisted advisor, speaks to participants of the 17th iteration of PISAJ, at SOUTHCOM headquarters in Miami, November 18, 2022.

Geraldine Cook/*Diálogo*

A Colômbia e os Estados Unidos procuram constantemente reforçar suas relações militares, aumentando as capacidades de seus graduados sêniores e fortalecendo seu programa de desenvolvimento profissional. Nesse sentido, graduados do Exército dos EUA e da Colômbia se reuniram na 17ª iteração do Programa Integral para Graduados de Alta Hierarquia (PISAJ), liderado pelo Exército Sul dos EUA, de 6 a 19 de novembro de 2022, para realizar treinamentos, briefings e outras funções, em Washington D.C. e Miami.

"O PISAJ tem fortalecido as capacidades dos graduados do Exército, da Marinha e da Força Aérea da Colômbia. O PISAJ tem fortalecido suas habilidades, conhecimentos e permitiu-lhes ver as capacidades de nosso aliado, o Exército dos EUA", disse a Subtenente Consuelo Díaz Álvarez, Adjunta de Comando das Forças Militares da Colômbia, a primeira soldado colombiana a ser promovida a esse posto.

"No PISAJ, compartilhamos a doutrina, fortalecemos nossas capacidades e aprendemos lições que nos tornarão melhores conselheiros para os comandantes. Hoje nossos graduados são homens e mulheres militares profissionais e instruídos, que respondem às necessidades que nosso país enfrenta atualmente, em termos de treinamento e doutrina, e tornam nosso Exército mais forte", acrescentou.

O PISAJ é um engajamento entre militares com o Exército da Colômbia e outras nações parceiras que são convidadas como observadoras. Criado em 2014, o PISAJ já capacitou mais de 300 membros das Forças Militares da Colômbia.

"O PISAJ é de grande importância para o Exército e as Forças Militares da Colômbia. O programa permite que os graduados recebam educação e alcancem um desenvolvimento profissional e é uma referência para as nações latino-americanas", disse o Subtenente Mauricio Páez Acosta, Adjunto de Comando

PISAJ 17, Strengthening Jointness and Interoperability

Geraldine Cook/*Diálogo*

Colombia and the United States consistently seek to bolster their military relationship by increasing the capabilities of their senior noncommissioned officers (NCOs) and strengthening their professional development program. In that vein, Colombian and U.S. Army NCOs met for the 17th iteration of U.S. Army South-led Senior NCOs Integral Program (PISAJ), November 6-19, 2022, for training, briefings, and other functions carried out in Washington, D.C. and Miami.

"PISAJ has strengthened the capabilities of sergeant majors of the Colombian Army, Navy, and Air Force. PISAJ has strengthened their skills, knowledge, and has allowed them to see the capabilities of our ally, the U.S. Army," said Joint Command Sergeant Major Consuelo Díaz Álvarez, sergeant major of the Colombian Military forces, the first female Colombian soldier to be promoted to that rank.

"In PISAJ, we shared doctrine, strengthened our capabilities, and learned lessons that will make us better advisors to the commanders. Today our NCOs are professional, educated military men and women, who respond to the needs currently facing our country in terms of training and doctrine, and make our Army stronger," Joint Command Sgt. Maj. Díaz added.

PISAJ is a military-to-military engagement with the Colombian Army and other partner nations that are invited as observers. Created in 2014, PISAJ has trained more than 300 service members of the Colombian Military Forces.

"PISAJ is of great importance for the Colombian Army and the Colombian Military Forces. The program allows NCOs to receive education and achieve professional development and is a reference for Latin American nations," Command Sergeant Major

do Exército da Colômbia.

As experiências e lições aprendidas durante as 17 iterações do PISAJ moldaram e influenciaram o corpo de graduados colombianos, segundo o S Ten Páez. Destas iterações, 15 aconteceram nos Estados Unidos, sob uma agenda de trabalho conjunto entre a Colômbia, o Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) e o Exército Sul dos EUA. O programa também contou com participantes do Brasil, México e Peru.

"A integração no PISAJ entre as duas nações é uma extensão dos outros exercícios que fazemos ao longo do ano, como Vanguarda do Sul e PANAMAX, onde participamos mutuamente para melhorar o exército do outro, entender-nos e compartilhar informações para que, se tivermos uma crise, um desastre humanitário ou precisarmos um do outro em atos de guerra, possamos depender uns dos outros com base nessas amizades e relacionamentos que construímos", disse o Subtenente Ronald J. Graves, Adjunto de Comando do Exército Sul dos EUA.

Os participantes do PISAJ 17 posam para uma foto com o Subtenente Benjamin Jones (frente, 5º da esq. à dir.), do Exército dos EUA, Adjunto de Comando (CSEL) do SOUTHCOM; o Conselheiro Suboficial Sênior do Chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA Ramón "CZ" Colón-López (frente, 7º da esq. à dir.); e o Subtenente Ronald J. Graves (frente, 9º da esq. à dir.), CSEL do Exército Sul dos EUA, no quartel-general do SOUTHCOM, em Miami, em 15 de novembro de 2022.

PISAJ 17 participants pose for a photo with U.S. Army Command Sergeant Major Benjamin Jones (front row, fifth from left), SOUTHCOM command senior enlisted leader; Senior Enlisted Advisor to the Chairman of the U.S. Joint Chiefs of Staff Ramón "CZ" Colón-López (front row center); Command Sergeant Major Ronald J. Graves (front row, ninth from left), U.S. Army South senior enlisted advisor, at U.S. Southern Command headquarters in Miami, November 15, 2022.

Uma parceria mais forte

Durante o PISAJ 17, 28 graduados colombianos trabalharam ao lado de seus homólogos americanos para seu desenvolvimento militar pessoal e profissional. Este ano, dois membros do Exército do México participaram como observadores.

"O PISAJ nos permite fortalecer nosso relacionamento com a Colômbia através do desenvolvimento de líderes alistados sêniores", disse o Subtenente Benjamin Jones, do Exército dos EUA, Adjunto de Comando do SOUTHCOM. "Ver os graduados colombianos trabalhando em conjunto com os graduados americanos de diferentes instituições militares dos EUA foi extremamente fenomenal, pois os ajudamos a moldar sua próxima geração de corpos de graduados colombianos."

A classe se reuniu com o Subtenente Michael A. Grinston, Adjunto de Comando do Exército dos EUA, e visitou as

Mauricio Páez Acosta, Colombia's Sergeant Major of the Army, said.

The experiences and lessons learned during the 17 iterations of PISAJ shaped and influenced the Colombian NCO corps, Command Sgt. Maj. Páez added. Of these, 15 took place in the United States under a joint work agenda between Colombia, U.S. Southern Command (SOUTHCOM), and U.S. Army South. The program has also had attendees from Brazil, Mexico, and Peru.

"The integration in PISAJ between the two nations, is an extension of the other exercises we do throughout the year, such as Southern Vanguard and PANAMAX, where we participate with each other to make each other's army better, understand each other, and share information so that if we have a crisis, a humanitarian disaster, or need each other in the act of war, we could depend on each other based on those friendships and relationships that we built," U.S. Command Sergeant Major Ronald J. Graves, U.S. Army South senior enlisted advisor, said.

Participantes do PISAJ 17 posam para uma foto após o briefing no Comando de Operações Especiais Sul dos EUA, em 15 de novembro de 2022, em Miami.

PISAJ 17 participants pose for a photo after a briefing at U.S. Special Operations Command South, November 15, 2022, in Miami.

Stronger partnership

During PISAJ 17, 28 Colombian NCOs worked alongside their U.S. counterparts for their personal and professional military development. This year, two members of the Mexican Army participated as observers.

"PISAJ allows us to strengthen our relationship with Colombia through senior enlisted leader development," said U.S. Army Command Sergeant Major Benjamin Jones, SOUTHCOM command senior enlisted leader. "To watch the Colombian sergeant majors working together with the U.S. sergeant majors from different U.S. military institutions was extremely phenomenal, as we help them to shape their next generation of Colombian NCO Corps."

The class met with U.S. Sergeant Major of the Army Michael A. Grinston and toured the Pentagon installations in Washington, D.C. They received briefings from senior enlisted advisors from the National Defense University (NDU), William J. Perry Center for Hemispheric Defense Studies, and the Western Hemisphere Institute for Security Cooperation. Their agenda included the Inter-American Defense College (IADC), the U.S. Army Aberdeen Proving Ground, and other military organizations.

instalações do Pentágono, em Washington, D.C. Eles receberam briefings de conselheiros suboficiais sêniores da Universidade de Defesa Nacional (NDU), do Centro William J. Perry para Estudos Hemisféricos de Defesa e do Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança. Sua agenda incluiu o Colégio Interamericano de Defesa (IADC), o Campo de Provas de Aberdeen, do Exército dos EUA, e outras organizações militares.

Em Miami, participaram de briefings com líderes suboficiais sêniores (SELs) de componentes do SOUTHCOM e participaram de treinamentos sobre liderança e integração de gênero, entre outros tópicos.

"Esta foi a primeira vez que os estudantes do PISAJ viajaram para Washington, D.C. Nossa intenção era dar-lhes uma melhor compreensão de All Things Jointness [Todas as operações conjuntas coordenadas] e da interoperabilidade. Alinhamos alguns palestrantes convidados incríveis do Estado-Maior Conjunto do Pentágono, do NDU, do IADC, do Centro Perry etc. Após uma semana de sucesso em D.C., viajaram para o SOUTHCOM para sua segunda semana do PISAJ, onde tiveram a oportunidade de receber briefings adicionais dos SELs do comando de cada componente de serviço, incluindo uma discussão muito bem sucedida de SEL sobre as Mulheres, a Paz e a Segurança, que chamamos de Fireside Chat [Conversa de caráter amigável], e sessões de grupo. Agradecemos muito ao nosso Conselheiro Suboficial Sênior do Chefe do Estado-Maior Conjunto (SEAC), Ramón 'CZ'. Colón-López, que também veio para falar com todos os graduados colombianos durante sua visita ao SOUTHCOM. Durante sua estadia no sul da Flórida, os estudantes do PISAJ aproveitaram a oportunidade para visitar algumas das organizações que se encontram na área. Este foi um evento realmente impressionante e valioso, pois continuamos a avançar juntos para fortalecer a parceria, continuar crescendo e profissionalizar ainda mais o corpo de graduados", disse o S Ten Jones.

Para a Subtenente Deyanira Collazos, do Exército da Colômbia, o PISAJ é uma experiência inestimável, pois se concentra nos esforços de colaboração em prol do trabalho em equipe e da paz regional.

"Este programa permitiu que as Forças Militares da Colômbia ampliem o trabalho em equipe, mas, acima de tudo, criem uma sinergia interoperacional que nos permite ser mais eficazes no cumprimento da missão institucional de cada uma de nossas forças", disse a S Ten Collazos. "O mais fundamental do PISAJ é fortalecer os laços de fraternidade, um objetivo que une todas as forças armadas do nosso hemisfério para trabalhar em conjunto pela segurança, paz e estabilidade de cada um de nossos países."

Por sua vez, o Subtenente Álvaro Alfonso Salcedo González, do Exército da Colômbia, disse que estava levando consigo novos conceitos. "Ao fazer um cruzamento de informações e visualizar a experiência de como os graduados do Exército dos EUA lideram, podemos fortalecer todos os conhecimentos e conceitos sobre como lideramos nossas tropas e aconselhar nossos comandantes para a tomada de decisões", declarou o S Ten Salcedo. "O PISAJ nos permite fortalecer nossos conhecimentos, funções, papéis, desempenhos e filosofia dos subtenentes adjuntos de comando, que é o posto para o qual seremos promovidos."

Para outros participantes, o PISAJ 17 trouxe experiência, conhecimentos e, especialmente, motivação.

"Estou no PISAJ para adquirir experiência baseada no modelo de outros exércitos, neste caso, a Colômbia e os Estados Unidos, a fim de continuar avançando em nosso projeto de desenvolver o conceito de graduados em meu Exército, já que nos falta o conceito de subtenente", disse o Primeiro-Sargento Marcial Ramírez Santiago, do Exército do México.

"Esperamos que nossos graduados possam continuar a crescer com o PISAJ, pois nos dá a oportunidade de compartilhar doutrina militar, boas práticas e experiências com nossos aliados, os Estados Unidos", disse a S Ten e Adjunta de Comando Conjunto Díaz, na conclusão do evento.

MIGUEL A. NEGRON, U.S. ARMY SOUTH G7 VISUAL INFORMATION

A Coronel Barbara Fick, do Exército dos EUA, acadêmica militar/chefe de Cooperação de Segurança de Integração Interagencial, no Centro William J. Perry de Estudos Hemisféricos de Defesa, em Washington, D.C., informa os participantes do PISAJ 17 sobre a integração de talentos. O PISAJ é um engajamento do Exército Sul dos EUA com o Exército da Colômbia e outras nações parceiras, que são convidadas como observadoras.

U.S. Army Colonel Barbara Fick, Military Faculty/Chief Security Cooperation Inter-Agency Integration, at the William J. Perry Center for Hemispheric Defense Studies in Washington, D.C., briefs PISAJ 17 participants on talent integration. PISAJ is a U.S. Army South-led military-to-military engagement with the Colombian Army and other partner nations as observers.

O Subtenente Mauricio Páez Acosta, Adjunto de Comando do Exército da Colômbia, fala durante a 17ª iteração do PISAJ, na sede do SOUTHCOM, em Miami, em 17 de novembro de 2022.

U.S. ARMY PRIVATE FIRST CLASS JOSHUA TAECKENS

Colombia's Sergeant Major of the Army Mauricio Páez Acosta speaks during the 17th iteration of PISAJ, at SOUTHCOM headquarters in Miami, November 17, 2022.

A Subtenente e Adjunta de Comando Conjunto Consuelo Díaz Álvarez, a graduada mais antiga das Forças Militares da Colômbia, ouve um briefing durante a 17ª iteração do PISAJ, na Estação Aérea da Guarda Costeira dos EUA, em Miami, em 16 de novembro de 2022.

PHOTO: U.S. ARMY PRIVATE FIRST CLASS JOSHUA TAECKENS

Joint Command Sergeant Major Consuelo Díaz Álvarez, most senior noncommisioned officer of the Colombian Military forces, listens to a briefing during the 17th iteration of PISAJ at the U.S. Coast Guard Air Station in Miami, November 16, 2022.

In Miami, they participated in briefings with senior enlisted leaders (SELs) from SOUTHCOM components and took part in training on leadership and gender integration, among other topics.

"This was the first time that PISAJ students travelled to Washington, D.C. Our intent was to give them a better understanding of All Things Jointness and interoperability. We lined up some amazing guest speakers from the Pentagon Joint Staff, the NDU, the IADC, and the Perry Center, etc. After a successful week in D.C., they picked up and traveled to SOUTHCOM for their second week of PISAJ where they had an opportunity to receive additional briefings from the command SELs of each service components, to include a very successful SEL Women, Peace, and Security discussion we called Fireside Chat, and breakout sessions. We were grateful to our Senior Enlisted Advisor to the Chairman of the Joint Staff (SEAC) Ramón 'CZ' Colón-López who also came out to speak with all the Colombian sergeants majors during their visit to SOUTHCOM. While in South Florida, the PISAJ students seized the opportunity to visit some of the organizations that are in the local area. This was truly an awesome and valuable event as we continue to move forward together to strengthen partnership, keep growing, and to further professionalize the NCO corps," added Command Sgt. Maj. Jones.

For Colombian Army Sergeant Major Deyanira Collazos, PISAJ is an invaluable experience as it focuses on collaborative efforts toward teamwork and regional peace.

"This program has allowed the Colombian Military Forces to scope out teamwork, but above all, to create an interoperational synergy that allows us to be more effective in fulfilling the institutional mission of each of our forces," said Sgt. Maj. Collazos. "The most fundamental thing about PISAJ is to strengthen the bonds of fraternity, an objective that unites all of the militaries in our hemisphere to work together for the security, peace, and stability of each of our countries."

For his part Colombian Army Sergeant Major Álvaro Alfonso Salcedo González said he was taking new concepts with him. "By cross-referencing information and the experience of how sergeants majors in the U.S. Army lead, we can strengthen all the knowledge and concepts on how we lead our troops and advise our commanders for decision-making. PISAJ is allowing us to strengthen our knowledge, functions, roles, performances, and philosophy of command sergeant majors, which is the rank to which we will be promoted."

For other participants, PISAJ 17 brought experience, knowledge, and motivation most of all.

"I am in PISAJ to gain experience based on the model of other armies, in this case, Colombia and the United States, in order to continue advancing in our project to develop the concept of NCOs in my Army, since we lack the concept of sergeant major," said Mexican Army First Sergeant Marcial Ramírez Santiago.

"We hope that our NCOs can continue to grow with PISAJ as it gives us an opportunity to share military doctrine, good practices, and experiences with our ally, the United States," Joint Command Sgt. Maj. Díaz said at the conclusion of the event.

U.S. ARMY PRIVATE FIRST CLASS JOSHUA TAECKENS

Participantes colombianos do PISAJ 17 visitam a Estação Aérea da Guarda Costeira dos EUA, em Miami, em 16 de novembro de 2022.
PISAJ 17 Colombian participants tour U.S. Coast Guard Air Station Miami, November 16, 2022.

Participantes do PISAJ 17 visitaram as instalações da Estação Aérea da Guarda Costeira dos EUA, em Miami, em 16 de novembro de 2022. O PISAJ faz parte de uma ação bianual acordada entre os Estados Unidos e a Colômbia, com foco no desenvolvimento profissional dos graduados e projetado para aumentar a capacidade e a colaboração regional entre ambas as forças armadas.

PISAJ 17 participants visited the installations of the U.S. Coast Guard Air Station, in Miami, November 16, 2022. PISAJ is part of a biannual agreed-to-action between the U.S. and Colombia focused on the professional development of NCOs and designed to increase capacity and regional collaboration between both militaries.

MIGUEL A. NEGRON/U.S. ARMY SOUTH G7 VISUAL INFORMATION

MIGUEL A. NEGRON/U.S. ARMY SOUTH G7 VISUAL INFORMATION

Graduados do Exército da Colômbia e dos EUA posam para uma foto de grupo com o Subtenente Michael A. Grinston, Adjunto de Comando do Exército dos EUA, no Pentágono, em 7 de novembro de 2022. Os graduados se reuniram para a 17ª iteração do PISAJ do Exército Sul dos EUA, de 6 a 19 de novembro de 2022, para treinamento, briefings e outras atividades realizadas em Washington, D.C. e Miami.

Colombian and U.S. Army NCOs pose for a group photo with U.S. Sergeant Major of the Army Michael A. Grinston at the Pentagon on November 7, 2022. The NCOs met for the 17th iteration of U.S. Army South-led Senior NCOs Integral Program (PISAJ), November 6-19, 2022, for training, briefings, and other functions carried out in Washington, D.C. and Miami.

Exercício Guardião Cibernético fortalece parcerias em defesa cibernética

Andréa Barretto/Diálogo

NEW YORK AIR NATIONAL GUARD

Da esq. à dir.: Brigadeiro Denise Donnell, comandante da Guarda Nacional Aérea de Nova York, e Brigadeiro Isabel Smith, diretora do Estado-Maior da Guarda Nacional de Nova York, representantes dos EUA no Guardião Cibernético; General de Exército Paulo Sérgio Nogueira, ministro da Defesa do Brasil, e Tenente-Brigadeiro do Ar Carlos de Almeida Baptista Júnior, comandante da Força Aérea Brasileira.

From left: Brigadier General Denise Donnell, commander of the New York Air National Guard, and Brigadier Isabel Smith, director of the Joint Staff New York National Guard, U.S. representatives in Cyber Guardian; Brazilian Minister of Defense Army General Paulo Sérgio Nogueira; and General Carlos de Almeida Baptista Júnior, commander of the Brazilian Air Force.

O exercício Guardião Cibernético, organizado pelo Ministério da Defesa do Brasil, é o principal treinamento anual de guerra virtual do hemisfério sul. Seu objetivo é simular ameaças cibernéticas a estruturas críticas – usinas hidrelétricas, bancos e aeroportos, por exemplo – de modo a estimular ações colaborativas para proteger os sistemas de tecnologia da informação dessas estruturas.

A quarta edição reuniu 110 organizações e empresas das áreas civis e militares, que participaram do exercício com cerca de 450 representantes. As atividades ocorreram entre 16 e 19 de agosto de 2022, em Brasília. O número de participantes foi quase o dobro da edição de 2021 e englobou brasileiros e estrangeiros, entre eles a Guarda Nacional de Nova York, parceira do Brasil sob o Programa de Parceria Estatal do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que participou com dois membros de sua equipe de proteção cibernética. Foi a primeira vez que a instituição norte-americana esteve presente no exercício, que também contou com profissionais da África do Sul, Alemanha, Argentina, Áustria, Chile, Colômbia, Estônia, França, Guatemala, Peru, Reino Unido e Romênia.

"À medida que nos tornamos mais dependentes da tecnologia, ficamos mais expostos a ameaças cibernéticas. Este é um desafio de segurança compartilhado entre todos os nossos parceiros na América Latina. O fortalecimento das parcerias em segurança cibernética nos tornará mais seguros", disse à *Diálogo* o Major David M. Myones, diretor do Programa de Parceria Estatal da Guarda Nacional de Nova York.

TRABALHO COLABORATIVO

O Guardião Cibernético dividiu as atividades em três fases: simulação virtual, simulação construtiva e grupo de estudos. Na primeira fase, os participantes realizaram a atividade conhecida como captura da bandeira, que desafia os competidores a identificar e corrigir as vulnerabilidades nos sistemas de computador.

A segunda fase do exercício foi a

Cyber Guardian Exercise Strengthens Cyber Defense Partnerships

Andréa Barretto/*Diálogo*

The Brazilian Ministry of Defense-sponsored Cyber Guardian exercise is the Southern Hemisphere's main annual cyber warfare training exercise. Its objective is to simulate cyber threats to critical structures — hydroelectric power plants, banks, and airports, for example — in order to stimulate collaborative actions to protect the information technology systems of these structures.

The fourth edition, carried out August 16-19, 2022 in Brasilia, brought together 110 military institutions as well as civil organizations and companies, which participated with some 450 representatives. The number of participants was nearly double that of the 2021 edition. The New York National Guard — Brazil's partner under the U.S. Department of Defense State Partnership Program — was among the foreign participants, with two members of its Army National Guard Cyber Protection Team. It was the first time the U.S. institution was present at the exercise, which also included professionals from Argentina, Austria, Chile, Colombia, Estonia, France, Germany, Guatemala, Peru, Romania, South Africa, and the United Kingdom.

"As we become more dependent on technology, we become more exposed to cyberthreats. This is a shared security challenge among all of our partners in Latin America. Strengthening partnerships on cybersecurity will make us all safer,", Major David M. Myones, New York National Guard State Partnership Program director, told *Diálogo*.

JULIAN STRATENSCHULTE/DPA PICTURE ALLIANCE VIA AFP

Demonstração de um ataque de hacker na Feira de Hanover, Alemanha, em 24 de abril de 2018.

Demonstration of a hacker attack at the Hanover Fair, Germany, on April 24, 2018.

Foto de ilustração tomada em Cracóvia, Polônia, em 17 de agosto de 2021. Guardião Cibernético simula ameaças cibernéticas a estruturas críticas, tais como usinas hidrelétricas, bancos e aeroportos, para incentivar ações colaborativas.

Illustration photo taken in Krakow, Poland, August 17, 2021. Cyber Guardian simulates cyberthreats to critical structures, such as hydroelectric power plants, banks, and airports to encourage collaborative actions.

de simulação construtiva, em que foram formados grupos das áreas de tecnologia da informação, comunicação social, jurídica e alta administração. Esses grupos funcionavam como gabinetes de crise e tinham que apresentar soluções para os eventos cibernéticos que estavam impactando as organizações. "As discussões nos gabinetes de crise demandam ações nos níveis decisório e gerencial (gestão de crise) e técnico (resposta ao incidente)", contou à *Diálogo* o Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT) do Exército Brasileiro.

A terceira fase teve início antes do exercício começar. "Durante a fase de preparação do exercício são constituídos grupos de estudo no âmbito das infraestruturas críticas para elaboração de estratégias que contribuam para a resiliência

WORKING COLLABORATIVELY

The activities of the Cyber Guardian exercise were divided into three phases: virtual simulation, constructive simulation, and study group. In the first phase, participants carried out an activity known as capture the flag, which challenges contestants to identify and correct vulnerabilities in computer systems.

During the constructive simulation phase of the exercise participants formed groups in the areas of information technology, social communication, legal, and top administration. These groups functioned as crisis cabinets which had to find solutions to the cyber events that were impacting the organizations. "The discussions in the crisis cabinets demand actions at the decision-making and managerial [crisis management] and technical [incident response] levels," the

BRAZILIAN ARMY DEPARTMENT OF SCIENCE AND TECHNOLOGY

A quarta edição do exercício Guardião Cibernético contou com a participação de cerca de 450 representantes de 110 instituições e empresas civis e militares.

Some 450 representatives from 110 military and civil institutions and companies participated in the fourth edition of exercise Cyber Guardian.

JAKUB PORZYCKI/NURPHOTO VIA AFP

cibernética do país. As conclusões e entregas são apresentadas na análise pós-ação do Exercício Guardião Cibernético 4.0", explicou o DCT, que afirmou que a aproximação e o trabalho colaborativo simulado durante o exercício entre as instituições participantes não se restringem apenas aos dias do evento. "O Guardião Cibernético proporciona a criação de um grande fórum para troca de informações e experiências entre todos os setores para além dos dias de execução."

Os participantes estrangeiros também participaram de discussões sobre possíveis futuros exercícios cibernéticos conjuntos, além de conhecerem as principais estruturas e equipamentos de defesa cibernética brasileiros, situados em Brasília.

Para o Maj Myones, foi uma surpresa ver "tantas semelhanças entre os esforços cibernéticos do Brasil e da NYARNG [Guarda Nacional do Exército de Nova York]. Cada palestrante representava suas organizações com excelência". Para ele, "a principal lição aprendida é que nossos esforços cibernéticos são tão semelhantes, como o fato de usar software e hardware muito semelhantes. Isso permitirá que nossas forças se tornem mais interoperáveis, através da participação nesses exercícios e em outros eventos. Exercícios conjuntos futuros, intercâmbio de soldados e treinamentos cibernéticos serão bastante perfeitos para serem planejados, devido a essas semelhanças".

Brazilian Army's (EB) Department of Science and Technology (DCT) told *Diálogo*.

As for the third phase, it actually began before the exercise started. "During the exercise preparation phase, study groups are formed within critical infrastructures to elaborate strategies that contribute to the country's cyber resilience. The conclusions and results are presented in the after-action analysis of the Cyber Guardian 4.0 Exercise," the DCT said, adding that the collaborative work simulated during the exercise among participating institutions goes beyond the event. "Cyber Guardian allows for the creation of a great forum to exchange information and experiences among all sectors beyond execution days."

Foreign participants also discussed possible future joint cyber exercises, as well as getting to know the main Brazilian cyber defense structures and equipment, located in Brasilia.

For Maj. Myones, it was a surprise to see "so many similarities between the Brazilian and [the New York Army National Guard] NYARNG's cyber efforts. Every keynote speaker represented their organizations excellently. The main lesson learned is that our cyber efforts are so similar right down to using very similar software and hardware. This will allow for our forces to become more interoperable through participation in these exercises and other events. Future joint exercises, soldier exchanges, and cyber trainings will be fairly seamless to plan due to these similarities."

O BAP Pisagua, sob o comando do Capitão de Fragata Roberto González Cuadros, da Marinha de Guerra do Peru, participou do exercício SUBDIEX 2022, com a Marinha dos EUA.
The BAP Pisagua, under the command of Peruvian Navy Commander Roberto González Cuadros, took part in SUBDIEX 2022 with the U.S. Navy.

PERUVIAN NAVY

Submarinos do Peru, aliados estratégicos dos EUA

Gonzalo Silva Infante/*Diálogo*

O Peru, através de sua Força de Submarinos, tornou-se um aliado estratégico dos EUA, especialmente nos Exercícios de Submarinos Diesel (SUBDIEX), que fazem parte da Iniciativa de Submarinos Elétricos Diesel, uma parceria da Marinha dos EUA com países da América do Sul, que apoia suas operações e sua frota de submarinos diesel-elétricos, com eventos de prontidão ao largo das costas leste e oeste dos EUA.

"Este programa oferece benefícios bilaterais para ambas as marinhas", disse à Diálogo, em 12 de novembro de 2022, o Capitão de Fragata Roberto González Cuadros, da Marinha de Guerra do Peru (MGP), comandante do submarino diesel-elétrico BAP Pisagua. "No exercício SUBDIEX 2022, o BAP Pisagua foi destacado para certificar os diversos grupos de tarefas e unidades da

Peru's Submarines, Strategic US Allies

Gonzalo Silva Infante/*Diálogo*

Peru's Submarine Force has been a strategic ally of the United States, more specifically during the Diesel Submarine Exercises (SUBDIEX), which are part of the Diesel Electric Submarine Initiative, a U.S. Navy partnership with South American countries that supports their operations and fleet of diesel-electric submarines with readiness events off the U.S. East and West coasts.

"This program provides bilateral benefits for both navies," Peruvian Navy (MGP) Commander Roberto González Cuadros, commander of the diesel-electric submarine BAP Pisagua, told Diálogo on November 12, 2022. "In the SUBDIEX 2022 exercise, the BAP Pisagua was deployed to certify the various U.S. Navy task forces and units in submarine warfare of this type,

Marinha dos EUA na guerra contra submarinos deste tipo, assim como para realizar diversos procedimentos de busca e resgate submarinos."

"O BAP Pisagua completou com sucesso sua participação no Destacamento Operacional SUBDIEX 2022, em 4 de novembro [de 2022]", informou a MGP em seu website. De fato, a modernização dos submarinos peruanos, especialmente do BAP Pisagua, permitiu que o Peru tenha participado de 18 das 20 edições do SUBDIEX, tornando-o o país com maior participação nesses exercícios e evidenciando que é uma das forças de submarinos mais poderosas da região sul-americana, acrescentou a MGP.

Nesta última edição, foram realizados exercícios de nível básico, intermediário e avançado, nas áreas de guerra submarina e antissubmarina, patrulha marítima e reconhecimento aéreo, com unidades de asa fixa e rotativa, detecção e rastreamento de submarino com submarino, bem como exercícios de busca e resgate submarino, que permitiram elevar o nível de treinamento e prontidão das unidades participantes.

O BAP Pisagua pode interagir com sistemas e equipamentos de última geração, tais como sonares de casco e profundidade variável, sonoboias e radares de abertura sintética, entre outros.

A Marinha dos EUA participou com esquadrões aeronavais, unidades de superfície, como o porta-aviões USS Nimitz (CVN-68); destroieres da classe Arleigh Burke; cruzadores da classe Ticonderoga; submarinos nucleares da classe Los Angeles do Esquadrão de Submarinos 11; e unidades do Comando de Resgate Submarino.

INTERESSE E APOIO DOS EUA

Este tipo de exercícios combinados com submarinos diesel-elétricos é altamente valorizado pela Marinha dos EUA, pois podem praticar doutrinas e táticas básicas de operações e de guerra antissubmarina. A realização de exercícios que abordam a ameaça de submarinos convencionais de propulsão diesel-elétrica é uma grande oportunidade para manter o alto nível de prontidão exigido pela atividade militar.

"Estes exercícios permitem o intercâmbio de experiências e informações, o desenvolvimento de novas táticas e doutrinas, assim como procedimentos operacionais, que são obtidos não apenas durante

O submarino peruano BAP Pisagua (SS 33) chega à Base Naval Point Loma em San Diego, Califórnia, em apoio ao programa Iniciativa de Submarinos Diesel-Elétricos, em 17 de julho de 2017. O Peru participou de 18 das 20 iterações do SUBDIEX.

The Peruvian submarine BAP Pisagua (SS 33) arrives at Naval Base Point Loma in San Diego, California, in support of the Diesel-Electric Submarine Initiative program, July 17, 2017. Peru has participated in 18 of the 20 iterations of SUBDIEX.

U.S. NAVY PETTY OFFICER SECOND CLASS DEREK HARKINS

as well as to carry out various underwater search and rescue procedures."

"The BAP Pisagua successfully completed its participation in the SUBDIEX 2022 Operational Deployment on November 4 [2022]," the MGP said on its website. The modernization of Peruvian submarines, especially the BAP Pisagua, has allowed Peru to participate in 18 of the 20 iterations of SUBDIEX, making it the country with the highest participation in these exercises, an indication that it is one of the most powerful submarine forces in South America, the MGP added.

In this last edition, basic, intermediate, and advanced level exercises were carried out in the areas of submarine and anti-submarine warfare, maritime patrol, and air reconnaissance with fixed and rotary wing units, submarine detection and monitoring, as well as submarine search and rescue exercises, which raised the level of training and readiness of participating units.

The BAP Pisagua was able to interact with state-of-the-art systems and equipment such as variable depth sonar systems, sonobuoys, and synthetic aperture radar, among others.

The U.S. Navy participated with naval air squadrons, surface units such as the aircraft carrier USS Nimitz (CVN 68), Arleigh Burke class destroyers, Ticonderoga class cruisers, Los Angeles class nuclear submarines from Submarine Squadron 11, and Undersea Rescue Command units.

U.S. INTEREST AND SUPPORT

During these highly valued combined diesel-electric submarine exercises, the U.S. Navy can review basic operational and anti-submarine warfare doctrines and tactics. Conducting exercises that address the threat of conventional diesel-electric submarines is a great opportunity to maintain the high level of readiness that military activity demands.

"These exercises allow for experience and information exchange, the development of new tactics and doctrines and operational procedures, which are not only obtained during periods at sea, but also in port," Cmdr. González Cuadros said. "All this contributes greatly to increasing the training and skill levels of participating crews to fulfill the roles and tasks that both navies are entrusted with in their respective fields of action."

In welcoming BAP Pisagua to SUBDIEX 2022, U.S. Navy Captain Kenneth Douglas, commander of Submarine Squadron 11, said, "Training with high-end diesel submarines, such as BAP Pisagua, gives us the opportunity to maintain our necessary competitive edge in the submarine domain. These engagements help strengthen the ties between our nations."

RIMPAC 2024

os períodos no mar, mas também no porto", ressaltou o CF González Cuadros. "Tudo isso contribui muito para incrementar os níveis de treinamento e habilidade das tripulações participantes, para o cumprimento dos papéis e tarefas de que ambas as marinhas foram encarregadas em suas respectivas áreas de ação."

Ao receber o BAP Pisagua no SUBDIEX 2022, o Capitão de Mar e Guerra Kenneth Douglas, da Marinha dos EUA, comandante do Esquadrão de Submarinos 11, disse que "o treinamento com submarinos a diesel de alta qualidade, como o BAP Pisagua, nos dá a oportunidade de manter nossa vantagem competitiva necessária no domínio submarino. Estes compromissos ajudam a fortalecer os laços entre nossas nações".

The eventual participation starting in 2024 of a 209 submarine, such as the BAP Pisagua, in U.S. Navy-hosted Rim of the Pacific (RIMPAC) exercise, the largest naval exercise in the world, is being evaluated. In 2022, Peru participated for the 13th time out of the 28 editions of RIMPAC with the BAP Guise, a corvette the MGP acquired in January of that year.

"It's a constant task to maintain an optimal level of readiness, which entails carrying out progressive and constant preparation activities that cover both training and preparation of the crew, the execution of logistics and administrative processes, as well as maintenance and monitoring of the various repair programs of the equipment on board," Cmdr. González Cuadros concluded. D

O BAP Pisagua emerge durante um exercício do UNITAS 2013, patrocinado pelo Comando Sul dos EUA, ao largo da costa da Colômbia, em 15 de setembro de 2013. A modernização dos submarinos peruanos, incluindo o BAP Pisagua, permitiu que o Peru tivesse a maior participação no SUBDIEX.

BAP Pisagua surfaces during an exercise as part of SOUTHCOM-sponsored UNITAS 2013 off the coast of Colombia, September 15, 2013. The modernization of Peruvian submarines, including BAP Pisagua, has allowed Peru to have the highest participation in SUBDIEX.

DEFENSE IMAGERY MANAGEMENT OPERATIONS CENTER)

RIMPAC 2024

Está sendo avaliada a eventual participação a partir de 2024 de um submarino 209, como o BAP Pisagua, no exercício Orla do Pacífico (RIMPAC), patrocinado pela Marinha dos EUA, o maior exercício naval do mundo. Em 2022, o Peru participou pela décima terceira vez das 28 edições do RIMPAC com o BAP Guise, uma corveta adquirida pela MGP em janeiro.

"É uma tarefa permanente manter um nível ótimo de prontidão, o que implica realizar atividades de preparação progressivas e constantes que abrangem tanto o aspecto de treinamento e preparação da tripulação, a execução de processos logísticos e administrativos, bem como a manutenção e o monitoramento dos diversos programas de reparação dos equipamentos de bordo", concluiu o CF González Cuadros. D

O Esquadrão Submarino 11 da Marinha dos EUA dá as boas-vindas aos marinheiros peruanos a bordo do submarino BAP Pisagua (SS 33) à Base Naval Point Loma, em San Diego, Califórnia, em apoio ao programa Iniciativa de Submarinos Diesel-Elétricos, em 19 de agosto de 2022.

U.S. Navy Submarine Squadron 11 welcomes Peruvian sailors aboard submarine BAP Pisagua (SS 33) to Naval Base Point Loma in San Diego, California, in support of the Diesel-Electric Submarine Initiative program, August 19, 2022.

U.S. NAVY PETTY OFFICER THIRD CLASS BRUCE MORGAN

***Diálogo*, con usted las 24 horas del día, los 365 días del año.**
***Diálogo*, com você 24 horas por dia, 365 dias por ano.**
***Diálogo*, at your side all day, every day.**

DIÁLOGO AMÉRICAS

https://www.dialogo-americas.com

@DialogoAmericasESP
@DialogoAmericasPORT
@DialogoAmericasENG

Dialogo_es
Dialogo_pt
dialogo_eng

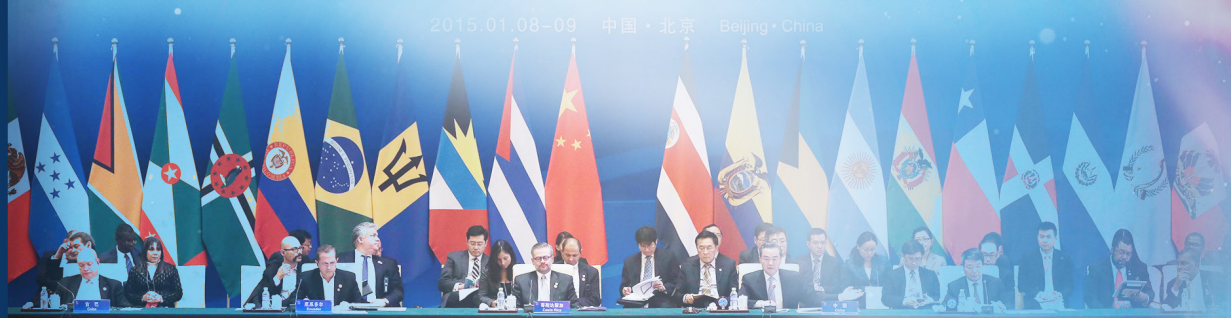
dialogo@dialogo-americas.com

ENQUETE

Queremos ouvir a sua opinião!
Digitalize o código QR para participar de uma breve pesquisa.
Diálogo-Américas

***Diálogo* es su foro militar. A cualquier hora y en cualquier lugar.**
***Diálogo* é seu fórum militar. A qualquer hora, em qualquer lugar.**
***Diálogo* is your military forum. Any time, any place.**

Layout created in cooperation with Multimedia Support Detachment, D Co, 3rd POB (A) (D) 8th POG (A) Multimedia Complex, Ft. Bragg, NC



DIÁLOGO AMÉRICAS

https://www.dialogo-americas.com